

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**A RECONFIGURAÇÃO DO IMAGINÁRIO NA ADOLESCÊNCIA: UM
RECORTE TEÓRICO EM O BARÃO NAS ÁRVORES, DE ÍTALO
CALVINO, À LUZ DA PSICANÁLISE**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MARÍLIA DO NASCIMENTO ENGLEITNER

Santa Maria, RS, Brasil

2012

MARÍLIA DO NASCIMENTO ENGLEITNER

**A RECONFIGURAÇÃO DO IMAGINÁRIO NA ADOLESCÊNCIA: UM
RECORTE TEÓRICO EM O BARÃO NAS ÁRVORES, DE ÍTALO
CALVINO, À LUZ DA PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia da Saúde,
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia da Saúde

Orientador: Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana

Santa Maria, RS, Brasil

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

E58r Engleitner, Marília do Nascimento

A reconfiguração do imaginário na adolescência : um recorte teórico em o Barão nas árvores, de Ítalo Calvino, à luz da psicanálise / Marília do Nascimento Engleitner. – Santa Maria : UFSM, 2012.

123 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria. - Programa de Pós Graduação em Psicologia, 2012

1. Adolescência 2. Imaginário 3. Psicanálise II. Título.

CDU: 159.964.2

Responsável pela catalogação:

Bibliotecária – Fernanda Ribeiro Paz CRB 10 / 1720

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado

**A RECONFIGURAÇÃO DO IMAGINÁRIO NA ADOLESCÊNCIA: UM
RECORTE TEÓRICO EM O BARÃO NAS ÁRVORES, DE ÍTALO
CALVINO, À LUZ DA PSICANÁLISE**

**Elaborada por
Marília do Nascimento Engleitner**

Como requisito para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia da Saúde

COMISSÃO EXAMINADORA:

Dr. Alberto Manuel Quintana
Presidente/orientador

Dr. Luís Fernando Lofrano de Oliveira
Co-orientador

Dr^a Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Dr^a Carmen Backes (UFRGS)

Santa Maria, 18 de maio de 2012.

AGRADECIMENTOS

Vivemos numa época de profundas mudanças subjetivas na forma de ser e na maneira de ver o mundo. Adquirir conhecimento é um aspecto importante no sentido de nossa evolução, entretanto, é preciso que este esteja aliado à transmissão de valores e as formas simbólicas da existência. Muitas pessoas deixam-se levar pelo engodo de que “o ter” importa mais que “o ser”, e os sentimentos são cada vez mais descartáveis produzindo dificuldades de ordenar ideias. Assim, em acordo com Morin no seu texto sobre “Amor, poesia e sabedoria”, estes elementos precisam estar interligados em nossa subjetividade, no sentido de ordenar nossas vidas no laço social.

O texto de Morin que faz uma reflexão em torno do amor, da poesia e da sabedoria, indica as intrigantes complexidades diante dessas três evidências. Assim, não podemos prescindir do amor, nem do estado criativo ao olhar o mundo, que a poesia nos oferece, e ainda, necessitamos de sabedoria para efetuarmos ações no mundo. Segundo o autor, o gênero *homo* é formado por qualidades de *sapiens*, ou seja, um ser racional e sábio, é sem dúvida, pouco racional e sábio. Ser *homo* implica igualmente ser *demens*. Implica manifestar uma afetividade extrema, compulsiva, com paixões, mudanças brutais de humor; em carregar consigo uma fonte de delírios. Há no ser humano um foco permanente de *ubris*, a desmesura dos gregos.

O autor indica que para tratar do *homo sapiens-demens*, é indispensável à afetividade, ligando o amor e a poesia. Dentre as inúmeras interpretações que podem ser feitas a partir destas palavras de Morin, percebe-se a importância de descobrirmos que o mundo de separação, da dispersão, da atenção, da descoberta, significa também o mundo do encontro, da exaltação, da finitude e do imaginário. Isso vem ao encontro à proposta dessa dissertação, ou seja: trabalhar com o campo do imaginário e da passagem adolescente, onde se encontram componentes do mito, da imaginação, da forma como compomos imagens, que não

representam uma simples superestrutura ou etapa do desenvolvimento, e muito menos ilusão, mas sim, uma profunda realidade humana.

Diante dessas considerações, numa trajetória é importante recordar que mudanças aconteceram e que muitas pessoas fizeram parte dessa história e contribuíram para minha descoberta, de efetuar enlaces com outros campos possíveis de diálogo com a psicologia como, por exemplo, a psicanálise e a literatura, que é de fundamental importância no estudo da psicologia. Dessa forma, tenho muito a agradecer:

- Ao meu orientador Dr. Alberto Manuel Quintana pelo acolhimento, indicações de leituras, pelo exemplo de profissional, professor, bem como pela oportunidade de finalização deste percurso acadêmico.

- Da mesma forma, ao meu co-orientador, o professor Dr. Luís Fernando Lofrano de Oliveira pelo incentivo, indicações relativas ao material de pesquisa, além de apontar os limites e atravessamentos teóricos distintos, entre psicologia, psicanálise e outros campos do saber. Também sou grata, pelo respeito e acolhimento as minhas concepções.

- Ao programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado – da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), por ter me oferecido a oportunidade de ingressar no curso onde fiz amigos, convivi com colegas e profissionais, que marcaram minha vida de diversas formas. Especialmente, agradeço as professoras Dorian Mônica Arpini e Beatriz Teixeira Weber pelo incentivo e compreensão em alguns momentos desse percurso.

- Minha gratidão à minha mãe, Elaine, por ter me transmitido o amor às histórias contadas, bem como ao meu pai, João Antônio, por acreditar que o conhecimento possa ser libertador.

- Carinhosamente aos meus irmãos, que participaram ao meu lado nessa trajetória. Especialmente ao meu irmão José Hermes pelo amor fraterno e incentivo diário. E ainda é fundamental citar o nome da minha irmã e, amiga eterna, Valéria Ribas do Nascimento, profissional que admiro e respeito. Além disso, agradeço a ela a indicação da obra de Calvino (2008), que se tornou objeto dessa pesquisa e elemento articulador de alguns grupos de pesquisa que participei sob sua orientação na Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA).

- Um agradecimento especial ao meu esposo, Paulo, pelo apoio aos investimentos e deslocamentos, ao longo desta trajetória. Também, preciso agradecer a minha filha Júlia, por me indicar que, a “juventude” comporta um tempo singular de crescimento e transformação.

- Aos colegas da Associação Espaço de Psicanálise de Ijuí – AEP – pelo acolhimento e transmissão de conhecimento relativo ao campo da psicanálise. Especialmente agradeço à

amiga e colega de profissão Luciane Veronese que, desde os tempos anteriores a formação em psicologia e na Universidade Regional Integrada das Missões (URI), tornou-se um exemplo de professora, psicóloga e ser humano. À colega, Marcele Homrich pela leitura de alguns textos, acolhimento das minhas ideias e apontamentos. Também agradeço, a Iza Maria Abadi de Oliveira pelas palavras e escuta atenta, que produziram enlaçamentos fundamentais durante esta pesquisa.

- Agradeço as colegas de trabalho onde exerço minha prática clínica: Jane Bess, Geovana Vieira Chiapeta e Ingrid Mello pelas trocas de materiais, indicações bibliográficas e convívio diário.

- Da mesma forma, agradeço aos professores José Vicente de Alcantara e Deise Juliana Francisco, da Universidade Regional Integrada das Missões (URI), pelo exemplo de profissionais, pelo incentivo a pesquisa e interação com outros campos de trabalho, além da psicologia.

- Agradeço por derradeiro, a secretária do curso de Mestrado em Psicologia da Saúde, Célia Terezinha Foletto e aos colegas: Estefânia Cazarolli, Carolina Rohde, Moisés Romanini, Carlise Cadore, Marisangela S. Lena, Carina Leite e Milena Leite Silva, Pascale Chechi, Rodrigo Polli, Gênesis R. Sobrosa, pela convivência e amizade.

Calvino para o mundo do imaginário e a passagem adolescente: “Aquele que deseja observar bem a terra deve manter a devida distância”.

(Calvino, 2008)

RESUMO

Esta pesquisa aborda o campo do imaginário e adolescência, tendo como objetivo conhecer: Qual o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência? Também pretendemos investigar, através da psicanálise, quais elementos e complexos que formam o imaginário do sujeito, e compreender como o adolescente se reconhece no que não se conforma a uma imagem. Delimita-se a pesquisa através da análise do livro de Ítalo Calvino (2008), intitulada *O barão nas árvores* que, apresenta os impasses da operação alienação-separação de alguns personagens, no sentido de efetuarem um enlace subjetivo no social. Igualmente abordamos um enfoque sobre a adolescência na atualidade. O método de abordagem baseou-se em uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é construída a partir do *corpus* teórico de referência a psicanálise freudo-lacanianana. Os resultados da investigação são analisados através de procedimentos para análise de dados e utilizamos as técnicas de leitura dirigida pela escuta e transferência instrumentalizada. Concluimos que o lugar do imaginário na adolescência é servir de borda ou rede de proteção subjetiva para as experiências que o sujeito compõe ao longo da vida.

Palavras-chave: Adolescência; campo do imaginário; psicanálise; cultura.

ABSTRACT

This research addresses the imaginary field and adolescence, with the objective to know: What place does the imagery in the reconfiguration of adolescence? We also intend to investigate, through psychoanalysis, which elements and complexes build the subject's imagination, and understand how adolescents recognize themselves when it does not conform to an image. Research is delimited by the analysis of the book by Italo Calvino (2008), entitled “O Barão nas Árvores” (*The Baron in the trees*), which presents the dilemmas of alienation-separation operation of some characters in order to perform a subjective link in the social. It also covered a focus on adolescence today. The method of approach was based on a literature search. The bibliographical research is constructed from the theoretical corpus of reference to Freudian-Lacanian. The research results are analyzed using procedures for data analysis and use the techniques of guided reading by listening and instrumental transfer. We conclude that imagination in adolescence works as an edge or subjective safety net for the experiences that make up the subject throughout life.

Key-words: adolescence; imaginary field; psychoanalysis; culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 HORIZONTES DA PESQUISA	15
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO.....	15
1.2 ADOLESCÊNCIA	19
1.3 POR QUE CALVINO?	26
2 PSICANÁLISE E MODOS DE VER A ADOLESCÊNCIA	28
2.1 PESQUISA PSICANALÍTICA.....	28
2.2 O ESTÁDIO DO ESPELHO E CONSTITUIÇÃO DO IMAGINÁRIO	32
2.2.1 Lacan	34
2.2.2 Françoise Dolto	42
2.2.3 Winnicott	47
2.3 CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E INSERÇÃO NA CULTURA.....	49
2.4 AS IDENTIFICAÇÕES NA ADOLESCÊNCIA SEGUNDO AS LEITURAS FREUDIANAS E LACANIANAS	58
3 ADOLESCÊNCIA: ANÁLISES POSSÍVEIS	68
3.1 O BARÃO NAS ÁRVORES: UMA LEITURA PSICANALÍTICA.....	68
3.1.1 Personagem Cosme Chuvasco de Rondó.....	70
3.1.2 Personagem narrador - Biágio Chuvasco de Rondó	79
3.1.3 Personagens femininas: Batista Chuvasco de Rondó e Violante Rodamargem.....	80
3.1.4 Considerações finais sobre a obra.....	82
3.2 ADOLESCÊNCIA NA ATUALIDADE.....	85
3.2.1 Expressões da subjetividade dos adolescentes na cultura.....	85
3.2.2 Contextos atuais: a fragmentação das narrativas e as comunidades em redes virtuais	93
3.2.3 O lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

No convívio com adolescentes, tanto na família, como no âmbito social e prática clínica percebemos suas dificuldades em desprenderem-se do núcleo familiar, no sentido de recriarem suas vidas. Sabemos através de estudos psicanalíticos que, a conquista do *status* de adulto não ocorre somente a partir do desenvolvimento biológico e aquisições sociais, mas exige um trabalho psíquico e emocional. Nessa mesma perspectiva, os jovens endereçaram as suas queixas e também procuraram encontrar uma direção em suas vidas. Entretanto, muitas vezes, não sabíamos como auxiliá-los sem sermos explicativos nas defesas do imaginário que não ofereceriam aberturas singulares aos mesmos, sendo esta uma das razões que nos motivaram a escolha do tema, *A reconfiguração do imaginário na adolescência: um recorte teórico em, o barão nas árvores, de Ítalo Calvino, à luz da psicanálise.*

Os adolescentes, ao tentarem reconfigurar o seu imaginário e saírem do lar paterno e materno, podem encontrar no mundo muitos empecilhos. Eles podem encontrar situações que os levam a reforçar sua agressividade e ironia, ou mesmo podem isolar-se do convívio social; outras vezes, podem culpar os pais pelos seus fracassos na vida, sem conseguirem mudar suas posições em relação ao seu próprio desejo e em relação às exigências sociais e profissionais que a cultura atual demanda.

Consideramos que há outros jovens que, simplesmente, podem ter desistido de buscar alguma ideia, imagem, sentido, no mundo externo, ou no outro, que os conduzam a despertarem para a vida, e para suas possibilidades criativas. Dentre estes adolescentes, lembramos dos que estão na delinquência, daqueles envolvidos com drogas, dos jovens depressivos, aqueles com sintomas de anorexia e bulimia, etc.

Tais situações vividas pelos adolescentes podem trazer prejuízos a sua saúde, tanto psíquica quanto física. O envolvimento dos jovens em situações de violência, abandono e delinquência pode ser acompanhado através dos meios de comunicação, pelos depoimentos de profissionais de vários campos do saber e inclusive através da ficção literária.

O sofrimento dos jovens, que se expressam na sociedade, também revela os aspectos subjetivos da transmissão de uma cultura. Na cultura globalizada as fronteiras territoriais se esmaecem sendo que o adolescente não tendo mais um modelo no Pai, na Pátria, ou no mestre, para se situar no caos do mundo, recorre ao seu foro íntimo e tenta se responsabilizar por suas ações.

Em nosso meio social estão as vitrines para que todos vejam e sejam vistos, numa rede de imagens e informações, autênticas ou criminosas, muito além de nossa capacidade de processamento, deixando no sujeito a marca melancólica da permanente defasagem e de uma sensação de inclusão sempre precária. Na infância era a mãe que fazia a mediação entre a criança e o mundo externo, já na adolescência, essa mediação precisa ser feita pelo Outro.

A cultura que vivemos também está marcada por avanços tecnológicos, pela chegada da informática, pelas relações virtuais que ela possibilitou (blogs, chats, Orkut, MSN) e pelo acesso facilitado a informações, mercados e serviços. A nova ordem social se revela a partir de uma alteridade imaginária, onde as relações humanas se estabelecem de forma horizontalizada, as narrativas se expressam de forma fragmentada, e pela falta de imagem externa de um mestre ou senhor que soubesse indicar o melhor caminho para se seguir. Abre-se um lugar aos questionamentos sobre o ser, sobre quem realmente somos para nós mesmos e para os outros, que são as questões típicas vividas na adolescência.

A cultura familiar tenta apoiar o jovem, entretanto, também sofre mutações com as novas linguagens digitais, com as tecnologias da informação que geram mudanças subjetivas. Com essas transformações ocorrem trocas que podem desestabilizar o indivíduo ou as escolhas de valores, sendo que a língua dos pais é colocada em questionamento. Os filhos podem, nessas circunstâncias, por um lado, considerar os pais alienados e atrasados, por outro lado, os considerar superpais que estão além do seu alcance, com efeito, nunca conseguirão ter o “sucesso” dos pais. Há ainda, uma terceira possibilidade em que os filhos percebem que os pais são como são, aceitam suas limitações, e seguem compondo laços com os outros no social.

Conforme será abordado mais adiante, uma das questões dos adolescentes envolve a passagem do familiar ao social, o que indica a necessidade de reconfigurar seu imaginário, com efeito, isso somente poderá ser realizado através de um endereçamento simbólico do sujeito na cultura com a perspectiva de que essa tenha algo a lhes dizer, ou ao menos, os efeitos da fala do sujeito endereçada ao outro possa lhe remeter a novas identificações. As considerações efetuadas permitem que coloquemos o problema da pesquisa, ou seja: Qual o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência?

Desse modo, percorremos alguns caminhos para ir ao encontro do problema de pesquisa. No primeiro capítulo partimos da investigação sobre uma forma de contextualizar o estudo, igualmente, pesquisamos as especificidades da adolescência segundo a psicanálise, bem como esclarecemos o motivo que nos levou a escolher a obra de Calvino (2008) como arcabouço do estudo, ou seja, adolescência e imaginário.

No segundo capítulo, que envolve a psicanálise e modos de ver a adolescência, efetuamos a investigação sobre a constituição do campo do imaginário e estágio do espelho na teoria freudo-lacanianana. Pesquisamos as ideias de Lacan, Françoise Dolto e Winnicott sobre a constituição da matriz do *eu ideal* ou registro imaginário.

Nesse passo, enfocamos também a constituição do sujeito e a inserção na cultura, visto que destacamos a importância da construção da metáfora paterna, no sentido da integração do sujeito no social. Verificamos que a forma de vermos e enxergarmos as coisas do mundo depende de marcas simbólicas que nos são transmitidas através da cultura.

No recorte teórico que efetuamos sobre as identificações freudianas e lacanianas procuramos verificar como a psicanálise enfoca o campo das identificações e qual a relação do imaginário com este campo. Investigamos elementos relativos às identificações intersubjetivas e transsubjetivas, onde estão implicadas as ideias de: narcisismo, *ego* e objeto e também a noção da trajetória da histeria.

No terceiro capítulo trabalhamos “Adolescência: Análises Possíveis” que foi dividido em duas partes, sendo que a primeira parte enfoca a obra de Calvino (2008), “O barão nas árvores: uma leitura psicanalítica”, e a segunda parte aborda a “Adolescência na atualidade”.

Assim, efetuamos uma análise possível de alguns personagens da obra de Calvino (2008), que é detalhada com a intenção de efetuarmos reflexões sobre a adolescência na modernidade e tecer formas singulares de reconfiguração do imaginário no âmbito social. Pretendemos, neste enfoque, que os deslocamentos produzidos através da literatura, nos permitam repensarmos os conceitos e os elementos teóricos estudados do campo da psicanálise, com efeito, encontrar na estrutura dessas duas disciplinas seus pontos de limites e ultrapassamentos.

Aliado a isso, delineamos um recorte da adolescência na atualidade, onde incluímos algumas reflexões sobre expressões da subjetividade de adolescentes na cultura. Abordamos também, os exemplos de dois jovens, que num determinado momento de suas vidas, apresentam formas específicas de reconfiguração do imaginário na adolescência.

Somando-se a isso, na segunda reflexão, desse mesmo subitem, trouxemos uma experiência que vivemos no projeto de pesquisa *Criando laços via recursos informatizados*,

que demonstra formas de utilização das redes sociais de informação, como elementos mediadores, de reconfiguração do imaginário na adolescência.

Para sustentar esta sistematização do estudo, o método de investigação adotado é de pesquisa bibliográfica, a qual é constituída através do *corpus teórico* de referência a psicanálise freudo-laciana.

1 HORIZONTES DA PESQUISA

Neste capítulo retomamos alguns pontos iniciais da pesquisa, no sentido de situarmos de forma mais específica para o leitor, os caminhos iniciais que percorremos no estudo sobre a reconfiguração do imaginário na adolescência. Na primeira parte que tratamos sobre a contextualização do estudo, sublinhamos o problema da pesquisa, os objetivos específicos, e o enfoque teórico dentro da abordagem psicanalítica, bem como os conceitos e elementos priorizados no trabalho.

Na segunda parte, enfocamos a adolescência como produto da eclosão da modernidade e da era industrial, a qual estabeleceu as condições para o surgimento da adolescência. Da mesma forma, sublinhamos a adolescência, conforme a perspectiva da psicanálise freudolacaniana, sendo pensada como um momento de passagem do familiar ao social em que o jovem necessitará reelaborar uma série de operações fundadoras.

Tratamos, na terceira parte do estudo, do motivo que nos levou a escolher a obra de Ítalo Calvino (2008), *O barão nas árvores*, como elemento de apoio para as discussões, a respeito da reconfiguração do imaginário na adolescência.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Nossa pesquisa se justifica, devido à necessidade de investirmos em nossa formação, no sentido de acolhermos os impasses advindos do âmbito clínico e social de nossa profissão. Sabemos que, escutar o outro e proporcionar o acolhimento do sofrimento humano, requer a reflexão do que promovemos como subjetividade humana nos contextos da cultura. Somos responsáveis pela transmissão da linguagem, por isso recorremos ao conhecimento que este estudo proporciona, compreendemos que é a partir do ser e dos enlaçamentos subjetivos configurados com os outros que podemos partir para coisas mais objetivas.

Desse modo, numa cultura tão diversificada como a nossa, o estudo desse trabalho pretende demonstrar que, os aspectos subjetivos implicados na operação adolescente não são naturais e dados somente pelo desenvolvimento, mas requerem o encontro com questões subjetivas e simbólicas, sendo que, demandam um trabalho de formação, representação e construção de conhecimento.

Acreditamos que a proposta da pesquisa considerada, que abrange o tema sobre a adolescência e a reconfiguração dessa passagem, possa fornecer elementos que nos permitam operar tanto na clínica, quanto no âmbito social, no sentido de promovermos a saúde que,

envolve a capacidade de voz, liberdade de expressão e pensamento dos adolescentes e nos endereçam suas queixas e sintomas. Portanto, o estudo sobre o campo do imaginário proporciona elementos para outras discussões, pois compreendemos que para evoluirmos no estudo dos elementos simbólicos relativos à constituição humana, que são fundamentais para a passagem adolescente é de muita importância o conhecimento sobre as formações das imagens.

Assim, a escolha do tema, *A RECONFIGURAÇÃO DO IMAGINÁRIO NA ADOLESCÊNCIA: um recorte teórico em O barão nas árvores de Ítalo Calvino à luz da psicanálise*, foi pensado, a partir dos impasses que tivemos em nossas experiências, tanto na clínica, quanto no âmbito social, bem como através do gosto pela literatura e investimentos necessários a nossa formação pessoal e profissional.

Inicialmente pensamos que o campo do imaginário desenvolvia-se naturalmente, a partir das fases do desenvolvimento subjetivo, mesmo já tendo uma noção de psicanálise desenvolvida durante a formação acadêmica e buscas pessoais. Entretanto, após aprofundarmos os estudos psicanalíticos e literários, compreendemos que nos constituímos a partir do Outro. É pelo discurso desse Outro (grande outro lacaniano), dessa subjetivação, que a criança passa a encontrar elementos que permitirão a ela vir a se reconhecer como ser e sujeito de um devir. Na adolescência a reconfiguração do imaginário exige um trabalho psíquico considerável, o qual não é dado somente pelas fases do desenvolvimento.

Recordamos que nosso projeto de pesquisa inicial intitulou-se '*Questões clínicas acerca da formação do eu na adolescência: um recorte teórico a partir da práxis em psicanálise*', o qual foi modificado devido à abrangência do tema, na abordagem do estudo escolhido, e também, devido a nossa dificuldade de delimitar os conceitos e aspectos teóricos que dariam sustentação a nossa questão de pesquisa.

Assim, após a defesa do projeto de pesquisa acolhemos as sugestões da banca, e escolhemos pesquisar sobre imaginário e a adolescência, porque consideramos fundamental para a configuração do ser e para reconfiguração da passagem adolescente.

O problema da pesquisa abrange compreender: Qual o lugar do imaginário na reconfiguração adolescente?

Nesse contexto, o objetivo geral do estudo, visa investigar a reconfiguração do imaginário na adolescência, a qual pretende estudar a reconfiguração do imaginário em alguns personagens da obra *O barão nas árvores* de Ítalo Calvino. Na sequência das considerações efetuadas, os fragmentos da narrativa de Calvino demonstram a relação do personagem Cosme com a 'muda' adolescente, que é percebida quando ele demonstra sua retirada do

circuito familiar. Num determinado momento ele refere: “Aquele que deseja observar bem a terra deve manter a devida distância” (2008, p.168).

Assim, em *O barão nas árvores* tentamos compreender a posição do personagem Cosme, na reconfiguração da sua passagem adolescente, no sentido de se inserir na cultura. Por outro lado, os aspectos referentes à escrita literária permitem ampliarmos nossa abordagem e pensar nas novas formas de subjetivação, no contexto, da cultura moderna. Há a posição do personagem narrador, que se chama Biágio, o qual apresenta uma narrativa outra na passagem adolescente, sendo que, os personagens perdem a nitidez e demonstram conflitos e dúvidas típicas do indivíduo moderno.

A pesquisa ainda apresenta como objetivos específicos, resgatar elementos teóricos e conceituais da psicanálise referentes ao campo do imaginário, e compreender como o adolescente se reconhece no que não se conforma a uma imagem. Dessa forma, nos questionamos se haveria uma ética do imaginário.

Temos uma hipótese de que para o adolescente ‘mudar’, reconfigurar seu imaginário necessita compor uma operação de passagem, que é investigada, ao longo dessa pesquisa. Podemos comparar a ‘muda’ adolescente ao crescimento das mudas de plantas, quando transportadas para terrenos férteis, promovem crescimento e força para mesmas. Portanto, o terreno para o qual são transportadas essas mudas, é de fundamental importância.

No que se refere à adolescência o estudo abrange compreender, a visão de alguns psicanalistas, a respeito da adolescência como “passagem para vida adulta”, e compreender por que na cultura moderna esta passagem é vista como um enigma. Também, procuramos refletir sobre os comportamentos dos jovens, no contexto da cultura moderna.

Nesse ponto do trabalho nos perguntamos: Por que Calvino? Enfocamos primeiramente, como objeto de estudo, o imaginário e a adolescência através da obra literária *O barão nas árvores* de Calvino (2008), pois pensamos que contribui com a compreensão da reconfiguração do imaginário na passagem adolescente e com as novas formas de discurso nos contextos da cultura moderna. Da mesma forma, auxilia a pensarmos os conceitos da psicanálise em seus deslocamentos e aberturas simbólicas.

O segundo capítulo que aborda a “Psicanálise e modos de ver a adolescência” está dividido em quatro partes. A primeira parte situa alguns caminhos para construir pesquisa em psicanálise. Estudamos as características essenciais que singularizam o pesquisador psicanalítico que são: o campo, o objeto e o método. O campo é o inconsciente. O objeto é o enfoque ou perspectiva a partir de uma posição em que é colocado o pesquisador

psicanalítico. O método é o procedimento pelo qual ele se movimenta pelas vias de acesso ao inconsciente.

A segunda parte investiga a complexidade do imaginário e suas vicissitudes na adolescência, indo ao encontro do nosso problema inicial de pesquisa, que abrange conhecer alguns elementos metapsicológicos implicados na configuração e reconfiguração imaginária do sujeito. Pretendemos verificar a importância da imagem nesse contexto. Para isso, analisamos a visão de Lacan (1998), de Dolto (1992; 2008), de Winnicott (1975) e de autores afins, a respeito da fase do espelho, e também, sobre o campo imaginário. Tais referências apresentam peculiaridades distintas, no sentido que expressam diferentes enfoques sobre a imagem, a imagem especular, a noção de tempo, a ideia do gesto espontâneo, sobre os fenômenos de ilusão e alienação, os quais nos oferecem algumas bases para pensarmos os aspectos relativos aos fenômenos de identidade-identificação na passagem adolescente.

Na sequência do trabalho, enfocamos a constituição do sujeito e inserção na cultura, onde situamos a importância do Outro nos cuidados iniciais da criança e da função paterna, sendo assim refletimos sobre o complexo de Édipo feminino e masculino. Estudamos a importância da constituição do sujeito no sentido de uma inserção no social.

Dando continuidade a pesquisa, o conceito de identificação na adolescência é estudado a partir das leituras freudianas e lacanianas, onde se discute dois eixos de investigação, ou seja, as identidades e as identificações na adolescência. O primeiro que comporta mais especificamente este estudo, se refere ao campo das identidades, do imaginário, da subjetividade, do ser, do indivíduo, e o segundo, comporta o âmbito das identificações, dos aspectos simbólicos, ou seja, do sujeito, da linguagem que fornece elementos significantes relativos à reconfiguração da adolescência.

No terceiro capítulo trabalhamos “Adolescência: análises possíveis”, onde delimitamos a primeira parte que aborda “O barão nas árvores: uma leitura psicanalítica” e a segunda parte que enfoca a “Adolescência na atualidade”, pois expressa o valor da imaginação como produtora de subjetividade que, se diferencia dos espelhismos imaginários, fortalecidos pela idealização do objeto e empobrecimento da capacidade criativa. A literatura é utilizada como ponto de amarragem ao simbólico.

O objetivo da interface entre literatura e o campo imaginário sustenta-se, pois no contexto moderno o discurso do sujeito se expressa de forma fragmentada, sendo necessária a relação com o Outro, para que se produzam efeitos de sujeito no enlace ao social. A ficção literária apresenta-se como ponto de enlace subjetivo. Assim, utilizamos alguns recortes narrativos da obra de Calvino (2008) através de Biágio, na posição de narrador, e do

personagem Cosme. Abordamos, de forma tangencial, as personagens femininas, Viola e Batista, para abrir outros questionamentos sobre a reconfiguração do imaginário na passagem da adolescência.

Enfim, a parte que aborda a adolescência na atualidade é dividida em três itens. No primeiro item, abordamos as expressões da subjetividade dos jovens na cultura atual, através de dois exemplos, sendo que verificamos que a “pane do imaginário” pode dificultar ou mesmo alienar o jovem a demanda do Outro, impedindo de alguma forma o engajamento de alguns jovens em projetos pessoais e sociais.

No segundo item, discutimos através da experiência que tivemos no projeto “Criando laços via recursos informatizados”, se os espaços virtuais podem ser veículos promotores da reconfiguração da adolescência ou apenas um dispositivo de alienação subjetiva. Da mesma forma, procuramos verificar de que maneira o sujeito, mesmo em condições psíquicas fragilizadas, pode efetuar laços sociais em vínculos reais nos espaços institucionalizados.

Refletimos sobre o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência, no terceiro item, desta mesma parte. Efetuamos uma reflexão sobre os conceitos teóricos desenvolvidos nos capítulos anteriores, assim como sobre a análise da obra de Calvino, no sentido de efetuarmos articulações mais precisas sobre o nosso problema de pesquisa.

Nesse fito, seguimos um estudo sobre a adolescência que fornece uma parcela importante de recursos nas pesquisas em psicanálise, para o trabalho clínico e social que, somado a outros investimentos, ampliam nossa visão relativa ao campo da saúde do adolescente.

1.2 ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma das formações mais importantes de nossa época e acaba sendo atingida pelos apelos da cultura. Calligaris (2000) argumenta que, ela é um mito criado no início do século 20, é o prisma pelo qual os adultos olham os jovens e os próprios se contemplam. Sendo assim, o sujeito na passagem da adolescência convive com as dificuldades de reconfigurar sua subjetividade, no quadro da família moderna, no sentido de ser reconhecido e adquirir *status* de adulto.

Como instituição historicamente determinada ela é um fenômeno da modernidade que, atinge o jovem do ocidente por ocasião da puberdade, quando por falta de dispositivos presentes nas organizações societárias, a passagem da criança ao jovem adulto se tornou

problemática. Assim, a adolescência é um produto do impacto das intensificações das exigências sociais sobre o jovem em vias de deixar a infância.

Em outras épocas e culturas houve também, exigências sociais sobre os indivíduos em crescimento, existia sempre o impacto pubertário sobre o corpo do jovem em idade de deixar a infância, entretanto nenhum desses fenômenos eram condições suficientes para produzir adolescência. Contudo, com a eclosão da modernidade e da era industrial estabeleceu-se condição necessária para o surgimento da adolescência.

Esse período de vida é produto da modernidade e somente se tornou necessário ao jovem *adolescer*, quando desapareceu da vida social e das práticas comunitárias a eficácia com que a sociedade tradicional podia tratar os ritos que proporcionavam a conversão do real implicado nos apelos corporais e sociais da puberdade em significantes constituintes para o sujeito de sua subjetividade adulta. Na cultura tradicional, os rituais de iniciação na adolescência, visavam submeter o adolescente as leis de sua cultura.

Os jovens não têm pontos de referência dados explicitamente pela sociedade, que lhes permitam ter a coragem de assumir o risco da realidade que, os aguarda do outro lado do rio. Dolto (1990) argumenta que, se há um aumento de adolescentes desesperados, por fuga no imaginário da droga ou no imaginário da morte, o suicídio, talvez seja porque falem rituais de passagem em que os adultos decretam ao jovem que, a partir de agora, é uma pessoa de valor.

A palavra adolescência aponta esse drama vivido pelo indivíduo e tem dupla origem etimológica. Ela vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significa a condição para crescer. A adolescência também deriva da palavra *adolescere*¹, origem da palavra *adoecer* (OUTEIRAL, 1994). Assim, a própria origem etimológica da palavra implica certa complexidade, não só para os adolescentes conforme as determinações do que seja um adolescente pela Organização Mundial da Saúde², mas também para indivíduos que, num momento ou outro possam demonstrar uma posição discursiva adolescente e apresentar sofrimentos, muito comuns nos dias de hoje, diante das metamorfoses sociais do indivíduo na sociedade globalizada.

Dessa forma, a ausência de eficácia do ritual, o apelo corporal e social atinge o indivíduo sob a forma do não simbolizado, sob a forma do real, sendo que o sujeito se sente muitas vezes aturdido, estupefato e mudo. O jovem não tem como responder a esse apelo senão pela produção do *adolecimento*.

¹ Adolescente, do latim *adolescere*, significa *adoecer*, enfermar.

² OMS: define adolescência em duas etapas, a primeira dos 10 aos 16 anos, e a segunda, dos dezesseis aos vinte anos.

Em nossa cultura a passagem para vida adulta é um verdadeiro enigma. Para Calligaris (2000) e Rappaport (1993) a adolescência não é só uma “moratória” mal justificada, mas contradiz valores cruciais como o ideal de autonomia. Para o adolescente, ela é uma sofrida privação de reconhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos adultos. É também um tempo de transição e de espera para responder somente, após um segundo crescimento, ao apelo pubertário e social.

Essa moratória exige um trabalho psíquico, conforme alerta Rappaport, sendo que, sua durabilidade dependerá menos da idade do que do tempo necessário para realização do seu trabalho subjetivo. Ela pode durar “(...) de meia a duas décadas, não nos espantemos se ela atingir até três décadas” (1993, p.42).

Nessa senda, o trabalho psíquico da adolescência pode ou não se realizar e, mesmo quando se realiza satisfatoriamente pode deixar restos mais ou menos importantes. A adolescência, enquanto tarefa terá seu êxito dependente da estrutura subjetiva do jovem púbere já estabelecida antes de *adolescere*, bem como poderá sobre aquela estruturação agir constitutivamente, segundo a lógica de possibilidades abertas que ela comporta.

Adolescência e registro imaginário podem ser articulados, através de elementos concernentes ao ser, os quais foram constituídos na infância, sendo que na adolescência precisam ser reconfigurados. Segundo o psicanalista Winnicott (1996), ao se questionar sobre a vida ele destaca que, ela está mais próxima do ser do que do sexo. Argumenta o autor que ser e se sentir real dizem respeito essencialmente à saúde, e só se garantirmos o ser é que podemos partir para coisas mais objetivas.

Quando nos reportamos ao ser, estamos pensando nos aspectos constituintes da subjetividade na infância como a ideia de *eu ideal*, complexo de Édipo e estádio do espelho e no conceito de castração. Tais noções são pensadas a partir da constituição subjetiva da criança na infância, através da relação com os pais, familiares, colegas da escola e professores.

Uma vez instituída no mundo moderno, a adolescência, se põe como um processo necessário para a reconfiguração da subjetividade do homem adulto. Note-se desse modo, a importância do trabalho com o imaginário, com o ser e a subjetividade que abrange a proposta parcial desse estudo.

O jovem vive um paradoxo: ele é frustrado pela moratória imposta e também, através da idealização social que lhe ordena que seja feliz. Se a adolescência é um ideal para todos, o indivíduo só pode ter a delicadeza de ser feliz ou, no mínimo fazer barulhentemente de conta (CALLIGARIS, 2000).

De alguma maneira, o autor referido indica que, esse tempo de espera e elaboração que a sociedade proporciona ao jovem, requer um trabalho psíquico para que este se torne adulto. Os adolescentes querem ser reconhecidos pelos adultos, não é suficiente atender a expectativas implícitas e faltar com as explícitas. O indivíduo se encontra entregue a problemas lógicos complicados, porque a adolescência, sendo uma interpretação dos sonhos dos adultos, produzida por uma moratória, força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem dele.

O sujeito em seu crescimento e transformação pode tentar encontrar e construir histórias variadas a essa interpretação dos adultos. As condutas dos jovens são tão variadas quanto os sonhos e desejos reprimidos dos adultos, por esse motivo parecem transgressores.

Caso a adolescência seja pensada como uma patologia, Calligaris (2000) aponta que, ela é então uma patologia dos desejos de rebeldia reprimidos dos adultos. A vida dos adolescentes parece ter pouco haver, com as figuras dessa patologia, mas são importantes por duas razões. A primeira é que descrever e tentar explicar os comportamentos externos dos adolescentes é a melhor maneira de situar os monstros que enfrenta também, o adolescente aparentemente “normal”, embora enfrente de forma mais bem sucedida. A segunda razão é que a adolescência não é só o conjunto das vidas dos adolescentes, mas também uma imagem ou série de imagens que, muito pesa sobre a vida dos adolescentes.

Assim, os adolescentes transgridem para ser reconhecidos e os adultos para reconhecer, constroem visões da adolescência. Elas podem estar entre o sonho, pois afinal o adolescente é a atuação dos sonhos dos adultos, e o pesadelo (desejos que estariam mais bem esquecidos), e o espantalho (desejos que talvez voltem a se vingar de quem os reprimiu) (CALLIGARIS, 2000).

Essas visões e linhas referidas pelo autor são expressões da rebeldia extrema dos adolescentes e sonhos, pesadelos ou espantalhos dos adultos. Por isso, são chaves de acesso à adolescência, sendo que Calligaris destaca cinco: o adolescente gregário, o delinquente, o toxicômano, o adolescente que se enfeita e o adolescente barulhento.

Conforme já referimos, o desejo do adolescente é ser reconhecido e receber o *status* de adulto. Entretanto, na sociedade moderna a posição de cada um depende e esta para além do reconhecimento dos outros que se consegue ou não. O adulto algumas vezes transmite ao seu rebento a ambição de não repetir a vida e o *status* dos adultos que o engendraram. Ou seja, de desrespeitar as origens, de não se conformar, de se destacar.

Nessa travessia, o sujeito tem o suporte de seus pais até determinado ponto. Na verdade eles são infiéis a família, infiéis aos pais. Essa é a lei³, e está certa. No fundo os adolescentes sentem-se apoiados pela honra que os pais lhes concedem de fazerem por eles o que devem fazer e depois os rejeitam, já que eles não os compreendem. Então começam a gostar de qualquer um que os compreenda (DOLTO, 1990).

Assim, nessa senda de “separação” das relações originárias, independente da estrutura do sujeito, implica na construção, no sentido de construção em análise, de um suporte de representação para o “Real” que eclode na puberdade. Ou seja, há o apelo ao saber do pai e sua função de garantir a diferença de lugares como o fez desde a infância. O adolescente reconvoça o saber do pai como aquele que “sabe fazer a mãe gozar”. Na adolescência é preciso que haja outro a encarnar esta função para que o jovem possa colocá-la a prova: o quanto a função paterna se sustenta neste transporte para fora da família (POLI, 2004).

A referência quase exclusiva aos pais, nesse momento será buscada na encarnação de outros ‘mestres’, para os quais o adolescente suportará este saber. Avançando um pouco, podemos dizer que somente num terceiro tempo, no momento de concluir⁴, na saída da adolescência haveria uma dispensa da encarnação do pai que, implica em destituí-lo do lugar superegóico (POLI, 2004).

De outro modo, Rassial (1999) apresenta a adolescência como um “tempo de passagem”, que pode ser um tempo e período estruturante e fundador da personalidade. É um período que possui sua própria lógica nos processos de identificação. Assim, ela pode ser tomada como “pane do *eu*” sob o golpe do real da puberdade, um momento lógico da efetuação de uma operação simbólica, ou seja, desfazimento do corpo infantil e assunção do corpo adulto.

A adolescência é uma consequência da infância e entrada na vida, mas não na lógica de pensar a evidência do ser relativa às questões de identidade. É do vazio do ser configurado pela afecção imaginária do *eu*, que advêm do desmoronamento da consistência parental

³ A respeito da lei, podemos verificar o trabalho de Philippe Julien intitulado “Abandonarás teu pai e tua mãe”, onde aborda e discute as três leis que se referem ao que transmitimos aos nossos filhos, são elas: a lei do bem estar, a lei do dever e a lei do desejo na conjugalidade. O autor aponta que não há transmissão sem conjugalidade, a qual funda a parentalidade. A família de origem não deve se fundar na parentalidade, mas é a conjugalidade de um homem e uma mulher que funda a parentalidade. Só uma mãe e um pai, que foram e ainda continuam sendo um para o outro, ou seja, mulher e homem podem transmitir a lei do desejo a seus filhos uma vez crescidos, pois esses pais estão voltados para geração seguinte. Assim, o pai pode passar do ideal para o humano. Muralha contra o mal e a infelicidade. A demanda por um pai forte é sempre fatal e conduz ao fascismo.

⁴ O momento de concluir refere-se, nesse contexto, ao texto “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada” de Lacan (1998).

imaginária do Outro⁵; da pretensão da lei, a qual pretende delimitar o verdadeiro ou falso; e da relatividade do saber, pois o saber se configura a partir da dúvida, em que se inaugura esse tempo de reconfiguração (RASSIAL, 1997).

Devido a essas características e mudanças na subjetividade do jovem, esse necessitará efetuar um trabalho psíquico estabelecendo trocas, diante das identificações imaginárias que, pareciam fixadas na infância e promover enlaçamentos sociais e simbólicos. Na adolescência o sujeito precisa se apropriar da identificação especular que sustentava seu ser no olhar e na voz do Outro, antes de dar novamente ao esse, imaginariamente, outra consistência. O Outro da criança deve ser referido à mãe e o Outro do Édipo, sendo que, Outro do adolescente está imaginariamente ligado ao Outro sexo.

O olhar e a voz vão aparecer na adolescência como objetos divididos. Podemos pensar que por um lado, há o olhar e a voz do sujeito, que já foram constituídos como objetos, objetos parciais em relação a outros objetos para sustentar a dimensão imaginária. Por exemplo, de um lado, há o olhar e a voz da mãe, depois dos pais, enfim deste Outro sexo ideal.

Desta forma, a adolescência implica uma série de operações fundadoras. Rassial *apud* Backes (2010) indica que, em primeiro lugar se na fase do espelho, era o olhar e a voz maternos que lhe asseguravam consistência e existência da criança, na adolescência o jovem deverá se apropriar desses objetos, ou deslocá-los. Na circulação pelo Édipo, tudo girava em torno da mãe, é pelo reconhecimento da função paterna, que a criança “desiste” do objeto materno.

O adolescente se sente inseguro, pois se olha no espelho e se acha diferente. Percebe que perdeu a graça infantil, que em nossa cultura parece garantir o amor incondicional dos adultos. Tal insegurança perdida, deveria ser compensada por um novo olhar dos mesmos adultos, que reconhecesse a imagem púbere como sendo a figura de um outro adulto seu par iminente. Contudo, se esse olhar falha, o adolescente perde a segurança do amor que era garantido à criança, sem ganhar em troca essa outra forma de reconhecimento, por exemplo, pela via da palavra.

⁵ Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar de alteridade especular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno outro, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) “a” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.558).

O jovem vê no espelho o que imagina que os outros vejam. Por isso, que o espelho é ao mesmo tempo tão tentador e perigoso para o adolescente. Ele gostaria de descobrir o que os outros vêem nele. Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chega, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Devido a isso, podemos supor que essa época da vida possa ser campeã em fragilidade de auto-estima, depressão e tentativas de suicídio.

Na adolescência devido à reedição do complexo de Édipo, vai ser a validação do Nome-do-pai o que permitirá o acesso à relação genitalizada ao Outro sexo. A adolescência, portanto, comporta a confirmação do reconhecimento do outro sexo e também o reconhecimento do seu próprio, a partir da aceitação da falta materna. O autor esclarece que o corpo do jovem muda na adolescência de estatuto e valor a partir da relação com o parceiro sexual, quer haja ou não ato sexual entre eles.

Na infância, o sujeito endereçava aos pais, ou substitutos seus apelos, quando arriscava a tomada da palavra na produção de suas formações psíquicas. Já na adolescência, à proporção que o sujeito é convocado pelo social a se afirmar desde uma posição sexuada, os pais deixam de se constituir como endereço prioritário das suas formações psíquicas.

As pessoas que convivem com os adolescentes, nesse período, desempenham um papel muito importante na educação dos jovens, pois como são responsáveis pela sua educação o que fazem pode favorecer a espontaneidade e a confiança deles em si mesmos, bem como a tomada de posição para superarem suas dificuldades, ou ao contrário, levá-los a depressão e ao desânimo.

De forma geral, o reconhecimento da sexualidade não é efetuado pelos pais do adolescente, ou integrantes da família. Oliveira (2004) esclarece que para proceder à afirmação de um posicionamento sexuada, o adolescente precisa contar com um reconhecimento que não seja o dos seus familiares. Esse reconhecimento será assim, procurado junto aos seus semelhantes, e em especial aos do sexo oposto. Estes irão compor o endereço psíquico privilegiado das formações subjetivas do adolescente.

Para tanto, consideramos de fundamental importância os jovens se engajarem em laços sociais que a cultura oferece como: escola, instituições, grupos esportivos, escolas de arte, etc., pois oportunizam espaços para experiências de identificações através de pessoas da sua idade.

A adolescência, nessa perspectiva, sendo uma criação cultural comporta uma operação de reconfiguração, pois implica na passagem do familiar ao social, no sentido do engajamento do jovem ao próprio devir. Conforme refere Backes “o sujeito terá como trabalho haver-se

com aquilo que ele é na realidade e o que vê na relação com os outros” (2004, p.33), ou seja, necessitará diferenciar a vida imaginária da realidade.

Entendemos a partir dessas reflexões que, a elaboração da adolescência e a conquista do *status* de adulto implicam em dificuldades ao sujeito e requerem um longo caminho que o adolescente necessita compor que, precisará ser construído por cada um, a partir de suas identificações tanto imaginárias quanto simbólicas, conforme estaremos delimitando mais adiante. Dessa forma, há possibilidade de análise para os que desejarem e necessitarem reconciliar-se com seu desejo, devido à angústia ligada ao adolescimento, e há também, outras perspectivas de elaboração do pensamento, ligada ao fato de sermos mortais e isso pode ocorrer através da literatura, da filosofia e da arte.

1.3 POR QUE CALVINO?

Escolhemos a obra “O barão nas árvores” de Ítalo Calvino (2008) por pensarmos na qualidade literária dos escritos do autor e pela diversidade dos temas abordados que, retratam formas através das quais o homem moderno tenta elaborar o seu desamparo. Somando-se a isso a obra é um ícone literário que, demonstra formas específicas de subjetivação na cultura moderna, e também proporciona apoio para nosso estudo marcando o início de um deslizamento de tantos outros, uma possibilidade inaugural de produzir questionamentos ao tema que abordamos. A obra literária é um dos materiais mais fecundos para o exercício desse deslocamento, e o autor demonstra em sua criação esse legado.

Ítalo Calvino, autor do romance, era filho de cientistas italianos, ele nasceu em Santiago de Las Vegas, Cuba em 15 de outubro, onde seus pais se detiveram por algum tempo, embora de passagem. Passa sua infância em San Remo e em 1941 matricula-se na Faculdade de Agronomia de Turim. Nesse período, abandona os estudos ao engajar-se na resistência italiana contra o exercido nazista. Logo que termina a guerra retorna a Turim, doutorando-se em Letras. Em 1956 desliga-se do partido comunista, um ano depois edita a obra “O barão nas árvores”. Calvino morre em 1985, sendo considerado um dos maiores escritores italianos do século XX (MENEZES, 2008).

A narrativa conta a história de Cosme Chuvasco de Rondó. A família de Cosme é constituída por seu pai, o barão de Rondó, sua mãe, Konradine, seu irmão Biágio e sua irmã Batista. O pai era um obsessivo chefe de família na sua aventura de aspirar ao Ducado, em um mundo, já envolto em transformações irremediáveis.

A obra traz aspectos da subjetividade de jovens que, viviam as voltas com a reconfiguração do imaginário, na passagem da adolescência. O personagem Cosme, na linguagem de Calvino, foi alguém que viveu além de seu tempo. O personagem narrador-Biágio considerava-se alguém, bem adaptado, aos costumes daquela época. De outro modo, as personagens femininas, apresentam conflitos típicos vividos por algumas mulheres na sociedade moderna. A personagem Batista, apresenta um comportamento estranho e triste, por causa de uma desilusão amorosa extravasava e realizava de certa forma cozinhando e de certa forma, agredindo aos da família construindo pratos exóticos, que eram detestados por Cosme. Já Viola, demonstra uma personalidade determinada e procura saídas para encontrar realizações em sua vida.

Lembramos que, um dos legados freudianos foi o de que o estudo da psicanálise, inevitavelmente, remete a outros campos do saber. Freud não economizou essa interlocução na construção da psicanálise. A literatura aparece como fiel companheira da trajetória freudiana, não constituindo uma disciplina separada do saber inconsciente.

Ao transitarmos por sua obra, nos surpreendemos com o constante diálogo que Freud manteve com textos literários ao longo de toda a sua produção, como *Édipo Rei*, de Sófocles, *Hamlet*, de Shakespeare, *Gradiva, uma fantasia pompeiana*, de Wilhelm Jensen; o conto de E.T. A Hoffmann, *O Homem da Areia*. Em 1917, escreve *Uma recordação infantil de Goethe* em *Dichtung und Wahrheit* e o texto *Dostoievski e o Parricídio* (1927). Assim, podemos notar que cada abordagem de um texto literário marca uma especificidade de sua produção.

Desse modo, nos inspiramos em Freud, no sentido de utilizar a literatura e a psicanálise, como pontos de interlocução e deslocamento para as discussões sobre a adolescência e o campo imaginário. Calvino procurou demonstrar um espírito de liberdade e questionamentos sobre o “ser”. A obra apresenta um desafio para cultura moderna em mutação, com ênfase no comportamento, e que oferece pouca possibilidade de análise e reflexão. Os leitores podem verificar que, os jovens devido às mudanças na cultura, precisam efetivar uma travessia singular e compor caminhos para se inserir no social.

2 PSICANÁLISE E MODOS DE VER A ADOLESCÊNCIA

Este capítulo está dividido em quatro partes, sendo que, a primeira parte situa algumas reflexões sobre a pesquisa em psicanálise. As outras partes da pesquisa situam o campo do imaginário, os elementos que o constituem nos primórdios de desenvolvimento, incluindo a constituição do sujeito na cultura, bem como, as identificações na adolescência segundo as leituras freudianas e lacanianas.

Assim, na primeira parte tratamos de compreender como se efetua e se desenvolve a pesquisa em psicanálise, que pauta-se nos mesmos critérios éticos e epistemológicos que dirigem o exercício clínico. A experiência psicanalítica se alicerça na inclusão primeiro do desejo do pesquisador na constituição do enigma que seu trabalho busca revelar.

A segunda parte aborda o campo do imaginário, bem como, o estágio do espelho segundo Lacan, Françoise Dolto e Winnicott. Esta parte situa elementos importantes na constituição do imaginário, que é onde se forma o *eu ideal*, o narcisismo primário, as primeiras imagens que o sujeito compõe de si mesmo e do Outro. Já a terceira parte deste capítulo aborda a constituição do sujeito e inserção na cultura, sendo que verificamos que o acesso do sujeito à ordem da cultura está relacionado com uma situação prévia que é o acesso do sujeito a ordem simbólica.

As identificações na adolescência segundo as leituras freudianas e lacanianas são tratadas na quarta parte deste capítulo, onde abordamos o tema das identificações. Enfocamos este tema, a partir da noção de identificação, pois está fora do campo da percepção dos sentidos. A identificação opera como marca simbólica que produz em cada sujeito, não uma unidade, mas sim uma singularidade. As identidades se estabelecem em relação ao ser, que é o campo imaginário, já as identificações dão ênfase ao dizer.

2.1 PESQUISA PSICANALÍTICA

O método de abordagem de investigação adotado será de pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é construída a partir do *corpus* teórico de referência a psicanálise freudiana-laciana. Pensamos que este suporte possibilita encontrar fundamentação teórica e dar clareza às afirmações propostas. É necessário situarmos que procuramos ter o cuidado para não transpor categorias conceituais da psicanálise para dentro do texto literário, ou seja, fazer uma psicanálise aplicada. Nosso objetivo é encontrar na estrutura da obra algumas luzes

para avançarmos na compreensão tanto do texto literário como nos aspectos conceituais da psicanálise.

Pesquisa em psicanálise pauta-se pelos mesmos critérios éticos e epistemológicos que dirigem o exercício clínico. Realizada no âmbito das faculdades de psicologia, ela constitui um espaço de alteridade, marcando a presença da psicanálise na universidade.

A psicanálise consiste num método com seus procedimentos para investigação sobre processos psíquicos. A experiência psicanalítica se alicerça, na inclusão, primeiro do desejo do pesquisador na constituição do enigma que seu trabalho busca revelar. Denominamos transferência a inclusão do desejo, que é o fundamento de todo trabalho de pesquisa em psicanálise e que permite situar a noção de realidade com a qual o profissional opera. Ela se baseia na premissa de que o mundo vivido é sempre discursiva e pulsionalmente produzido, assim ele é realidade psíquica ou fantasia (POLI, 2005).

A ideia de fantasia condiz com o princípio ético de considerar a realidade a partir da inclusão do sujeito da experiência. Segundo Figueiredo (2009), a ética pode ser entendida como a necessária referencia do sujeito a um *ethos* – um lugar, uma moradia simbólica, que delimita a *priori* a sua relação com o mundo e com os outros. Assim, na pesquisa em psicanálise há um ponto chamado critério ético, ou seja, o trabalho de escutar o inconsciente e de reconhecer no sujeito a possibilidade de construir um lugar de linguagem.

Na produção da pesquisa é importante o reconhecimento do lugar do clínico e do investigador, pois são fundamentais para legitimidade científica da psicanálise e da própria psicologia. Isso porque se trata de reconhecimento que o objeto sobre o qual se opera é um representante da representação. Assim, a investigação dos fatos psíquicos implica esta dimensão de duplicação inerente a representação: um olhar no espelho (POLI, 2005).

A autora referida recorda o olhar oblíquo na pesquisa clínica, implicação e exclusão. Sendo assim, a pesquisa clínica denota o rigoroso critério de verdade, ou seja, a medida da distância entre implicação e exclusão do sujeito. A busca de objetividade falseia a experiência, colocando no exterior a ponto de fuga que a organiza.

A pesquisa psicanalítica, por trabalhar com a impossibilidade de previsão do inconsciente, não poderia jamais exigir uma sistematização completa e exclusiva. Sabemos que o trabalho de análise, em especial quando forma um analista, prioriza o estilo e a marca singular daquele que se coloca como analista para um outro. A pesquisa psicanalítica é sempre uma apropriação do autor que, depois de pesquisar o método freudiano, descobre um método seu, filiado a essa vertente e o singulariza na realização da pesquisa.

As singularidades da pesquisa psicanalítica apresentam duas implicações. A primeira que, seus resultados modifiquem a maneira como os pesquisadores da comunidade psicanalítica irão demarcar sua posição, em relação aos novos sentidos produzidos pelo texto. Os sentidos produzidos pelo texto tornam a pesquisa pública. A segunda implicação é que suas estratégias de análise de resultado não trabalham com o signo, mas sim com o representante da representação, ou seja, com o significante⁶.

Conforme Iribarry (2003) no trabalho da pesquisa psicanalítica é importante lembrar que, “o inconsciente ultrapassa o mundo como correlato necessário da consciência” (JURANVILLE, 1986, p.22). Desse modo, o contexto de uma antecipação ligada, ao domínio do signo linguístico não serve para exprimir nem a hipótese nem a experiência do inconsciente, esta sobre as quais a pesquisa psicanalítica pretende realizar algumas aproximações.

A característica essencial que singulariza o pesquisador psicanalítico é: o campo, o objeto, e o método de sua pesquisa.

Esse campo é o inconsciente. O objeto é o enfoque ou perspectiva a partir de uma posição em que é colocado o pesquisador psicanalítico, a fim de ascender ao inconsciente. O método é o procedimento pelo qual ele se movimenta pelas vias ou perspectivas de acesso ao inconsciente (CAON, 1994).

Método da pesquisa psicanalítica somente pode ser compreendido a partir daquilo que denominamos como situação psicanalítica de pesquisa (SPP), a qual deve ser examinada à luz da situação psicanalítica de tratamento (SPT), pois é desta que retira seu modelo (CAON, 1994).

A transferência é a característica identificatória de SPP a partir do modelo da SPT. O que irá distinguir essas duas situações será o destino dado à transferência em cada uma delas. Na SPT, a transferência será dissolvida; na SPP, contudo, a transferência será instrumentalizada para produção do texto metapsicológico (CAON, 1994).

Nessa abordagem de estudo, utilizamos a obra literária de Ítalo Calvino, *O barão nas árvores*, como um dos elementos de pesquisa porque pensarmos na qualidade literária dos escritos do autor. Somando-se a isso, destacamos o exemplo de dois jovens na cultura, e uma

⁶ O significante é um termo que foi retirado da lingüística saussureana, onde o signo linguístico é uma entidade de duas faces, um significado e um significante. O significado é o conceito, a ideia que se tem de uma palavra e seu referencial real. De outro modo, o significante não é o som material que se produz quando se fala a palavra, mas a imagem acústica que se forma ao ouvir o som. Lacan retoma o termo saussureano de significante e transforma-o. O autor enfatiza a autonomia do significante, que é considerado como definível além de qualquer relação com o significado (CHEMAMA, 1980, p.198).

experiência institucional, no sentido de desenvolvermos as articulações necessárias referentes aos conceitos psicanalíticos destacados.

A obra referida apresenta à vida de personagens adolescentes as voltas com a reconfiguração da subjetividade, que vai ao encontro do tema proposto, e também, fornece elementos para desdobramentos importantes, no sentido de verificarmos pontos de articulação e o ultrapassamento entre a psicanálise e a literatura, bem como uma fonte expressiva dos conflitos do sujeito na cultura.

Estudamos o problema da pesquisa, através dos fragmentos da obra referida. Tais elementos, a partir do diário metapsicológico de campo, são transformados em texto escrito. Elucidamos que, essa leitura é efetuada à luz de duas técnicas psicanalíticas de interpretação, a leitura dirigida pela escuta e a transferência do pesquisador com a narrativa, incluindo também, as implicações subjetivas do mesmo (CAON, 1994; FÉDIDA, 1992).

Os resultados da investigação serão efetuados através de procedimentos específicos de associação e interpretação. Neles, serão utilizadas as técnicas: a leitura dirigida pela escuta e transferência instrumentalizada. Além disso, as noções de solipsismo⁷ metodológico, alteridade⁸ e *Erfahrung*⁹ acompanharão todos os procedimentos de análise dos dados, de modo a lhes servir também como dispositivos metodológicos.

A leitura dirigida pela escuta é sempre tributária de uma escuta dirigida pelo olhar. O pesquisador vai instrumentalizar sua transferência ao texto, composto pelos fragmentos narrativos. Conforme explicitamos anteriormente, a pesquisa tenta avançar no sentido de verificar as expressividades dos jovens na cultura atual e, também pretende uma elaboração escrita de uma experiência institucional, de modo que, possa identificar os significantes que a legibilidade do texto permite.

O trabalho de leitura dirigido pela escuta psicanalítica é o que caracteriza o laboratório do texto psicanalítico, quando o pesquisador irá construir o ensaio metapsicológico. Há um trabalho de leitura dirigido pela escuta, em que o pesquisador procura identificar, de modo

⁷ Solipsismo metodológico: a base do solipsismo é uma experiência subjetiva elementar, que somente poderá ser apropriada pelo sujeito em uma etapa posterior à constituição dos conceitos, quando entram em cena as noções de ego e alter ego (CAON, 1994).

⁸ Alteridade: é o outro a quem se destina algo, podendo ser o analista a quem se destina a transferência, no caso da situação psicanalítica de tratamento, podendo também ser o público no caso da situação analítica de pesquisa, a que se destina o texto da investigação realizada.

⁹ *Erfahrung*: indica a experiência que se tornou aprendizado e saber. Ele nasce do solipsismo e da inclusão da alteridade (LAPLANCHE *apud* IRIBARRY, 2003).

semelhante à clínica, as falhas e tropeços de um discurso realizado, neste caso, através da escrita (CAON, 1996).

São os significantes introduzidos pela experiência do pesquisador com o texto que irão oferecer novas significações, novos sentido para o dado coletado e transformado em texto. A responsabilidade é inteiramente do pesquisador e cada termo novo acrescentado ao texto e divulgado pelo ensaio metapsicológico alarga o horizonte de compreensão e explicação da temática investigada.

No ensaio a ficção implica no diálogo com a alteridade. No ensaio, não há pretensão de objetividade, há uma vaga plausibilidade. Não interessa a verificação da tese defendida pela eficácia e repetição de sua comprovação. Interessa o conjunto da experiência individual e sua potência de vivência criadora e instauradora de aprendizagem. O ensaio quebra a continuidade das teorias empiristas elevando às últimas conseqüências a experiência não conclusiva e não antecipadora de uma ordenação conceitual fixa.

O ensaio metapsicológico segue a tradição da metapsicologia freudiana, pois está situado como um texto produtor de modelos conceituais. Tais modelos afastam-se da experiência e constituem ficções teóricas a partir das quais a própria experiência é radicalmente transformada.

Assim, o ensaio metapsicológico, relativo ao método, é uma construção que deve surgir a partir da pesquisa realizada e apresentada à banca examinadora de modo que, futuramente, dela surjam artigos destinados a um público anônimo. Esta é a perspectiva que adotaremos quando nosso trabalho estiver realizado.

2.2 O ESTÁDIO DO ESPELHO E CONSTITUIÇÃO DO IMAGINÁRIO

Apoiados nas indicações psicanalíticas de Lacan (1998), Dolto (1992) e Winnicott (1975), bem como através de autores que seguem esses referenciais, compreendemos a relação do imaginário com a possibilidade do indivíduo compor um mínimo de organização que, lhe permite constituir na passagem da adolescência posições singulares concernentes ao *status* de adulto.

Este escrito possibilita investigar os elementos implicados na constituição do tecido imaginário do sujeito, somando-se a isso, oferece suporte teórico e subjetivo para compreendermos como o adolescente se reconhece naquilo que não se conforma somente a uma imagem.

O termo imaginário pode ser pensado em outros contextos, além da psicanálise, bem como no cinema, na filosofia, na história, na literatura, na matemática e óptica. Entretanto, para psicanálise, especificamente lacaniana apresenta-se como uma categoria específica, entrelaçada a categoria do real e do simbólico. Lembramos, que Ítalo Calvino em um escrito bibliográfico sobre sua adolescência aponta que, o cinema era para ele, o mundo. Um mundo pleno e coerente, ao contrário de sua vida, a qual não era mais do que um amontoado de elementos heterogêneos, sem forma e como que juntados ao acaso (RIVERA, 2008).

Esse relato indica que na constituição da subjetividade humana estão também implicadas, as formações do inconsciente, com elementos de linguagem, que situam as relações entre os indivíduos, ou seja, há aspectos da ordem dos sonhos, dos sintomas dos atos falhos que comportam representações singulares. Sendo assim, desde o seu nascimento o homem inicia uma longa e perene interação com o mundo, a partir do qual constitui seu imaginário, tanto em aspectos de afirmação pessoal, quanto de negação e dissociação.

O imaginário forma a base da subjetividade para o encontro com a realidade e assim participa da formação do *eu* e do sujeito constituindo o substrato relacional com o outro. Este substrato é suporte de conexões e elementos da língua, onde os pensamentos se organizam, assim como as emoções e afetos. As conexões subjetivas imaginárias que, se estabelecem são construídas fundamentalmente na infância, através da linguagem, sendo que em etapas posteriores apresentam possibilidades de deslocamentos e reconfigurações simbólicas à medida que o sujeito estabelece vínculos com os outros no social.

Portanto, se inserir em contextos sociais no mundo externo não é algo tão simples, pois a estruturação psíquica que cada sujeito compõe, são peculiares à transmissão simbólica familiar, aos movimentos específicos da cultura de cada época. Tais aspectos articulam-se através da forma como cada um vai estabelecendo sua subjetividade, suas interpretações do mundo, e apropriando-se da transmissão social.

Tendo em vista estes esclarecimentos, seguiremos com um recorte da abordagem de Lacan, Dolto e Winnicott sobre a forma como se constitui a subjetividade humana, enfocando tanto o espelho físico, quanto o espelho subjetivo que a família e os outros nos oferecem. Pensamos que tais autores possam nos oferecer elementos no sentido de avançarmos em nossa compreensão sobre o campo imaginário.

2.2.1 Lacan

Em Lacan, o imaginário se forma articulado ao registro simbólico e real. Através do imaginário a matriz do *eu* vai se constituindo. O imaginário é considerado por Lacan como categoria do conjunto terminológico real, simbólico e imaginário, constituindo o registro do engodo¹⁰ e da identificação.

O conjunto terminológico ‘real, simbólico imaginário’ foi objeto de um seminário em 1974-75 intitulado R.S.I. O imaginário só pode ser pensado em suas relações com o real e simbólico. Lacan os representa por três círculos de barbante ligados por um nó de borromeu, isto é, quando um dos círculos é desfeito, os outros dois também se desfazem (matema). Lacan fala dos registros ‘imaginário e “simbólico” e do real. Esses dois registros são instrumentos de trabalho indispensáveis de um analista para se orientar em direção ao tratamento; sendo o real considerado como impossível (CHEMAMA, 1995, p.104).

Desse modo, procuramos compreender a forma como tais registros estão articulados. Há elementos que desconhecemos em nós mesmos, que fazem parte das formações inconscientes, ou seja, há intervalos na linguagem, entre o *eu* e o Outro onde a pulsão contorna o objeto, que não é somente de ordem especular. Assim, há que é da ordem especular ou imaginária e o que é de outra ordem, da ordem simbólica.

Verificamos que o trabalho na proposição lacaniana diferencia o imaginário e o simbólico. O simbólico que se refere à linguagem é pensado, na medida em que, conduz o sujeito, o sujeito do inconsciente, sendo que as formações do inconsciente num primeiro tempo, estão se constituindo, sendo que prevalecem as pulsões do *isso*¹¹. Tais formações não situam necessariamente o sujeito, mas sim indicam o ponto de alienação, de dispersão¹² do sujeito na sua posição objetalizada, na sua posição de alienação, que é um dos tempos do sujeito conforme estaremos estudando mais adiante.

¹⁰ Engodo significa tudo àquilo que se usa para atrair alguém, adulação astuciosa, isca, chamariz.

¹¹ Lembramos que o modelo teórico das tópicas freudianas constituintes do aparelho psíquico foi dividido em primeira e segunda tópica. A primeira tópica foi desenvolvida em 1900, na qual as instâncias são inconsciente, a percepção-consciência e pré-consciente. Em 1920, Freud acrescenta o id, o superego e o ego. As traduções das diferentes edições da obra freudiana em língua portuguesa inicialmente privilegiam o uso de expressões latinas, como no caso dos termos consagrados Id, Ego e superego. Com o passar do tempo, começaram a ser usadas expressões da língua portuguesa Isso, Eu e Sobre Eu. Tanto em um caso quanto em outro, tais expressões referem-se aos termos originais Es, Ich e Uber-Ich do texto em alemão Freudiano.

¹² O termo dispersão foi colhido da expressão de Costa (1998) ao sem referir, a um momento, no modelo do tempo lógico de Lacan, no tempo de compreender e a mediação da dúvida. De outro modo, Garcia-Roza *apud* Figueiredo (2009) utiliza essa expressão quando se refere à psicologia como um espaço de “dispersão”. É do conhecimento de todos que trabalham no campo da psicologia o estado fragmentar do conhecimento psicológico.

No texto A Tópica do imaginário de 1957, Lacan (1986) enuncia que, o estádio do espelho não consiste unicamente de um momento do desenvolvimento, mas nos revela a problemática do sujeito na constituição de sua imagem. Segundo Oliveira (2002a) temos, portanto um dos legados psicanalíticos: a imagem que vem do Outro é um dos elementos constituintes da subjetividade, ela é formadora do *eu*, é uma representação. Aquilo que nós representamos, diz respeito ao objeto representado, mas não é o equivalente ao objeto, a coisa representada, não temos acesso direto, a imagem vem recobrir algo que não está ali, ocupando o lugar de vazio.

No escrito de Lacan, referido anteriormente, encontramos o esquema do buquê invertido, o qual traz elementos que nos ajudam entender a constituição do sujeito e do *eu*. No exemplo do autor sobre a óptica, o vaso é vazio, sendo que um buquê de flor é colocado abaixo do vaso, na representação virtual que vemos no espelho, o buquê é visto dentro do vaso. Na situação do imaginário para com o real, tudo depende da posição do sujeito, que é conduzido pelo *eu*, através dos elementos pulsionais como o olhar e a voz. A posição do sujeito é determinada pelo seu lugar no mundo simbólico, no mundo da palavra, no momento que um aspecto é virtual, o outro é real. Desta forma, o continente e o conteúdo são articulados pela linguagem que permite ao sujeito estabelecer prioridades e limites nas suas relações com o outro a cada tempo e lugar.

O autor sublinha que na constituição do psiquismo, tudo se passa a partir da maturação pulsional, pulsão, pulsão primitiva de agressão, sadismo oral, anal, etc. O modelo de pulsão¹³ não se propõe em algo pensável pelo desenvolvimento. Sendo que, o estabelecimento da pulsão oral para anal não ocorre por um desenvolvimento, mas por uma modificação da demanda do Outro. Assim, é o Outro primordial que inicialmente vai supor que o bebê quer, e deseja alguma coisa, como por exemplo, pode estar com fome, estar alegre, etc., ou de outro modo, estar apto para controlar os esfíncteres. Portanto, são suposições que o Outro tem sobre o bebê, são investimentos que circulam e contornam o corpo pela pulsão.

Desse modo, o lugar onde se encontram ordenadas todas as palavras que abrangem o campo da linguagem é o que Lacan chama de Outro. O tesouro dos significantes (CHEMAMA, 1995). O Outro é capaz de dar sentido as mensagens que o sujeito produz, no entanto tal sentido é captado à *posteriori*.

¹³ O termo pulsão, que em algumas traduções pode ser encontrado como instinto, foi considerado por Freud (2010) no texto “Os instintos e seus destinos” de 1915 como um conceito limite entre o somático e o psíquico, um representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo. Neste texto, Freud reúne os quatro elementos implicados na representação das pulsões, que são: pressão, fonte, objeto e meta.

O simbólico é o registro da linguagem e Lacan (1986) no texto, sobre a Tópica do Imaginário, sublinha algumas indicações de Melanie Klein e indica que, os objetos são constituídos por jogos, projeções, introjeções, expulsões, de reintrojeções de bons e maus objetos e remete a uma série pré-verbal e pós-verbal de associações. Lembramos que a teoria lacaniana oferece primazia ao significante, o que se difere da teoria kleiniana, a qual enfatiza os mecanismos primitivos esquizo-paranóides na constituição do *eu*. Devido ao fato de que o *eu* se constitui através da linguagem, quando se encontra bloqueado por um temor ansioso estamos no domínio do imaginário. Para Lacan, todo problema, reside na junção do imaginário com o simbólico para construção do real.

Um dos objetivos específicos da pesquisa abrange compreender que elementos do campo imaginário se reconfiguram na adolescência. No princípio há o caos original do *isso* e seus efeitos. Posteriormente, há uma articulação com a realidade, a partir da relação com o lugar que o Outro oferece a criança.

Conforme a teoria freudiana na infância, as relações objetais vão se estabelecendo gradativamente, a partir de seu encaminhamento pulsional, onde ocorre a constituição de seu *eu* e *supereu*, como também seus direcionamentos narcísicos, edição Edípica e constituição da realidade. O modelo oral é o mais antigo mecanismo, que lida com o mundo exterior e o faz em termos de prazer-e-dor.

O *eu* surge do *isso* e é dele separado quando a criança reconhece que a saciedade oral depende da presença de um objeto separado, ou seja, do Outro. Da mesma forma, podemos lembrar que os olhos, os ouvidos e o tato têm papel destacado no estabelecimento das relações objetais iniciais, num momento, em que a diferenciação *eu* e não-*eu*, ainda não existe, mas está introduzida pelos processos introjetivos¹⁴ e projetivos. Sabemos que a introjeção é precursora das identificações, ao passo que a projeção anuncia a repressão.

Por ora, lembramos que nos primórdios da vida a constituição do sujeito vai se estabelecendo a partir da linguagem, na relação entre o *eu* e o objeto, sendo que *eu ideal*, ou seja, o imaginário vai se formando através da consistência parental imaginária do Outro e da identificação especular. Lembramos que o Outro do lactente deve ser referido à mãe e ao Outro do Édipo, sendo que o Outro do adolescente está imaginariamente ligado ao Outro sexo.

¹⁴ Introjeção consiste no “processo de transpor para um modo fantasmático os objetos exteriores e suas qualidades inerentes, nas diversas instâncias do aparelho psíquico. O termo foi introduzido por Ferenczi, sendo utilizado, frequentemente, em oposição ao termo projeção. Em uma perspectiva lacaniana, insistir-se-á no fato de que a introjeção é sempre simbólica (“impressão de um traço significante, por exemplo”), enquanto que a projeção é imaginária. A introjeção, portanto, representa um papel essencial na identificação (CHEMAMA, 1995, p.111).

O sujeito se separa do objeto, segundo a teoria lacaniana, a partir da ação do significante que, vai ocorrendo à medida que o Outro fala com a criança. Na abordagem sobre pesquisa psicanalítica referimos que, o significante não se confunde com o significado. O significado é o conceito, a ideia, imagem que se tem de uma palavra e seu referencial real. De outro modo, o significante não é o som material que se produz quando se fala a palavra, mas a imagem acústica que se forma ao ouvir o som.

De acordo com a teoria lacaniana, Costa (2008) demonstra que, a produção da queda do objeto produzido pelo ato analítico, faz dupla face, no momento que separa o sujeito do objeto. À medida que, o sujeito fala e se expressa consegue se enxergar e se posicionar de acordo com seus limites, suas necessidades e o seu desejo. Na dimensão social, o *eu* se inscreve na experiência que, comporta também o imaginário. Como lembra Lacan, reportando-se a Freud “Lá onde isso era, o *eu* há de advir”. Então o *isso*, se expressa nos modos de ser do sujeito, seja através da fala, das expressões corporais, ou da escrita do corpo, sendo que nessa escrita o *eu* se reconhece a partir de uma posição de repetição.

Quando o sujeito endereça sua fala para outro, o *eu* se reconhece numa posição de repetição torna-se possível os deslocamentos de linguagem, no sentido da apropriação de representações que lhe permitam novas ficções de si mesmo. No momento em que o sujeito se permite ver-se de outros modos, a partir de suas relações com outros consegue ampliar seus limites e utilizar seu imaginário como experiência.

Em uma comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de psicanálise, em Zurique, no dia 17 de julho de 1949, intitulada *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, Lacan (1998) apresenta a teoria de que a criança reconhece sua imagem antes de ter um domínio geral de seu corpo, imagem que é virtual, e somente possível graças ao amparo do Outro.

A fase do espelho foi apresentada pela primeira vez, em 1936, em um artigo intitulado “A família”. Ela aparece como uma teoria que vem substituir a identificação.

Lacan (1998) subdivide o *eu* em dois: o *moi* e o *je*, no texto já referido dos escritos, ele desenvolve “*O estágio do espelho como formador do eu*”. Tais expressões indicam que o *eu* não se confunde com o sujeito. Nesse artigo ele define *moi* como aquele que diz respeito à constituição da unidade corporal imaginária, e *o je* à constituição do sujeito do inconsciente e social, a partir da dialética de relação com o outro.

Esses esclarecimentos configuram-se como importante para o encaminhamento de nossa pesquisa, porque destacam elementos para pensar a constituição do imaginário no que se diferencia dos elementos simbólicos. Já sabemos que o primeiro se constitui a partir da

alienação ao Outro primordial e da imagem que se forma a partir dessa relação inicial. Entendemos que, nessa malha psíquica vão se formando elementos importantes que compõem a subjetividade.

Seguimos com um fragmento de Lacan do seminário de 1956-57 - *A relação de Objeto*: “[...] o estágio do espelho está bem longe de apenas conotar um fenômeno, que se apresenta no desenvolvimento das crianças. Ele ilustra o caráter de conflito da relação dual” (1995, p.15). Assim, esse fenômeno não é linear, ou concernente a uma etapa do desenvolvimento, mas recorrente ao longo da vida de cada um e participa da operação adolescente de alienação-separação.

Nessa senda, o psicanalista francês Jacques Lacan (1998) tomou o estágio do espelho a partir da ideia de reflexão visível do sujeito diante do espelho (instrumento). Esse estágio é situado entre os 6 e 18 meses de vida do bebê, onde se estabelecem as primeiras identificações da criança, sendo referência nuclear na passagem adolescente, foco principal da teoria do imaginário numa perspectiva psicanalítica. Assim, a primeira intervenção de Lacan, na psicanálise, é para situar o *eu* como instância de desconhecimento, de ilusão, de alienação, sede do narcisismo e que diferencia-se daquilo que concerne ao sujeito.

Esse estágio corresponde ao declínio do desmame (seis meses) momento em que o sujeito reconhece sua imagem no espelho. Trata-se de uma imagem especular, a qual constitui sua primeira realidade, que é virtual.

O autor referido, nas suas pesquisas sobre a gênese do *eu*, formulará a concepção de estágio do espelho que, demonstra entre outros elementos como a alienação imaginária é constituinte do sujeito. O olhar funciona para criança, como um espelho, ela se vê e se reconhece nesses olhos, ali encontra o reflexo de sua imagem que, funciona como formadora do *eu*. É um momento necessário de alienação do *eu* a uma imagem. O estágio do espelho consiste na elaboração de uma teoria que tenta explicar a instalação da matriz do *eu*. Somando-se a isso Sales (2005) argumenta que não se trata de simples estágio ou fase, nem somente experiência do espelho, mas o que está em jogo é o advento da alteridade.

Enfatizamos que para o estudo desse estágio, Lacan dedicou-se a noção de narcisismo, que teve força original em seu pensamento, sendo que se embasa nas constatações freudianas da prematuração do bebê humano, da experiência de uma *Gestalt* especular com poderes formativos e da operação de identificação. Freud (2010) escreveu, no seu texto sobre *Narcisismo uma Introdução*, que as perturbações as quais estão expostas o narcisismo originário da criança, as reações com que dela se defende e as vias pelo qual é impelida, a fazê-lo ficarão em suspenso, como importante material para trabalhos futuros. Desta forma, a

teoria lacaniana avança na questão deixada em suspenso em Freud, pois interliga a teoria pulsional ao narcisismo.

O *eu* é situado no registro do imaginário em Lacan, juntamente com fenômenos como amor, ódio, agressividade. É o lugar das identificações e das relações duais. Distingue-se do sujeito do inconsciente que, como já vimos é uma instância simbólica. Lacan reafirma então, a divisão do sujeito, pois o inconsciente seria autônomo com relação ao *eu* e “resulta dos efeitos da fala sobre o sujeito”(COSTA, 2008, p. 148) .

Assim, o estágio do espelho é também uma função exemplar, porque revela certas reações do sujeito à sua imagem enquanto arquétipo do *eu*. Trata-se da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade.

Afirma Lacan:

(...) o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde a imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica – e para armadura assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim o rompimento do círculo do *Innenwelt* (meio circulante) para o *Umwelt* (realidade) gera a quadradura inesgotável dos arrolamentos do eu (LACAN, 1998, p. 100).

Nesse sentido, quando a criança se confronta com a superfície de um espelho percebe e jubila-se diante de sua imagem. Entretanto sente e também se apercebe que seu corpo é insuficiente para mover-se, sustentar-se e funcionalmente dependente do outro para lhe sustentar, para caminhar, deslocar-se, realizar atividades, enfim, relacionar-se no mundo. Tal decepção, confrontada diante das diferenças do que sente e pelo que vê através da imagem especular, requer articulações e significações que serão construídas em seu entorno com o Outro no laço afetivo.

O termo *imago* foi introduzido por Jung *apud* Chemama (1995) para designar representação do pai (*imago* paterna) ou da mãe (*imago* da mãe), que se fixa no inconsciente do sujeito e posteriormente orienta sua conduta e seu modo de apreensão do outro. Assim, a *imago* é elaborada numa relação intersubjetiva, podendo ser deformada em relação à realidade (CHEMAMA, 1995). Desta forma, as *imagos* parentais formam o alicerce, são originadas do imaginário, no qual as primeiras representações do *eu*, do outro e da realidade irão se constituir e posteriormente ser rearticuladas através de elementos da cultura através nos laços sociais.

Quando a criança jubila-se com sua imagem diante de si e do outro, é preciso que haja alguém ali para espelhá-la. Caso a criança fique aderida a uma imagem ou espaço externo

que, lhe produz medo e angústia num período além do constitutivo, sem a presença de alguém para ajudá-la a representar tais vivências, funcionam como indicador e marca (SEVERO, 2006). Ou seja, há efeitos subjetivos, ou traumas, que terão consequências posteriores, positivas ou negativas na vida do sujeito. Na adolescência tais vivências da criança na infância retornam de diversas formas para reconfigurações.

A criança reconhece sua imagem com manifestação de júbilo e com efetuação de uma operação de identificação, ou seja, uma transformação ao assumir uma imagem. Identificação é a parcela de atividade que cabe à criança diante da percepção de uma imagem que lhe vem do exterior. Essa assunção da própria imagem pela criança é que originalmente precipita a construção do *eu*, conferindo-lhe sua forma primordial: o *eu ideal*. Tal forma será fonte de todas as identificações secundárias, responsáveis pela função de normalização libidinal e que representa o caráter estático e permanente do *eu*. Na expressão de Lacan fala-se da “a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que vai marcar com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental” (1998, p.100).

De fato, a mãe primordial primeiramente preenche a função da imagem, que é estabelecer a relação do mundo interior com o meio circulante. Assim, a mãe faz para o seu pequeno bebê, a ligação entre ele e o mundo, porque esta ligação do homem com seu meio, com a natureza, com a cultura, não é tranquilo, ao contrário provoca mal-estar (BACKES, 2004).

A experiência do espelho conduz a criança à percepção de uma unidade corporal que não encontra correspondência em sua vivência proprioceptiva. Falta coordenação ao bebê, que é levado a perceber a unidade com estranhamento, mas capaz de reconhecer sua própria imagem. A saída da angústia de despedaçamento é a identificação à imagem especular, *Gestalt* responsável pela condição do processo de constituição do *eu*, uma saída ilusória alicerçada num fundo inapelável de alienação. A imagem, assim, jamais será reflexo fiel, mas informa a unidade inexistente. Aparece distorcida numa inversão no campo visual onde direita torna-se esquerda e vice-versa, sendo relação entre o organismo e realidade.

O conceito de *Gestlat* utilizado por Lacan que, implica a pregnância de uma imagem imbuída de totalidade significativa é tomado de empréstimo da fenomenologia e especialmente de Merleau-Ponty (SALES, 2005). Para Lacan, o papel formativo da *Gestalt* sobre o organismo pode ser encontrado em experimentos biológicos, que mostram processos de identificação homeomórfica e, sobretudo na teorização sobre o fenômeno do mimetismo que, efeturemos algumas relações mais adiante, na análise da obra de Calvino (2008), o qual indica uma operação heteromórfica.

Lembramos do texto de Caillos (1996), o qual foi retomado por Lacan (1998) num momento de seus estudos, quando enfatiza o mimetismo da forma, contudo o toma como obsessão do espaço em seu efeito desrealizante. Acrescenta-se no texto referido a experiência mimética, desta ilusão de se estender ao meio, de eliminar a diferença *eu/meio* circulante, da vontade de indiferenciação. A vontade de indiferenciação demonstrada pelo mimetismo traz o risco da despersonalização.

Verificamos que a constituição do *eu* ideal ocorre através das elaborações narcísicas e identificações primárias, sendo que a teoria lacaniana esclarece esse conceito, demonstrando o processo de constituição de *eu* ou *moi* através da *Gestalt* especular e concomitantemente a formação do *je*, sujeito social. O eu (*moi*) é assim, considerado objeto ou imagem para alguém. Pensamos que é importante compreender como se constitui o imaginário porque há consequências em nível das identificações, bem como, em suas fragilidades que, produzem efeitos de sujeito.

Nesse íterim, parece importante efetuarmos uma alusão, ao que Lacan (1998) apresenta como tempo lógico, vinculado com a “asserção do *eu*”. A partir desse modelo, são enunciados três tempos: o instante de ver, o momento de compreender e o tempo de concluir. Lacan chamou esse tempo de descompasso, em que o sujeito fica atrasado em relação à imagem que recebe. Outro ponto, a destacar é a prematuridade do bebê humano, em que o sentido sexual precede o sujeito temporalmente. Precede o sujeito na sua condição de interpretação. Esse modelo referido é importante para análise do determinismo psíquico e efeito de sujeito (COSTA, 1998).

Situamos esse aspecto da teoria lacaniana, como elementos de articulação, quando pensamos o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência. Efetuamos considerações sobre o primeiro tempo enunciado por Lacan, através dos esclarecimentos propostos por Costa (1998) que, nessa abordagem representa o tempo do imaginário, o fascínio pela imagem e seus efeitos.

O primeiro tempo de ver é o tempo onde se encontra a imagem, sendo o que captura o sujeito no instante de ver. Assim, esse instante pode ser pensado de duas formas: primeiro como associado à instantaneidade, ao brilho, a fascinação, ao instante fotográfico, onde se realiza a imagem; em segundo plano, a teoria freudiana já considerou a realização dessa imagem no desenvolvimento psíquico primário. Realização alucinatória do desejo, a qual vem substituir o objeto.

Em seus escritos, Costa (1998) alerta que relativo aos tempos humanos há negação de descontinuidade entre passado, presente e futuro. Eles não podem ser afirmados como

existentes. Ela sugere que o tempo seja pensado em termos de ritmo e intervalo, o que produz início e fim.

Desta forma, uma imagem não cumpre o que promete, ela produz o engano da aparência e gera o fracasso da plenitude. A imagem carrega junto seu furo. Ela é, mas também não é o que satisfaz a carência humana. Ela é porque tem ligações com o desejo, assim traz junto à lembrança da falta de objeto. A promessa da imagem, no eterno hoje, talvez possa ser considerada sem intervalo, sem fim. Costa (1998) indica duas direções a partir da imagem como produção de subjetividade e suporte de uma previsão pela descontextualização, a partir do momento em que a palavra é colocada em discussão.

O instante de ver remete a ambiguidade de ser, eterno e finito, sendo que impõe o intervalo e o fim. A imagem viabiliza a descontextualização, nesse sentido historiciza, particulariza e direciona a previsão. Sua descrição apresenta efeitos múltiplos e podem ser consoantes ou não com a série de representantes que organizam a subjetividade. Não pode ter sua descrição restrita a enunciação genérica, ou seja, a enunciações sem sujeito.

A autora anteriormente referida enfatiza, através de alguns exemplos, a necessidade de uma organização na construção da imagem para os humanos, onde o ideal se presentifica enquanto ausência. Além de considerar o instante de ver como tempo de fascinação, do instantâneo, Costa (1998) apresenta outra ideia que é sua enfermidade. Traz em si prenúncio de sua permanência. Revela o paradoxo interno ao instante e a produção da imagem de apresentar o eterno e o finito. O eterno pela fascinação e o finito pelo intervalo. Podemos pensar isso em toda satisfação humana que move repetição.

Assim, trouxemos minimamente, alguns elementos implicados no registro imaginário, na fase do espelho, e referentes ao tempo lógico de Lacan, no sentido de verificarmos como se processa a constituição do imaginário na teoria lacaniana. Sendo que, tais elementos, permitem aberturas para pensarmos como se estabelece a reconfiguração do imaginário na passagem da adolescência.

2.2.2 Françoise Dolto

No sentido de ampliar a abrangência de nossas investigações, recorreremos à Dolto (1992), psicanalista lacaniana, que enfoca os estados primitivos do desenvolvimento do bebê a partir da imagem e do esquema corporal, onde fornece direcionamentos significativos em relação à subjetividade humana. A autora refere que, há o perigo das imagens especulares substituírem a imagem inconsciente do corpo e esclarece com a sua conceituação de imagem

que, esse elemento fornece um mínimo de identidade, no sentido da pessoa poder se comunicar.

Não se deve confundir a imagem do corpo com o esquema corporal. O esquema corporal especifica o indivíduo, enquanto representante de espécie, assim ele em princípio é o mesmo para todos. Ele é uma abstração de uma vivência do corpo nas três dimensões da realidade (real, simbólica e imaginária), sendo que estrutura-se pela aprendizagem e pela experiência (DOLTO, 1992).

Em contrapartida, a imagem inconsciente do corpo é específica a cada um, pois ela se estrutura pela comunicação entre sujeitos e marcas no dia-a-dia de elementos memorizados, do gozar frustrado, reprimido ou proibido (castração do desejo na realidade, no sentido psicanalítico). Ela é o suporte do narcisismo e sobre tudo inconsciente. “É nisso que cumpre referi-la, exclusivamente, ao imaginário, a um intersubjetivo imaginário marcado de pronto no ser humano pela dimensão simbólica” (DOLTO, 1992, p.15). “Ela é a encarnação simbólica o sujeito desejante, sendo elemento mediador das três instâncias psíquicas *eu, isso e supereu*” (DOLTO, 1992, p.2).

A autora referida inventou um jogo de palavras para a expressão ‘imagem’ em três partes: I – do termo identidade; Ma – da primeira sílaba ‘mamãe’ que a criança pronuncia precedida do ‘minha mãe’ e seguida do ‘me ama’, sendo [*m’aimé*] um homófono em francês do adjetivo ‘mesmo’ [*memê*], que marca a identidade absoluta; Gem [*Ge*], última sílaba da palavra ‘imagem’, bem como, o *eu* [*je*], pronome pessoal da primeira pessoa. Assim, ela diz que a I-ma-gem é o substrato relacional com o outro. Ela esclarece esse signo como inconsciente do corpo, porque pode expressar um significante que desaparece com a imagem especular, com a imagem conhecida de si no espelho. A autora refere que quase não há imagem inconsciente do corpo exceto no sonho, porque ela é recalcada ao longo do desenvolvimento.

Justamente, no processo de constituição subjetiva soma-se a imagem às identificações, onde já existem elementos simbólicos que o Outro oferece. De alguma forma, Dolto (1992) indica que, há uma espécie de imagem básica a qual significou nossas vidas nos primórdios, sendo refeita e hibridizada a outras representações em função das características do *eu* e das vicissitudes das pulsões. Assim, no conceito de ‘imagem’ que Dolto apresenta, há um caráter simbólico e social que, organiza a forma como a criança se engaja no campo da linguagem.

Dolto (1992) apresenta três modalidades de imagem: imagem de base, imagem funcional e erógena. São três aspectos dinâmicos de uma mesma imagem do corpo. Três

modalidades da mesma imagem do corpo, as quais em conjunto, constituem e asseguram a imagem do corpo vivente e o narcisismo do sujeito a cada estágio de sua evolução.

As imagens básica, funcional e erógena são associadas entre si, a todo o momento, mantendo-se coesas através do que denominamos imagem (ou melhor, substrato) dinâmica, designando com isto a metáfora subjetiva das pulsões de vida, que originadas no ser biológico, são sustentadas pelo desejo do sujeito de se comunicar com um outro sujeito, por meio de um objeto parcial sensorialmente significado.

A imagem de base permite à criança adquirir um sentimento de mesmice de ser, ou seja, oferece a ela uma continuidade narcísica, continuidade espaço temporal, apesar das mutações da vida e dos deslocamentos impostos ao seu corpo. Tal arquitetura relacional ocorre somente se a mãe fala ao longo de seus cuidados. A imagem funcional configura a imagem estética de um sujeito que, visa o seu desejo, passa pelo esquema corporal um lugar erógeno, onde se faz sentir a falta específica, sendo o que provoca desejo. Já a imagem erógena é associada à determinada imagem funcional do corpo, lugar onde se localiza o prazer e desprazer erótico na relação com o outro.

É oportuno adiantarmos, que Dolto (1992) sublinha os aspectos narcísicos que, compõe os primórdios na infância e os subdivide em narcisismo fundamental, narcisismo primário e secundário. O narcisismo fundamental é formado a partir de uma experiência sutil linguageira com a mãe, criadora de sentido humano, aonde vão se estabelecendo as castrações, ou seja, as separações entre a criança e o Outro primordial: umbilical, oral, anal, uretral e edípica. Sendo que o narcisismo primário é viabilizado a partir do estágio do espelho. Dolto refere uma noção de individuação advinda desse narcisismo *pré-egóico*, este objeto separado da mãe que, se situa para cada um nos limites da pele, em sua realidade coesa, tátil, visível que, decorre da experiência do espelho e capaz de um mínimo da autonomia.

A metáfora do coração da cebola é utilizada por Dolto (1992) para falar sobre a importância da imagem na vida do sujeito, organizada como peles uma sobre as outras, demonstram as pulsões de vida que são viabilizadoras do narcisismo. Assim é preciso primeiramente, o narcisismo fundamental, depois o primário e concomitantemente o narcisismo secundário, com a reflexão mental concernente a si mesmo e saída simbólica, situado na experiência através das castrações que imagem do espelho, o Outro e o ideal refletem.

Destacamos, nesse sentido, que a castração primária coincide com a experiência do espelho, iniciadora para o imaginário e a assunção simbólica do sujeito. Abordamos anteriormente que Lacan (1998) isolou o momento de júbilo em que, a criança posta diante do

espelho, reconhece a si mesma e é reconhecida pela mãe, sendo que o *eu* então se constitui na medida que é imaginário, e mais precisamente nesse momento, especular, efeito deste duplo olhar, ao preço de um desconhecimento e de uma alienação do sujeito.

A castração primária implica o efeito da descoberta da diferença dos sexos, está associada ao rosto, já que este é sempre visível de frente, como o sexo, e com suas aberturas, ou seja, os olhos, o nariz, a boca, determinada pela massa de cabelos que situam o rosto. O rosto do cuidador primordial é fiador de um desejo em acordo com o sexo da criança e com o futuro tal como a pessoa intui. Percebemos assim, que esses elementos formadores do narcisismo, na visão de Dolto, constituem o imaginário e o simbólico, onde um elemento participa da construção do outro.

Na experiência do espelho, o bebê vê a aparência de um outro desconhecido, a imagem de um bebê como o sujeito pôde ver outros no espaço, e que ele ignora como sua; tal imagem escópica deve assim, para ele colocar-se acima da experiência já conhecida do cruzamento do esquema corporal com a sua imagem inconsciente do corpo. Dessa forma, ele vê ali uma imagem da qual, diante do espelho, ele é a única causa, já que ele encontra apenas uma superfície fria, e não outro bebê, e que se ele deixar a frente dessa superfície, a imagem desaparece.

A imagem mímica e afetiva que a criança estabeleceu com o meio ambiente não lhe trazem nenhuma resposta articulada a esta imagem que ele encontra no espelho, diferentemente a todas as experiências que ele tem com o outro. Por esse motivo, se a mãe, ou outra pessoa conhecida não está próxima dele em seu espaço, que ele corre o risco de que por causa do espelho, sua imagem do corpo desapareça sem que a imagem escópica tenha tomado um sentido para ele.

Vemos assim, que a imagem escópica só toma sentido de experiência viva através da presença ao redor da criança, de uma pessoa com a qual sua imagem do corpo e seu esquema corporal se reconheçam, ao mesmo tempo, que ela reconhece esta pessoa na superfície plana da imagem escópica, ele vê desdobrado no espelho àquilo que percebe da pessoa próxima a ela, e pode então, avaliar a imagem escópica como sua, já que esta lhe permite ver, lado a lado à sua, a do outro.

A experiência do espelho precisa ser dialetizada para que possa ser ultrapassado o trauma. Antes da experiência do espelho é o esquema corporal da mãe que dava sentido as referências do narcisismo fundamental de seu filho e as sustentava. Com a experiência do espelho, a imagem do corpo do bebê, informa ao seu próprio esquema corporal, segundo a linguagem que constitui a imagem do corpo para o sujeito, em referência ao sujeito mãe. Ele

só descobre a este respeito à aparente integridade ou não, caráter euforizante ou não, se o narcisismo se satisfaz pela imagem que ele é no espelho, e que qualquer outro pode ver.

Consideramos importante sublinhar o que Dolto (1992) afirma sobre “fruto da castração humanizante”, ou seja, é o destino que terão as pulsões que não podem satisfazer-se diretamente na satisfação do corpo a corpo ou na satisfação do corpo com objetos eróticos incestuosos. Tais pulsões após longo tempo de silêncio, de recalçamento, podem entrar em movimento para serem deslocadas através da linguagem, ou através de atividades que envolvem o sujeito no sentido de compor representações e desenvolver a sua criatividade.

Na infância já podemos perceber, que um acolhimento satisfatório, permite ao corpo apresentar a graça, a destreza, a habilidade esportiva e a autonomia. Já para o nível psíquico, é a comunicação através da linguagem e a inteligência sobre as coisas da vida. Para as coisas do sexo, independentemente do interesse pelo prazer dos lugares erógenos sexuais e das atrações sentimental e sexual, aos três anos, o orgulho do nome, do sexo, da pertinência ao grupo familiar, do prazer de juntar-se às crianças da mesma idade, é o sinal de que houve uma boa castração oral e anal, na qual as proibições foram de algumas formas elaboradas.

Assim, o devir do sujeito que é também reencontro de suas determinações reais, simbólicas e imaginárias, para seu uso subjetivo, é orientado por um certo número de provas, onde se testa sua aptidão de se situar na ordem simbólica e nos registros imaginários, provas que Dolto (1992) designa como castrações. O paradoxo da elaboração da autora ensina que o *eu* se suporta pela imagem do corpo, mas esta, por sua vez, só se elabora através de uma série de castrações a respeito das quais são simbolígenas.

Nesse sentido as castrações são provas mutantes, às vezes realizadas, às vezes não superadas, tendo efeitos simbólicos progressistas ou efeitos patogênicos. É uma prova que se atravessa e se supera.

Em verdade, Dolto (1992) apoiando-se na experiência analítica, na base do conceito de castração, segue a elaboração da imagem do corpo, fase após fase, mostrando que, a cada etapa é superada por uma castração. O que leva a autora a descrever a patologia da imagem do corpo, a qual é um fracasso da simbolização, desse modo, uma insuficiência da linguagem dirigida à criança e uma falta de proibição.

Os elementos, fornecidos por Dolto (1992; 2008) oferecem indicativos para compreendermos a importância constituição do *eu* por imagens na infância, através da experiência com os limites. A capacidade simbólica, que vem do Outro, permite a criança articular seu esquema corporal à sua imagem inconsciente, o que lhe permite sentir confiança

em si mesma e existir na realidade, pois o outro lhe confere um lugar e ela se conecta com o mundo a sua volta.

Na passagem da adolescência há remanejamento, através da linguagem, de todos os conflitos, dos limites não elaborados pelo sujeito, referente aos seus modelos genitores e primordiais, sendo que os movimentos pulsionais são deslocados aos amigos, professores, colegas, etc., a fim de que o sujeito se engaje no relançamento de seu devir. Portanto, conforme Dolto nos apresentou, são as experiências imaginárias e simbólicas do sujeito estabelecida com o Outro, através das castrações que, permitem o enlaçamento narcísico do *eu*, ou seja, enlaçamento das imagens através do desejo.

2.2.3 Winnicott

Outro autor, que oferece elementos para pensar o imaginário é Winnicott (1996). O autor nos ajuda a pensar o desenvolvimento humano e a fase do espelho, a partir do que o bebê vê quando olha para o rosto da mãe. Assim, no desenvolvimento emocional individual o precursor do espelho é o rosto da mãe. Para o autor, o sujeito saudável se identifica com a sociedade, mas não ao ponto de perder sua individualidade, sendo importante, além da experiência de satisfação referida por Freud, o gesto espontâneo (SPIZZIRRI, 2007).

Somando-se a isso, Winnicott refere o vínculo apercepção e percepção como um processo histórico que, está na dependência de ser visto: “Quando olho, sou visto; logo existo. Posso agora me permitir olhar e ver. Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção, também percebo. Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está para ser visto” (1975, p.157).

Desse modo, os espelhos que os outros nos oferecem, bem como o espelho físico exercem sobre nós influências humanas e imaginárias, como aparece nas diferentes versões do mito de Narciso. Pode-se ver um exemplo disso nos cuidados iniciais das mães com seus filhos, o quanto as mães se adaptam as necessidades do bebê, exercendo uma ‘função materna suficientemente boa’.

Nos primeiros tempos, primeiros dias, a mãe responde quase automaticamente às necessidades da criança. Mas muito cedo se produz uma defasagem entre, por um lado, a dialética da demanda e do amor e, por outro, a da necessidade e da satisfação. Isto já é ação da mãe, em sua maior ou menor aceitação de que o filho seja, desde seu nascimento, separado dela. Separação inicial de um sujeito que, encarnando-se num corpo, através de certos

momentos decisivos, precisará ao mesmo tempo ganhar uma identidade simbólica e perder uma relação privilegiada com o mundo e os objetos que a mãe então primordial sustentava.

No mito de Narciso¹⁵ o sujeito não encontra com o outro, mas sim o que ele vê é sua própria imagem no espelho. Narciso recusa os apelos da ninfa Eco, pois o rapaz só pode oferecer um reflexo, sendo que a ninfa, também, somente parece poder lhe propor os efeitos da fala do outro. O mito não apresenta também o problema da ambiguidade da adolescência? (GAMA, 2008).

Achamos esclarecedor considerar estes pontos a partir das leituras, que efetuamos de Winnicott (1975), a fim de pinçarmos esses mesmos elementos, além daqueles que estamos trabalhando pelo viés lacaniano, para efetivamos nossas próprias articulações e pontos de referencia. O sujeito existe verdadeiramente se a mãe puder espelha-lo. Ele ficará sem chance se a mãe não puder espelhá-lo legitimando a função de sujeito outro (WINNICOTT, 1975).

O autor referido pensa o espelho em termos de rosto da mãe, e diz que o que o bebê vê no espelho é seu próprio rosto na face da mãe. A partir da apercepção do bebê, ele vai se diferenciar da mãe; essa primeiramente espelha o que o bebê lhe apresenta e pouco a pouco vai contendo as emoções da criança e devolvendo gradativamente um ambiente acolhedor, uma imagem acolhedora com algumas diferenças. O autor refere que se tudo correr bem, a criança desenvolve o gesto espontâneo. Se a mãe espelha seu próprio humor, ou ainda, sua rigidez o bebê se retrairá e trocará a apercepção inicial pela percepção do ambiente. Assim, a percepção toma o lugar do que poderia ter sido o começo de uma troca significativa com o mundo, um processo de duas direções, no qual o enriquecimento se alterna com a descoberta do significado no mundo das coisas vistas. Esse fato dependerá da intensidade que isso vai acontecendo.

Consideramos interessante o que Winnicott (1975) escreve sobre isso, pois muitos bebês tem longa experiência de não receberem de volta o que estão dando. O outro não devolve ao bebê o que esse lhe oferece. Eles olham e não vêem a si mesmos, conseqüentemente sua capacidade criativa começa a se atrofiar, procuram outros meios de obter algo de si mesmos de volta, a partir do ambiente. Quando o bebê se acostuma ao fato que quando olha o que vê é o rosto da mãe, e esse, portanto não é um espelho, poderá buscar

¹⁵ Narciso era filho do deus Cephisus e da ninfa Liríope, e era um jovem de extrema beleza. Depois de seu nascimento, seus pais consultaram o oráculo para saber qual seria o destino do menino. A resposta foi que ele teria uma longa vida, se nunca visse a imagem própria. Porém, a despeito da cobiça que despertava nas ninfas e donzelas, Narciso preferia viver só, pois não havia encontrado ninguém que julgasse merecedora do seu amor. E foi justamente este desprezo que devotava as jovens a sua predição.

outros meios de chamar atenção da mãe através da agressividade, quando está em dificuldades, ou quando adoecer.

Alguns bebês diante das circunstâncias difíceis do ambiente não abandonam a esperança e começam a prever o ambiente, ou seja, sentem que podem ser espontâneos em algumas circunstâncias. A qualquer momento, o rosto da mãe poderá se fixar e seu humor dominará, sendo que as necessidades próprias do bebê devem ser afastadas, pois de outra maneira seu (*self*) central poderá ser afrontado. Caso a pré-história do sujeito seja configurada de acordo com um ambiente tóxico, isso também retornará no momento adolescente (WINNICOTT, 1975).

Sendo assim, compreendemos que para Winnicott o ambiente facilitador que a mãe primordial oferece a criança é fundamental para sua experiência de sentir-se existindo e participar da reconstrução da realidade em sua vida. A mãe e a família constituem-se como primeiro espelho para criança. Assim, para que ela seja capaz de aprender o mundo é importante que constitua seu “ser” a partir destas relações iniciais de confiança, sendo que, posteriormente será capaz de direcionar suas pulsões para efetuar atos espontâneos e criativos.

2.3 CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E INSERÇÃO NA CULTURA

A cultura moderna atinge a subjetividade do sujeito e produz consequências, ou seja, a subjetividade é abalada devido à quebra de fronteiras e incertezas quanto ao amanhã. Não existe mais uma ordem superior, que saiba o que é melhor para o sujeito, cada um a partir de suas identificações e aspirações decide sua vida e precisa se responsabilizar por suas atitudes. Especialmente a subjetividade dos adolescentes é abalada, pois se intensifica o trabalho das operações psíquicas referentes às questões edípicas junto com o trabalho dos lutos¹⁶ constitutivos da subjetividade. Tais aspectos somam-se às exigências de novas representações psíquicas no sentido dos jovens se inserirem no social.

Nesse escrito, trazemos uma noção inicial de cultura, para analisarmos sua influência na formação do sujeito, após refletimos sobre o termo subjetividade privatizada, no intuito de entendermos o indivíduo na sociedade, e também refletimos sobre a constituição do sujeito, no sentido de pensarmos os impasses que os jovens enfrentam para reconfigurarem seu imaginário.

¹⁶ Aberastury (1992) sublinha os lutos que, o adolescente precisará elaborar na passagem da adolescência que são: luto pelo corpo infantil, luto pela relação com os pais da infância e luto da identidade infantil.

O que é a cultura de uma sociedade? Ela é formada por elementos como, características étnicas de um povo, as raízes, os parâmetros de escolha, costumes, vestuário e gastronomia que formam o *hábitat* da pessoa humana. As formas com que os membros de uma cultura se organizam em grupos, e funções, indicam também aspectos referentes à cultura, sendo que fazem parte dela as regras que sustentam a organização de uma sociedade e as formas como são simbolizados (HELMAN, 1994).

Os antropólogos têm apresentado várias definições de cultura. Helman indica que, “Cultura pode ser entendida como uma lente herdada, através da qual os indivíduos percebem e compreendem o mundo que habitam, aprendendo a viver nele dele” (1994, p.23). Nesse sentido, Larrosa demonstra em seu texto, “Tecnologias do Eu e Educação”, que precisamos ver para além das evidências, ou seja, “o que todo mundo vê, nem sempre se viu assim”, “nosso olhar está constituído por todos esses aparatos que nos fazem ver e ser de uma determinada maneira” (1994, p. 83).

As premissas apontadas por estes autores demonstram as questões coletivas que, permeiam a vida dos indivíduos e apontam para aspectos específicos que delineiam como eles expressam seus costumes e criatividade. A forma pela qual cada sujeito vive e se insere na cultura é permeada pela transmissão daqueles que lhes antecederam e pelo espaço/lugar que primeiramente a família depois a cultura oferece. O que determina o olhar de cada sujeito tem uma origem, depende de certas condições históricas e práticas de possibilidades e, portanto, como todo o contingente, está submetido à mudança e à possibilidade da transformação. Desse modo, talvez o poder das evidências não seja tão absoluto, talvez seja possível ver de outro modo.

A cultura moderna produziu mudanças na subjetividade humana, que refletem uma nova ordem pautada em relações sociais horizontalizadas que, orientam a forma dos novos laços sociais. Diferente da cultura tradicional, na cultura moderna não há mais uma ordem relativa à Pátria, ao pai, ao professor, ao Presidente. Atualmente, a ordem externa para conduta humana, advém da economia de mercado e da democracia (LIPOVETSKY, 2005).

Assim, na cultura moderna vivemos a ideia de tempo e espaço de forma fluída, onde o sujeito autoriza-se utilizar seu tempo, a partir das necessidades internas que avalia como necessárias para seu crescimento subjetivo e sustentação econômica. Forbes (2005) indicou que, a cultura moderna apresenta o homem desbussolado que é o homem do individualismo. Na visão de Lipovetsky (2001), a cultura das massas e do consumo levou o homem a manifestar uma cultura ‘globalizada’, que se intensificou a partir de 1950.

Quando Forbes apresenta o homem desbussolado ele quer dizer que, relativo ao humano, não se tem um objeto psíquico determinado para satisfação das pulsões, sendo que a pulsão requer representações, no sentido de termos notícias sobre ela. Ou seja, é preciso falar sobre o que pensamos, somos e almejamos para que o outro acolha nossas ideias e efetivemos ações no mundo.

Relativo ao conceito de modernidade, Oliveira (2002a), aponta que adveio com a Revolução Industrial, onde ocorre a ascensão da burguesia (século XIX), isto é, da família nuclear burguês. Assim, instaura-se um conflito para o sujeito entre a autonomia dos valores individuais e, a exigência de filiação e disciplina familiar. De um modo, se coloca o ideal de liberdade, de outro, o compromisso com os laços sociais porque diferente da tradição, não há mais um sentido *à priori* que legitime as experiências do sujeito.

No contexto do século XIX, surge o sujeito da psicanálise, que subverte a ordem disciplinar e, também se culpa por isso. A neurose é a expressão desse conflito, consistindo numa narrativa constitutiva de um sujeito fragmentado, ou seja, um sujeito que se pergunta sobre seu desejo, sobre suas aspirações, enfim um ser que questiona o sentido da vida e de suas escolhas. Compreendemos isso, através de Sigmund Freud, que subverteu o modelo da clínica fundada sob as premissas do ver e do tocar, paradigmas médicos, em que a observação e a descrição dos sintomas eram os meios de tratar os pacientes. Freud renuncia a essa clínica, desloca a cena do olhar para o da escuta e do relato, possibilitando a reconstrução de narrativas patológicas.

Com todas essas mudanças, nos contextos sociais da cultura, os adolescentes podem ficar alienados a demanda da outro, pois vivem o retorno das pulsões pré-edípicas que necessitam novas representações, somando-se a isso, eles são mais vulneráveis aos apelos dos veículos das comunicações de massa, onde preponderam os apelos de imagens manipuladas pelos sistemas tecnológicos de interesses dominantes. Os jovens estão num momento de reconfigurar suas identificações e requerem um tempo para compor experiências, devido às modificações subjetivas que concernem também, ao imaginário, a qual não se transforma naturalmente com o desenvolvimento.

A perda de existência em seu próprio *hábitat*¹⁷ dirige o homem ao encontro com questões relativas à busca por saber quem se é como indivíduo. Sabemos muito pouco de nós,

¹⁷ Utilizamos a palavra *habitat* a partir da ideia de Figueiredo como hábitos, habitações, moradas. “No entanto, uma casa para quem a habita não possui o caráter objetivo e utilitário característico dos demais entes com que nos encontramos no mundo. A casa, morada, a habitação tem com o próprio mundo uma natureza pré-objetiva e não utilitária. Ela é como uma parte do mundo, mas aquela parte em que podemos nos sentir relativamente abrigados, nela a abertura tem alguns limites” (FIGUEIREDO, 2009, p.69).

como raça e indivíduo. Assim, conforme indica Forbes (2005), retorna na atualidade, de forma avassaladora uma pergunta típica da passagem adolescente: Quem sou eu?

Figueiredo (1996) cria o conceito de subjetividade privatizada para falar da forma com que o sujeito experimenta o conflito moderno. Ele sente essa relação como extremamente particular, única, à qual os outros não têm acesso. O autor refere que nos reconhecemos como livres, diferentes, capazes de experimentar sentimentos, ter desejo e pensar independentemente dos demais membros da sociedade. Essa forma de relação subjetiva emerge em momentos de grandes impasses, de intensos conflitos sociais:

(...) as grandes irrupções da experiência subjetiva privatizada ocorre em situações de crise social, quando uma tradição cultural (valores, normas, costumes) é contestada e surgem novas formas de organização de vida. Em situações como estas, os homens se vêem obrigados a tomar decisões para as quais não conseguem apoio na sociedade. Nestas épocas, as artes, a literatura revelam a existência de homens mais solitários e indecisos do que em épocas nas quais dominam as velhas tradições e não existiam grandes conflitos (FIGUEIREDO, 1996, p.15).

Quando os homens não têm amparo no social, restam-lhes recorrer a seu foro íntimo, a si próprios. Surge, com isso, a experiência da subjetividade privatizada: “(...) quem sou eu, como sinto o que desejo, o que considero justo e adequado? Nesta situação, o homem descobre que é capaz de tomar suas próprias decisões e que é responsável por elas” (FIGUEIREDO, 1991, p.16).

Voltemos a nossa questão de pesquisa que aborda o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência na cultura, vimos que nos configuramos através do Outro que, foi internalizado, somando-se a isso à quebra de fronteiras com o advento da era industrial e do capitalismo, leva o sujeito a manifestar um discurso particular, individualizado, privatizado, fragmentado e aberto aos deslocamentos no âmbito social.

Num determinado momento de seu trabalho, Oliveira (2002a) apontou que, a fragmentação da narrativa do sujeito moderno, indicada por Benjamin e Adorno, demonstra que a narrativa é um sintoma de seu tempo, produto de um determinado regime de vida social advindo com a modernidade. A configuração, forma e estilo das narrativas modernas são produzidos, enquanto, ao mesmo tempo, reproduzem especificidades de um momento histórico-social.

A autora referida indica que, a fragmentação é o reflexo de um contexto social e pontua a diferença entre formas tradicionais e formas modernas de construção da narrativa. Assim, a fragmentação da narrativa é um atributo que identifica o sujeito moderno.

Tais aspectos podem nos ajudar a pensar, porque é tão difícil para os jovens configurar um modo próprio de viver, onde possam se sentir, parcialmente reconhecidos, pois necessitam se apropriar de elementos da cultura, construir narrativas próprias e compartilhá-las no social. A língua de cada geração é peculiar ao seu tempo, sendo que os jovens para se inserir no social necessitam interpretar a língua da geração que lhe antecede, deslocar aos pares suas representações e se fazer compreender a partir de uma fala própria.

Assim, para se constituir subjetivamente o sujeito precisa ter um lugar, um *ethos*, uma moradia simbólica, que a família ou o Outro oferece (FIGUEIREDO, 2009). Nosso *ethos* conforme indica o autor se modificou na modernidade, houve uma desorganização das referências do sujeito. Portanto, a subjetividade humana precisou modificar-se, as narrativas modernas demonstram esse fato.

A psicanálise nos ajuda a compreender de que maneira a subjetividade vai sendo formada, pois teoricamente é de dentro da família que o sujeito se constitui. As linhas que se seguem abordam importância da função paterna, do complexo de Édipo, do complexo de castração e *superego* como elementos que compõem uma base de sustentação ao sujeito. Tais conceitos são importantes, pois a forma como a criança organiza o seu imaginário ou o seu *eu*, irá se repercutir na maneira que vai reconfigurá-lo na adolescência.

A partir de uma perspectiva psicanalítica, tem-se dito que o acesso do sujeito¹⁸ à ordem da cultura está relacionado com a situação prévia, estruturante, que é o acesso do sujeito à ordem simbólica. Vieira (1999) indica que, o sujeito desejante, está marcado por um *a priori* simbólico que o constitui. A dinâmica triangular opera na criança desde as vicissitudes da problemática edípica de ambos os genitores. E as particularidades dessa problemática marcarão o surgimento da criança como sujeito em relação ao desejo do Outro. O complexo de Édipo constitui o eixo de acesso do sujeito à ordem da cultura e à ordem simbólica graças à existência de um terceiro termo: a função paterna. Quando essa criança ascende à ordem simbólica, há uma legitimidade que a constitui na ordem da linguagem pré-existente, a qual marca um alicerce de significantes possíveis para esse sujeito que o determina como tal.

¹⁸ O sujeito em psicanálise é o sujeito do desejo, que S. Freud descobriu no inconsciente. Esse sujeito do desejo é um efeito da imersão do filho do homem na linguagem. É preciso pois, distingui-lo tanto do indivíduo biológico, quanto do sujeito da compreensão (CHEMAMA, 1995). Esse termo sujeito apresenta um rigor conceitual no pensamento de Lacan: encontraremos sujeito do inconsciente, da enunciação, e sujeito usado por Lacan para fugir de uma concepção individualista. O primeiro é a-histórico, despido de qualquer qualidade – o sujeito mesmo do inconsciente. Quando nos referimos à subjetividade estamos falando em atributos colocados a este sujeito, atributos que são formas de resistência à manifestação mesma da verdade deste sujeito.

O complexo de Édipo, conforme sublinha Freud (1980) no texto, “A dissolução do complexo de Édipo”, revela sua importância como fenômeno central do período sexual da primeira infância. Após este período se efetua sua dissolução, e ele sucumbe à regressão, e é seguido pelo período de latência.

Nesse texto Freud discute o que produz a dissolução do complexo, e também aponta algumas diferenças do mesmo, entre meninas e meninos. O autor afirma que sua destruição advém por falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna. O complexo deve ruir porque chegou o momento para sua desintegração, tal como os dentes de leite caem como os permanentes começam a crescer. Este complexo constitui-se como um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade e fadado a findar ao instalar-se a fase seguinte preordenada do desenvolvimento, embora a maioria das pessoas passe pelo complexo de Édipo como uma experiência individual.

No texto *Introdução ao Narcisismo de 1914*, Freud (2010) apresenta os fundamentos narcísicos da transmissão psíquica entre as gerações. Introduz a idéia do quanto uma criança pode ficar aprisionada aos ideais narcísicos de seus pais e quanto, a relação objetal existente neste primordial vínculo (pais-filhos), pode ser herdeira desse narcisismo.

Para tanto, o conceito de identificação ocupa lugar central por subjazer ali, ao contrário da escolha de objeto narcísica, uma escolha de objeto por apoio graças à qual o sujeito se constitui com base no modelo parental ou no dos substitutos dos pais. Ou seja, a estruturação psíquica se constitui a partir da identificação com o outro, representante do objeto por apoio. Portanto, narcisismo e ego são contemporâneos na formulação freudiana. Iremos trabalhar mais adiante a ideia de identificação na teoria freudiana e lacaniana.

Aquilo que foi herdado, a partir da relação com os pais, precisa de reconfiguração na passagem da adolescência para a inserção do adolescente no social. É importante ao jovem realizar a série de operações a partir das configurações estabelecidas no seio da família, no sentido de conquistar certa individuação para se inscrever no social.

A inserção do adolescente no laço social relaciona-se a forma como articula os aspectos relativos ao imaginário com o simbólico para construção da realidade, sendo que isso requer uma posição de sujeito. Dolto (1992) afirma que, em relação aos aspectos simbólicos estão implícitos à função paterna e os significantes. É pelo discurso desse Outro, no campo desse Outro, dessa subjetivação outra, que a criança passa a encontrar elementos que permitirão a ela ver a se reconhecer como *eu*.

Logo que a criança nasce, a vida psíquica é pura indiferenciação com o corpo. O máximo de referencia que existe é o que se encontra no campo do Outro. É a partir dos

elementos que vem do Outro que, se permitirá a criança construir as articulações necessárias, que dirão da possibilidade de estabelecer limites para se inserir no social.

O terceiro momento do estágio do espelho em Lacan corresponde ao primeiro tempo do Édipo, isto por que, apesar de a criança já ter uma visão discriminadora do *eu* e do outro, ainda está numa relação quase fusional com a mãe. Nesse ínterim, ela busca identificar-se com o que supõe ser o objeto de desejo da mãe, com o que supõe que preencherá a falta da mãe, ou seja, o falo (VIEIRA, 1999).

A noção de falo foi introduzida por Freud como representação psíquica, imaginária ou simbólica, do atributo possuído por alguns e ausente em outros (pênis). Para Lacan *apud* Násio “(...) é um significante destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significação (...). É o significante do desejo. O falo simbólico equivale à lei (...) o falo imaginário é uma imagem em negativo, um furo na imagem do outro” (1995, p.33-40).

Supondo-se estar à criança sempre envolvida em torno da questão fálica, é inevitável o surgimento da oscilação dialética entre ser ou não o falo da mãe. Tal oscilação é o principal indicativo do segundo tempo do Édipo, em torno da localização respectiva do lugar do falo no desejo da mãe, da criança e do pai, no curso desta dialética.

O pai entra em cena, nesta fase, com a função de fazer a mediação na relação (mãe-filho-falo). O pai desempenhará o papel de intruso, fará a interdição (referente à satisfação do impulso), frustração (frustra a criança da mãe, dano imaginário com objeto real) e privação (priva a mãe de seu objeto fálico).

No momento em que a mãe desvia o olhar da criança, é como se aí fizesse o reconhecimento de que o filho não lhe completa, indicando para ‘um Outro’ que, provavelmente daria o que lhe falta. Isso abre a possibilidade de reconhecimento e efetivação da função paterna.

O que é a função paterna? É uma função que regula a relação entre mãe e filho, fixa os limites desta relação, instaura a primeira grande lei (que proíbe o incesto), a que o futuro sujeito estará submetido. As demais leis são derivadas, ao mesmo tempo em que a ela são remetidas.

O terceiro momento (do Édipo) é quando se verifica o declínio do complexo. O momento em que cai a rivalidade imaginariamente instalada pela criança em torno da mãe e se inicia os processos de identificação, etapa que marca a simbolização da lei.

A criança, dando-se conta de que não tem o falo e supondo saber quem o detém, vai buscar. Tal busca, contudo conduz meninos e meninas a saídas diferentes. A teoria aponta uma distinção não biológica para meninos e meninas na própria entrada no Édipo. De acordo

com a investigação psicanalítica, o menino, ao se defrontar com o risco imaginário da castração, sai do complexo de Édipo; e a menina, por sua vez, ao se defrontar com a castração e aceitá-la como um fato consumado, entra no Édipo.

Desse modo, a partir do momento em que a criança se vê defrontada com a situação de não ser e nem ter o falo materno, emerge o complexo de castração com sua dupla vertente de possibilidades. Freud (1980) no texto de 1925, “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, indica que o Complexo de Édipo é algo muito importante que o modo por que o indivíduo nele se introduz e o abandona deixa seus efeitos. Nos meninos o complexo é feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada, nas meninas falta o motivo para demolição do complexo de Édipo, pois a castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo.

Segundo Nasio (1995) o complexo de castração é uma etapa da evolução da sexualidade infantil. Em psicanálise, o conceito de castração não corresponde à aceção corriqueira de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, contudo, designa uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade. Tal experiência é decisiva para a assunção de sua futura identidade sexual. Um fato marcante dessa experiência é que pela primeira vez a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Até esse momento a criança vivia na ilusão onipotente, com a experiência da castração terá de aceitar que o universo seja constituído de homens e mulheres e que o corpo tenha limites. A criança precisará aceitar que seu pênis de menino jamais lhe permitirá concretizar seus intensos desejos sexuais em relação à mãe.

O autor referido sublinha que, o complexo de castração não se reduz a um simples momento cronológico, mas a experiência inconsciente da castração é constantemente renovada ao longo de toda existência e particularmente recolocada em jogo no momento da passagem da adolescência e na cura analítica do paciente adulto. Sendo que, um dos objetivos da experiência analítica é possibilitar e reativar na vida adulta a experiência que atravessamos na infância: admitir com dor que os limites do corpo são mais estreitos do que os limites do desejo.

O reconhecimento da Lei do interdito imposta pela função paterna e respeitada pela mãe faz como que o menino renuncie ser o objeto de desejo da mãe e passe a identificar-se com quem julga possuir isto que falta à mãe. Ele abre mão dessa mulher para buscar outra que com esta se pareça.

Para a menina, o reconhecimento de que a lei imposta pela função paterna é respeitada pela mãe, soma-se a descoberta de que a mãe é castrada, porque precisa do pai (Outro), e de

que ela também o é. Isso gera certo rancor em relação à mãe por esta ter-lhe legado essa falta, o que favorece uma aproximação com o pai a fim de obter o que lhe falta, ou seja, o falo. Dessa maneira, a renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza ao logo da linha de uma equação simbólica, ou seja, a menina identifica-se com a mãe para conquistar o pai e dele obter, num primeiro momento, o falo e, num segundo momento, um filho.

Freud (1980), no texto já referido, “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, questiona-se a respeito do que faz com que a menina desista do primeiro objeto de amor, que é a mãe, e se volte para o pai. Nessa etapa de seus estudos, ele indica uma complexidade maior, no complexo de Édipo da menina, pois a “rejeição” da diferença anatômica entre os sexos na vida mental das crianças, não parece incomum nem muito perigoso, mas em um adulto significa o começo de uma psicose.

Compreendemos através da teoria que é no seio da problemática edipiana, monitorizada pelo complexo de castração, que se define uma subjetividade masculina e feminina ou, de outro modo, que um homem e uma mulher se configuram enquanto tais, além de seus sexos biológicos.

A instauração da lei paterna nos ajuda a compreender a possibilidade de consumação do incesto, o que não significa cortar o desejo incestuoso da criança, mas simplesmente proíbe a satisfação de seu desejo, ou seja, o gozo. Está é a parte do complexo que destacamos pela sua importância na estruturação do sujeito. O pai marca com seu corte significativo, a impossibilidade de realização do desejo, ele declara o limite com a mãe. Esta impossibilidade permite à criança a entrada na cultura, ou seja, colocar-se como sujeito, e torna mãe e filho sujeitos desejantes.

Quando se estabelece a lei paterna, a primeira lei do sujeito inicia-se a formação do *supereu* que, é fruto do conflito entre esta lei e o gozo incestuoso. O *supereu* dará garantias à permanência da lei de proibição do incesto e manterá sempre presente a saída da criança do complexo de Édipo.

Nasio (1995) sublinha que essa instância é a autoridade dos pais internalizada durante o Édipo, e diferenciada no seio do *eu* como uma de suas partes, que a psicanálise chama de *supereu*. Freud (...) resume numa única frase bastante conhecida a própria essência do *supereu*: “O *supereu* é o herdeiro do complexo de Édipo”. Lembramos que essa instância soberana da personalidade foi descrita por Freud (1980) em 1923, no texto “O ego e o id” da segunda teoria do aparelho psíquico (aparelho composto pelo *ego*, *id* e *superego*), remonta ao período do desaparecimento do complexo de Édipo.

O desejo edipiano, que está sempre presente no *supereu*, é que move o sujeito no sentido da complexidade; completar uma falta impossível de ser preenchida, que ficou interdita pelo advento do pai, ou seja, do Outro na relação fálica entre mãe e filho. Dolto (1992) refere que, ao final do Édipo, a criança vive não mais agradar o pai ou a mãe, mas para si mesma e seus companheiros, colegas e amigos.

Tais elementos referidos dão indícios de que configuração do imaginário não se processa de modo tranquilo. Winnicott (1996) aponta que, depende em primeiro lugar da capacidade do Outro primordial se identificar com o sujeito, a partir de um sentimento do tipo “se eu estivesse em seu lugar”... E em segundo lugar, desse outro ser capaz de colocar a criatura em contato com elementos da herança cultural, de modo apropriado, de acordo com a sua capacidade, sua idade emocional e fase de desenvolvimento. Para o autor, a função da mãe proporciona um ambiente facilitador, no sentido da criança ser acolhida no mundo.

As considerações de Winnicott vão de encontro ao que Roudinesco (2003) sublinha sobre a importância da família, como um território fundamental para constituição do indivíduo, do um ao múltiplo, ou seja, ela é importante para constituição de um espaço-tempo subjetivo para o sujeito.

Através desses esclarecimentos, sobre a constituição do sujeito e inserção na cultura, entendemos minimamente a complexidade subjetiva que retorna na adolescência, ou seja, os aspectos referentes ao complexo de Édipo e de castração que dão notícias ao sujeito sobre sua inscrição no Outro. Tais aspectos estão implicados na reconfiguração do imaginário na adolescência. Seguimos com o estudo sobre as identificações que, pretendem lançar luzes, sobre a forma com que o sujeito estabelece as suas identificações.

2.4 AS IDENTIFICAÇÕES NA ADOLESCÊNCIA SEGUNDO AS LEITURAS FREUDIANAS E LACANIANAS

A subjetividade humana iniciou a ser tecidas nos primórdios do desenvolvimento, desde a herança familiar do sujeito, sendo que na adolescência, novas identificações são necessárias, pois implica na necessidade do adolescente efetuar escolhas e arriscar-se na tomada da palavra, a partir de contextos sociais e institucionais para além do familiar. Sua história pessoal necessita ser reconfigurada no movimento pulsional através da linguagem.

Notamos de todo modo, através de nossos estudos com adolescentes, que as mudanças que o acometem implicam na perda de sua identidade de criança e mobilizam aspectos do período referente às pulsões pré-genitais levando-o à busca de novas identificações.

Somando-se ao exposto, as mudanças psíquicas que reportam à passagem pelo complexo de Édipo retornam, através da dialética das relações com o outro e com o objeto na fantasia e necessitam experiências de simbolização, tendo implicações na realidade.

Vamos abordar, na sequência desse escrito os aspectos relativos às identificações a partir da visão de alguns conceitos metapsicológicos como: noção de identidade-identificações, conceito de pulsão, ideia de objeto, narcismo, noção de *eu*.

No sentido de nos situar, em relação ao referencial psicanalítico, apontamos o que sublinha Nilson Sibemberg¹⁹ (2009), a respeito da nosologia psicanalítica. Tal nosologia abrange três aspectos: a relação com semelhante (campo das identificações e aspectos narcísicos), relação com o discurso social (filtrado do discurso da mãe e do pai) e forma como a criança se relaciona com a linguagem ou como foi constituída pela linguagem. Sendo assim, diante do Outro incompleto, vulnerável e dotado do inconsciente, pretendemos seguir enfocando o movimento das identificações do sujeito e suas implicações na reconstituição do imaginário.

Qual a relação entre imaginário e o campo das identificações na adolescência?

O vocábulo “identificação” vem da psico-sociologia, que apresenta o seguinte esquema: há uma relação entre duas pessoas, A e B, ligadas por uma relação de identificação; a pessoa A transforma-se gradativamente, em B, à medida que adota traços desta. Este esquema é modificado por Freud. Ele desloca o espaço psicológico e tridimensional para o espaço do inconsciente: conserva os campos A e B, no entanto, de acordo com o processo de transformação inconsciente situado no lugar psíquico, realizado fora do campo da percepção e dos sentidos. Aquilo que A incorpora de B é a sua representação, ou seja, trata-se de um processo inconsciente realizado pelo *eu* quando este se transforma num aspecto do objeto, entendendo-se aqui objeto como representação psíquica inconsciente, desse outro. Sendo assim, a identificação é um processo realizado pelo *eu*, quando este se transforma num aspecto do objeto, não se trata de uma relação de pessoa a pessoa, mas de sujeito com as representações do outro.

Com Lacan e sua formulação de estágio do espelho, vemos que ele subverte essa fórmula freudiana de identificação, indicando que ao invés de A se transformar em B é B que produz A: “A identificação significa que a coisa com a qual o *eu* se identifica é causa do *eu*” (NASIO, 1995, p.99). Lembramos que trabalhamos os elementos desse estágio, na primeira

¹⁹ Conferência realizada no ciclo de seminários interdisciplinares em Santo Ângelo, promovida pelo Centro Lydia Coriat: Desenvolvimento infantil e seus transtornos – inclusão das diferenças.

parte desse capítulo, sendo que verificamos que o estádio do espelho fornece elementos importantes da constituição da matriz do *eu*, ou seja, a constituição do *eu* imaginário.

Pensamos ser oportuno referir o trabalho de Flores (2011), intitulado *Do problema das Identidades da Pós-modernidade*, pois esclarece que a noção de identidade estável é incompatível com o descentramento, que resulta da descoberta freudiana de inconsciente. Estudos psicanalíticos indicam que, o inconsciente freudiano é em primeiro lugar, indissolivelmente uma noção tópica e dinâmica, resultante da experiência de tratamento. Freud demonstrou que o psiquismo não é redutível ao consciente e que certos conteúdos só se tornam acessíveis à consciência depois de superadas suas resistências.

Tendo em vista essas considerações, a via de abordagem do tema da identidade em psicanálise é a noção de identificação. A identificação opera como marca simbólica que produz em cada sujeito, não sua unidade, mas sim sua singularidade. As identidades se estabelecem em relação ao ser; já a identificação, dá ênfase ao dizer. Assim, Flores (2011) sublinha tais diferenças, pois ela define sua posição, quanto à noção de identidade.

Entendemos através de Souza (1994), o que Lacan propõe que um pensamento representativo, aplicado a noção de identidade, seja ultrapassado em termos de uma identificação simbólica, que nada mais é do que uma identificação com o significante. Desse modo, distinto da representação, o significante não tem como conceder ao sujeito ‘uma unificação sintética numa identidade’, uma vez que o princípio de identidade não pode ser mantido.

Sendo assim, Souza (1994) demonstra que, está em questão pensar uma distinção entre dois tipos de mediação, sendo uma pela imagem (pelo objeto) e outra pelo significante. A identidade imaginária pode ser traduzida pelo permanecer do objeto no campo perceptivo, é o campo das ilusões, da linguagem marcada pelo imaginário. Note-se de todo modo, que a percepção não é um processo passivo, já disse Freud (1980) no texto “A negativa”, sendo que o *eu* emite periodicamente ao sistema percepção pequenas cargas psíquicas, por meio das quais prova os estímulos externos, retraindo-se novamente depois de cada um destes avanços de tateio. De outro modo, a identidade simbólica demonstra a experiência humana do próprio ser através de uma identificação, com um significante, o qual, em vez de conferir unidade, produz um sujeito (barrado), que é “efeito de cisão de ser e significante”.

Tendo em vista essas diferenças, na abordagem em relação às identidades e identificações segundo Souza (1994) e Flores (2011), pretendemos ter em mente esses direcionamentos, no sentido de articular o enfoque do nosso trabalho que, implica o imaginário articulado ao campo das identificações. Para os autores referidos, as relações entre

o imaginário e o campo das identificações se diferenciam, pois o primeiro se articula com as questões do ser, da imagem, da percepção, sendo que o segundo está conectado, com os aspectos relativos ao significante.

O conceito de identificação foi construído ao longo da obra freudiana e se constitui uma das categorias fundamentais da psicanálise, tanto que Jacques Lacan dedica, em 1960, um seminário sobre o tema. A complexidade desse conceito depende da compreensão, de outros, como narcisismo, *ego*, objeto, e, particularmente, de histeria. Concomitante, aos avanços no estudo dessa psicopatologia, encontramos a evolução na elaboração do conceito de identificação, ou seja, sua construção está muito entrelaçada à trajetória da histeria. A seguir apresentamos alguns pontos da obra freudiana, nos quais ele apresenta esse movimento conceitual.

Numa carta enviada a seu amigo W. Fliess, de 17 de dezembro de 1896, Freud relata seus estudos sobre o mecanismo de agorafobia em mulheres, afirmando que isso ocorre devido a “um recalçamento da intenção de apanhar o primeiro homem que passa pela rua: inveja de prostituição e identificação (MASSON *apud* OLIVEIRA, 2002a).

O Conceito de identificação começa a receber um tratamento teórico em 1900, em *A Interpretação dos Sonhos*, precisamente no *Sonho da Bela Açougueira*, no qual Freud (1980) apresentará a identificação histérica a partir do sintoma histérico, diferenciando a identificação histérica de imitação histérica. Nesse texto o autor borda o que se transmite de uma instância psíquica para outra. Quando falamos de transmissão intersubjetiva estamos nos referindo a transmissão por identificação, de Édipo e, portanto de *eu*, *supereu*. Aqui aparece a elaboração metapsicológica da questão da identificação.

Em 1914, no texto de Freud (2010), *Introdução ao narcisismo*, o conceito de identificação ocupa lugar central por subjazer ali, ao contrário da escolha de objeto narcísica, uma escolha de objeto por apoio graças à qual o sujeito se constitui com base no modelo parental ou no dos substitutos dos pais. Ou seja, a estruturação psíquica se constitui a partir da identificação com o outro, representante do objeto por apoio. Portanto, narcisismo e *ego* são contemporâneos na formulação freudiana.

Em Freud (1980), vemos que ele dedica um capítulo inteiro do texto *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* ao conceito de identificação. O autor refere que a identificação é a forma mais primitiva e original de ligação afetiva com o outro e desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo, em que a ambivalência amor-ódio está presente. Sublinhamos que esse é um momento de grande virada epistemológica do pensamento freudiano, década de 1920.

Relativo às identificações transpsíquicas, ou seja, aquela transmissão psíquica de aparelho para aparelho, por contágio, Freud (1980) aponta três tipos: a forma originária de laço afetivo com o objeto, ou seja, identificação primária; como substituto de uma escolha de objeto abandonada e por identificação com o *ideal de ego* do grupo. Assim, quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida, pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar o início de um novo laço.

Um dos tipos de identificação é derivado da primeira fase da organização da libido, da fase oral, a da incorporação: “... o objeto que desprezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal” (FREUD, 1980, p.133). Trata-se da identificação primária.

A identificação secundária é parcial, ou seja, ocorre em relação a um traço único (*o einziger Zug*). O sintoma histérico é um exemplo, pois se constitui não na imitação da pessoa amada, mas no seu sintoma.

Nasio (1995) nos transmite que quando se trata de inconsciente, já não estamos no terreno conhecido de uma pessoa entre outras, movendo-se no espaço tridimensional habitual. Estamos no lugar interpessoal e inconsciente desse outro indivíduo singularíssimo, heterogêneo, qualificado por Freud de “*id* psíquico”.

Estamos no espaço psíquico, assim nos preocupamos em compreender como, no cerne do campo inconsciente, dois pólos – *eu* e objeto – entram em relação de identificação. O desafio psicanalítico freudiano é dar nome ao processo inconsciente, realizado pelo *eu* quando, este se transforma num aspecto do objeto. O *eu* e o objeto, insiste Nasio, sendo aqui, considerados apenas em sua condição estrita de instâncias inconsciente.

As categorias freudianas de identificação implicam, na premissa de conhecermos, o que representa o objeto, nesse campo de estudos. Nasio (1995) propõe reunir as diferentes acepções freudianas desse conceito em duas categorias: A primeira compreendida como identificação total efetuada entre a instância psíquica inconsciente chamada *eu* e outra instância, igualmente inconsciente, que chamamos de objeto total; a segunda categoria é qualificada de identificação parcial, em que o *eu* se identifica com apenas um aspecto, do objeto.

Pretendemos situar o estatuto dessas entidades inconscientes, chamadas *eu* e objeto, antes de situarmos as categorias que enfocamos nesse escrito. Em relação à definição freudiana de objeto Nasio sugere que aceitemos a acepção freudiana de *eu* inconsciente. O termo objeto designa uma representação inconsciente prévia à existência de outrem, uma

representação que já se acha ali, na qual virá embasar-se a realidade externa da pessoa do outro, qualquer de seus atributos vivos.

Com rigor, não existem no inconsciente, representações do outro, mas apenas representações inconscientes, impessoais, a espera de um outro externo que venha juntar-se a elas. Portanto é exatamente essa representação, dedicada à existência inconsciente do outro, que chamamos objeto. Precisamos ter o cuidado para não imaginar uma pessoa, mas pensar numa instância psíquica inconsciente.

Assim, podemos dividir as diferentes acepções freudianas do conceito de identificação em duas categorias: a identificação total e as identificações parciais. A identificação total é considerada identificação primária, ou seja, a primeira identificação total do *eu* com o objeto total, é essencialmente mítica, ela não existe e não remete a nenhum fato clínico direto.

Constitui pré-condição mítica, uma alegoria fundamental da maneira como se transmitiria de geração a geração, além dos limites dos homens, a força da vida, a libido imortal. O objeto total é o pai mítico, da horda primitiva que, os filhos devorarão até cada um deles se torne o pai.

Eles incorporam pela boca, com prazer oral de comer, o corpo despedaçado do pai, um pedaço do corpo, contendo, a força paterna inteira. O *eu* ocupa inteiramente o lugar paterno, por assimilar libidinalmente (prazer pela boca) um fragmento corporal da plena potência libidinal do pai.

Já as identificações parciais demonstram essa categoria freudiana de identificação do *eu* com um aspecto parcial do objeto. O que entender por aspecto parcial do objeto? O objeto é representação inconsciente. O aspecto parcial do objeto é igual ao aspecto ou forma que uma representação pode adotar.

Estaremos na presença de quatro modalidades de identificação parciais conforme o aspecto que, o objeto possa assumir, ou seja, ser um traço distintivo, uma imagem global, uma imagem local, ou ainda, emoção. Haveria quatro fusões possíveis do *eu* com uma forma do objeto, ou, o que dá na mesma, com uma forma particular de representação inconsciente.

O Objetivo de Nasio (1995) é apresentar os esquemas de seus eixos principais, para aproximar-se das três distinções lacanianas da identificação: simbólica, imaginária, fantasística. Os esquemas principais incluem a identificação parcial com o traço do objeto, a identificação parcial com a imagem global do objeto, a identificação parcial com a imagem local do objeto, a identificação com o objeto enquanto emoção (o caso da histeria).

Devido ao objetivo de situar o conceito de identificações na teoria freudiana e laciana, para pensarmos os aspectos articulados às identificações imaginárias relativas ao

semelhante, nesse momento, nos deteremos em explicitar a identificação parcial com a imagem local do objeto. Esta é considerada na teoria freudiana como identificação parcial ligada à imagem local do objeto, que iremos reencontrá-la modificada na teoria lacaniana sob o nome de identificação imaginária.

No caso Dora desenvolvido por Freud (1980) em meados de 1905 podemos lembrar na intensidade com que Dora pode assumir os dois papéis complementares desempenhados pela Sra. K. (desejável) e pelo pai (desejante), na cena de sua própria fantasia histórica. Primeiro, o papel em que a Sra. K. revela-se um objeto sexualmente desejável aos olhos do pai; a Sra. K. fica então reduzida à dimensão exclusiva de coisa sexual, de coisa sexualmente desejável, por um amante masculino. Mas reciprocamente, Dora pode também desempenhar o papel oposto de sujeito habitado pela falta; identificou-se, pois, com seu pai desejoso de uma mulher. Ora, cabe-nos observar aqui que o ímpeto desse movimento identificatório é impresso por uma fundamental tendência do *eu* histórico, a se identificar não apenas com um desejante o qual busca, mas com aquele que goza com o buscar, alguém que goza por se achar em estado de desejo.

Assim, a identificação mais imediata de Dora com o pai desejante faz parte de uma linha estendida rumo ao horizonte intangível, onde enfim, se encontraria a essência enigmática da feminilidade. Dora tenta, pois além de todos os limites, unir-se a Sra. K., desta vez fantasiada não como coisa desejável, mas como transportada pelo mais elevado desejo, o misterioso desejo feminino, desejo puro sem objeto determinável.

Desta forma, enquanto Freud propõe o nome de identificação para qualificar a relação de sobreposição, entre duas instâncias inconscientes, o *eu* e o objeto, Lacan, em contrapartida, enfrenta outro problema, ou seja, dar nome a uma relação que, um dos termos cria o outro. Na compreensão lacaniana, a identificação indica que, a coisa com a qual o *eu* se identifica é a causa do *eu*, ou seja, o papel ativo anteriormente desempenhado pelo *eu* é, no momento, garantido pelo objeto.

Nasio (1995) resume o desafio lacaniano, no qual o agente da identificação é o objeto, e não mais o *eu*. Através do conceito de identificação, Lacan resolve um problema fundamental, que é dar nome ao processo psíquico de constituição do *eu*, ou numa formulação mais correta, dar nome ao processo de causação do sujeito do inconsciente.

Conforme a natureza, desse lugar, pode-se distinguir duas categorias de identificação a primeira, está na origem do sujeito do inconsciente, chamaremos de identificação simbólica; a segunda está na origem do *eu*, chama-se identificação imaginária; e a terceira categoria, mais particular, quando não concerne exatamente à produção de uma nova instância, mas a

instituição de um complexo psíquico denominado fantasia. Esta última modalidade identificatória é qualificada de fantástica.

A fim de enfocarmos melhor o nosso estudo, a partir do tema priorizado, abordamos a noção de identificação imaginária do *eu* com a imagem do outro, o nascimento do *eu*, ou seja, a sua estrutura. Apresenta-se o desafio de Lacan para designar pelo nome de identificação, o processo de formação de uma nova instância psíquica, neste caso, o *eu*.

O momento inaugural desse processo formador foi qualificado por Lacan como estágio do espelho, sendo o *eu* um esboço, a marca de uma experiência perceptiva excepcional deixada na criança. A criança é captada, como jamais voltará a ser, pelo impacto fulgurante nela provocado pela visão global de sua imagem refletida no espelho.

O *eu*, nesse momento, e apenas nesse momento, é marca do contorno da imagem unitária da criança, a *épura*, uma linha, simplesmente, da forma humana. Esse arcabouço originalmente vazio a que chamamos *eu-épura* irá se consolidando na medida do aparecimento de outras experiências imaginárias, não mais globais, porém parciais. O primeiro *eu-épura* ficará como quadro simbólico que, contém todas as imagens sucessivamente percebidas, constitutivas do *eu-imaginário* (NASIO, 1995).

Na teoria lacaniana, o *eu-imaginário*, não se confunde, com a consciência de si, nem com uma das três instâncias tópicas discriminadas por Freud (*eu, isso e supereu*), mas se define como uma estratificação incessante de imagens continuamente inscritas em nosso inconsciente.

Para se compreender, o que é o *eu*, e como ele se forma no correr das identificações imaginárias sucessivas, cabe admitir primeiro que, para psicanálise, o mundo externo não se compõe de coisas e seres, mas é fundamentalmente composto de imagens. Quando acreditamos perceber um objeto, nosso *eu* percebe apenas a imagem do objeto.

Entre o *eu* que se nutre de imagens e o mundo, fonte de imagens, estende-se uma dimensão imaginária única, sem fronteiras, na qual o mundo e o *eu* são uma única e mesma coisa feita de imagens.

Se aceitarmos essas premissas lacanianas, reconhecemos que, em se tratando do *eu* a distinção externo/interno é abolida, o *eu* situa-se na imagem aparentemente externa - por exemplo, a de meu semelhante, mais do que no sentimento consciente de mim mesmo.

Contudo, as imagens constitutivas do *eu-imaginário*, não são imagens quaisquer. Para Lacan, o *eu* se estrutura segundo uma estratificação, bem ordenada, de imagens sucessivas, sendo, cada uma, percebida com a paixão do ódio, do amor e da ignorância.

O *eu* só se identifica seletivamente com as imagens em que se reconhece, quer dizer, com imagens pregnantas que, de perto ou de longe evocam apaixonadamente a figura humana do outro, seu semelhante. Mas o que liga afetivamente o *eu* as imagens eleitas do outro, transformando em sua substância exclusiva?

Não basta definir o *eu* como precipitado de imagens remetidas a outrem, é preciso ainda delimitar o que, dessas imagens, liga-os com paixão até constituí-lo. A única coisa que prende, atrai e aliena o *eu* na imagem do outro é justamente aquilo que não se percebe na imagem, a saber, a parte sexual desse outro. A verdadeira captação imaginária do *eu* não é efetuada pela imagem, mas pela parte não perceptível, negativa da imagem. É com essa parte oca dentro da imagem que o *eu* se identifica.

Por isso, conclui Nasio (1995) a identificação imaginária que origina ao *eu* é mais do que uma sequência de imagens sucessivas, ela é fundamentalmente a fusão do *eu* com a parte furada da imagem do semelhante.

Entendemos que as identificações imaginárias e simbólicas vão se estabelecendo concomitantemente ao longo da vida do sujeito. Ser aquilo que os pais sonharam para si mesmo, e articular com os elementos significantes que compõe suas identificações leva o adolescente ao trabalho psíquico de se haver com sua falta constitutiva e a experiência de alienação-separação relativa à demanda do Outro através da linguagem.

Tendo em vista, as considerações efetuadas, verificamos que é de fundamental importância as identificações transpsíquicas que, abordamos no início do texto, relativas aos ensinamentos de Freud (1980). Por que consideramos importante, as identificações transpsíquicas, no momento adolescente?

Porque como vimos, inicialmente as identificações imaginárias se estabelecem através das transmissões intersubjetivas, sendo que no momento adolescente, passado os aspectos intrínsecos ao desenvolvimento, há reatualização dos conflitos inerentes à fase do espelho, assim a oportunidade de novos arranjos imaginários para serem simbolizados, através da linguagem endereçada ao outro. Essas novas possibilidades engendram as reconfigurações do imaginário a partir de elementos simbólicos ou ainda não simbolizados que se dão a partir dos encaminhamentos dos jovens para grupos e instituições, onde possam reposicionar-se e estabelecer representações dando novos direcionamentos às suas vidas.

O jovem pode se sentir, em muitos momentos, confuso, ou mesmo, sem ter a mediação do Outro, sendo que o sentimento de ser invadido pelo outro pode levar o indivíduo como defesa, a reter muitas de suas conquistas infantis, ainda que coexista o prazer e a ânsia de alcançar o seu novo *status*. Esse momento de “afastamento” do jovem da família é de

grande importância, pois oferece um espaço para que o sujeito ligue-se novamente ao seu passado e a partir daí enfrentar o futuro.

Sublinhamos que referente às identificações humanas não há um processo linear, mas tais identificações vão se estabelecendo a partir de avanços e retrocessos contínuos ao longo da experiência singular de cada sujeito. Assim, a partir da adolescência, o sentimento de identidade pode ser pensado como experiências de identificação e busca da verdade em si, mesmo que determina as diferenças, entre aquilo que se vê e o que é sentido como verdadeiro.

Para afirmação de seu *eu* parece necessário o adolescente integrar de forma dinâmica o passado, o experimentado, internalizado (e também o rejeitado), ou seja, suas experiências intersubjetivas e transubjetivas com as novas oportunidades do meio e com as urgências pulsionais ou, modalidades de relação de objeto, estabelecidos no campo laços sociais. Verificamos a importância das identificações parciais para efetuação das representações pulsionais através de elementos ou traços significantes.

Assim, as breves colocações a respeito do conceito das identificações e noções sobre as identificações imaginárias foram fundamentais, no sentido de refletirmos sobre o trabalho subjetivo que concerne à reconfiguração do imaginário na adolescência. Nessa direção, a análise da obra de Ítalo Calvino pretende demonstrar como a ficção pode ser um meio de reconfigurar o imaginário.

3 ADOLESCÊNCIA: ANÁLISES POSSÍVEIS

Na primeira parte deste capítulo, efetuamos a análise de fragmentos da narrativa de alguns personagens da obra literária *O barão nas árvores* de Ítalo Calvino (2008). Os personagens Cosme, Biágio, Viola e Batista são pensados à luz dos conceitos e teorias abordadas, no sentido de compreendermos a passagem da adolescência, no contexto da cultura. Em relação à reconfiguração da adolescência trabalhamos com conceitos específicos do campo da psicanálise como estágio do espelho, função de sujeito, complexo edípico e elementos da subjetividade enfocando as identificações.

Na segunda parte, abordamos a “Adolescência na atualidade”, onde pretendemos demonstrar situações e experiências de como o imaginário dos adolescentes pode se mostrar ou se reconstruir nos contextos atuais. Os dois primeiros itens tratam dos impasses do campo imaginário e da operação alienação-separação concernente a passagem do jovem do familiar ao social. O terceiro item enfoca uma reflexão a respeito do problema da pesquisa, ou seja, compõe um entendimento sobre o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência. Sublinhamos que, sem um enlace das imagens que constituem o *eu ideal* nos primórdios, o presente se eternizaria na fluidez das imagens que o mundo oferece no eterno hoje.

3.1 O BARÃO NAS ÁRVORES: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

A narrativa de Ítalo Calvino, *O barão nas árvores*, se desenvolve no ano de 1767, século XVIII, palco de inúmeras transformações, principalmente da Revolução Francesa. Nessa época, o iluminismo manifestava-se com todo o seu esplendor, predominando as ideias racionalistas, o pensamento técnico e unificado, sendo que os personagens configuraram seus sintomas e estabeleceram suas relações sociais e institucionais, numa época de grandes mudanças sociais, econômicas e mundiais. Lembramos que, os sintomas já indicavam uma forma de separação à demanda do Outro.

De forma singular, os personagens da obra referida, refletiram o espírito de seu tempo, pois cada um construiu representações subjetivas, segundo as indicações da cultura, da família e do grupo específico. Na narrativa, os comportamentos dos personagens, indicam modos de vida daquela cultura, em que preponderavam valores descontraídos, como refere Calvino (2008), sendo uma época que marcava o início da sociedade capitalista, a queda da Monarquia e início da República.

O personagem Cosme e seus irmãos demonstram o exemplo de adolescentes, que vivem as voltas com a reconfiguração de sua vida, ou seja, buscam encontrar formas de organizar suas experiências de modo próprio. Cosme é um jovem de 12 anos filho do barão Armínio Chuvasco de Rondó e de Konradine Von Kurtewitz, que tem dois irmãos com idades próximas a sua. Biágio o personagem-narrador da história, um pouco mais jovem e Batista, a irmã, que é considerada a freira da casa. Os jovens viveram sua adolescência em meio ao “... advento gerações desatinadas, com imprevidente avidez, gente sem amizade por nada, nem por si mesma, e tudo então mudou...” (CALVINO, 2008, p.120).

Cabe destacarmos que o pai de Cosme era considerado pela mãe “um intrometido sem sorte” e vivera cheio de amarguras e manias. Por outro lado, a mãe era percebida pelos filhos uma “generalá”, sendo filha do General Von Kurtewitz, que há vinte anos ocupara as terras da família sob o comando das tropas de Maria Teresa d`Austria. A mãe ficara órfã, muito cedo, sentia-se uma estrangeira que acompanhava o pai nas batalhas das Guerras de sucessão.

Sublinhamos que Cosme e Biágio foram educados pelo abade Fauchelafleur, dependente da família e preceptor dos jovens. A família residia na cidade de Penúmbria, república de Gênova palco de importantes transformações na Europa na virada do século XVIII. Ao longo da narrativa Cosme vai fazendo escolhas, e sua decisão mais surpreendente é afastar-se da família e morar num outro lugar, mais distante, isto é, na copa das árvores.

Por que Cosme rompeu com a família? Por que se sentiu injustiçado ao ter que obedecer às ordens familiares, pelos castigos que recebeu ao quebrar uma estátua de um ancestral e por recusar a sopa de *escargots* o pai o expulsa da mesa, sendo que, Cosme dando as costas ao pai sai da sala, corre para o jardim e sobe nas árvores.

O personagem Cosme, na linguagem de Calvino (2008), foi alguém que viveu além de seu tempo, por quê? Pelo motivo que se afastou da família quando estava com 12 anos de idade e fora viver nas copas das árvores. A cidade de Penúmbria de uma copa à outra era repleta de árvores de diversas espécies.

Podemos ilustrar que Cosme, na adolescência, vivera uma vida excêntrica, pois desde que fora morar nas árvores jamais colocara os pés na terra, todavia defendeu valores como liberdade, igualdade, fraternidade e a busca do bem-comum. Os irmãos do personagem referido permaneceram vivendo na família e tentaram conciliar o encargo que a família lhes demandava, conferindo outros destinos as suas vidas.

Para conviver no âmbito social pensamos ser importante sustentar a existência do que produzimos como memória, do que compomos enquanto subjetividade através da linguagem, pois faz a mediação do sujeito no laço social. Tais mediações podem se produzir de forma

fragilizada, ou em tempos específicos, podem expressar as ambiguidades próprias do ser, sendo que, em alguns personagens da obra percebemos o refúgio narcisista e imaginário em determinadas situações.

Seguimos com o entendimento dos personagens, a partir das escolhas e posições subjetivas que eles estabeleceram, no sentido de percebermos os atravessamentos do campo imaginário, naquilo que permite ao sujeito ter sustentação para tomar posição diante dos impasses da vida, os quais envolvem também, os aspectos de exclusão-inclusão social. Ou seja, responder a demanda do outro, se opor a demanda do outro ou contornar as situações, a partir da linguagem, implicam em posições consideradas no estádio do espelho. Sublinhamos que procuramos compor análises e interpretações possíveis sobre a vida dos personagens e manter o pensamento aberto os ensinamentos de Calvino (2008) sobre os aspectos subjetivos da existência humana.

3.1.1 Personagem Cosme Chuvasco de Rondó

A partir do momento, em que o personagem Cosme se sentiu desconsiderado pela família, ao recusar os *scargots* preparados pela irmã Batista e anteriormente a isso, ao ser punido injustamente pelos pais, por ter derrubado uma estátua dos ancestrais, enfim decide afastar-se da família, residir na copa das árvores e confrontar seus referenciais originários com os referenciais de outros, na comunidade e além dela. Ele não subira às árvores para estar mais próximo do céu, mas, ou contrário, porque “Aquele que pretende observar bem a terra deve manter a necessária distância” (CALVINO, 2008, p.168).

Conforme a narrativa, Cosme, diferente de seu irmão Biágio, esbarrava com frequência nas estátuas dos ancestrais, sendo punido ao quebrar uma dessas estátuas. Esse fato, articulado com outras situações da vida do personagem, demonstram alguns impasses no sentido de reconfigurar seu imaginário, pois sua “muda” adolescente inicia ao quebrar a imagem de um ancestral. Há também representação que, pode indicar a importância de o adolescente “quebrar a imagem do ancestral” para construir novas possibilidades e com a retirada da família do lugar de ideal.

A metáfora anteriormente referida de Calvino (2008) sobre a ‘muda’ adolescente vai ao encontro da perspectiva de nossos estudos, que demonstram que o adolescente necessita de uma exogamia, ou seja, necessita de uma retirada do circuito familiar para se oportunizar novas vivências no social, ou seja, tomar uma distância do lar paterno e materno (terra), para então melhor situar-se, submetendo-se ou analisando novas experiências.

A mãe de Cosme não tomou por surpresa sua fuga de casa, percebemos de alguma forma que, ela não esperava que ele voltasse ao convívio familiar. Já o pai, tentou aproximar-se do filho, em dois momentos, questionando sua decisão. Em outras situações, a mãe de Cosme ofereceu mantimentos e suprimentos através de Biágio para Cosme. Em vista disso, nos perguntamos: Em que sentido o desejo do grande Outro capturou Cosme? Estamos refletindo sobre esta questão ao longo do texto.

Verificamos, através de nossos estudos que, na adolescência acentuam-se os conflitos relacionados ao estágio do espelho, organização do *eu* e funções de sujeito relativas ao complexo de Édipo. Há necessidade de efetuar operações de desligamento das pulsões relacionadas aos objetos de amor infantis e as identificações precisam de novos endereçamentos no social. Para exemplificar esses conceitos e elementos estudados, seguimos com os deslocamentos de Cosme na sua passagem da adolescência.

Relativo às questões edípicas e elaboração da metáfora paterna, observamos que seu pai tentou dissuadi-lo da atitude radical de permanecer nas árvores em dois momentos da narrativa. No primeiro momento ele se dirige a Cosme e o questiona: “- Agora fazeis companhia aos piores bastardos e mendigos” (CALVINO, 2008, p.70). Então Cosme responde: “- Não senhor pai, eu estou por minha conta e cada um por si” (CALVINO, 2008, p.70). Assim, nesse momento o pai o convida a descer das árvores.

O segundo momento, em que o barão Armínio procurou o filho, Cosme estava com dezoito anos, conversaram sobre as heranças da família. Nessa situação, Cosme manteve sua posição de resistir aos apelos do pai.

Nesse momento, há uma cena, na qual o pai o considera adulto:

(...) E para comandar hoje é costume ficar em cima das árvores?”, coçava a língua do barão. Mas de que valia trazer à baila aquela história? Suspirou absorto em seus pensamentos. Depois desatou o cinturão em que estava pendurada sua espada.
- Você tem dezoito anos... É hora de considerar-se um adulto... Eu já não tenho muito tempo de vida... - E segurava a espada achatada com as duas mãos. – Você se lembra que é barão de Rondó (...) (CALVINO, 2008, p.126).

Esse recorte é interessante, pois ao mesmo tempo em que o pai reconhece Cosme como adulto, já aponta para possibilidade de sua morte. Esse fragmento, também demonstra um contraponto com as expectativas e identificações da nossa época, pois indica que o jovem era considerado ‘adulto’, quando o pai o reconhecia como tal. No entanto, sua posição em não seguir os desígnios da família, já sendo considerado adulto pelo pai, colocara Cosme diante de muitas situações limites típica dos adolescentes da cultura que vivemos.

O personagem fora considerado um adulto, entretanto percebemos ao longo da narrativa sua vulnerabilidade, pois viveu após sua entrada na adolescência, sem jamais colocar os pés na terra. Assim, supomos que ele apresentou as dificuldades típicas de alguns adolescentes da nossa época, quando se questionam sobre o sentido da vida, sobre formas de se sentirem reconhecidos, sobre sua posição sexual diante do outro, a respeito de como tolerar e contornar as diferenças sociais, como serem úteis à sociedade, como sobreviver economicamente e como participar dos espaços sociais sem perder a individualidade.

Conforme os estudos desenvolvidos os adolescentes sentem, muitas vezes, a necessidade de transgredir as ordens explícitas dos adultos, no entanto, os desejos implícitos dos adultos de alguma forma capturam os adolescentes. A mensagem que os adultos oferecem aos adolescentes é para que transgridam suas ordens explícitas e realizem o que eles não conseguiram realizar por motivos diversos (CALLIGARIS, 2000).

Lembramos que o pai de Cosme desejava que ele seguisse a tradição da família e se tornasse um barão. No entanto, Cosme seguiu outros caminhos, ou seja, desejou participar de várias associações, divulgar e narrar suas ideias para várias pessoas e defender os valores propostos pela Revolução Francesa, ou seja, os valores da liberdade, igualdade e da fraternidade.

Na passagem da adolescência Cosme viveu muitas aventuras, sendo que o narrador da obra aponta que nessa idade o personagem estava no tempo, em que a vontade de contar dava vontade de viver, e se acreditava não ter vivido experiências suficientes para contá-las, assim partia para a caça, ficava fora durante semanas, depois voltava para as árvores da praça segurando pelo rabo fuinhas, texugos e raposas, e contava aos penúmbrios novas histórias que, se verdadeiras narrando-as tornavam-se inventadas e, se inventadas, verdadeiras.

Em relação a esse aspecto da vida de um jovem, percebemos a importância da linguagem, ou seja, à medida que ele compartilha sua fala com os outros na sociedade, vai compondo novas representações para se situar em relação aos seus ideais e perspectivas de vida. Encontramos um esclarecimento, a respeito dessa mudança do comportamento do jovem, em Rassial: “Os jogos de contar vantagens e de fazer encenações, que se prolongam no adulto, demonstram o engajamento do sujeito no que Freud designa como corrente “terna”, quer esta corrente prevaleça, ou seja, colocada a serviço da corrente ‘sensual’” (1999, p.24).

O esclarecimento de Rassial aponta os caminhos que os jovens encontram para conviverem com seus limites, ou seja, quando deslocam aos outros, do social, aspectos de sua subjetividade. Estes aspectos ou elementos deslocados podem dar origem a novas representações e sentidos as suas vidas.

Verificamos ao longo da pesquisa que, na adolescência ocorre a “pane do imaginário”, ou seja, das relações objetais infantis, as quais compõem o *eu ideal*. Essas relações precisam ser desinvestidas e dar lugar aos novos enlaces pulsionais dirigidos ao social. Nesse momento, a criança que ainda habita o adolescente pode emergir, fazendo com que ele não, consiga elaborar sua desilusão provocada pela realização concreta e limitada da realidade.

O exemplo de Cosme mostra que ele fora reconfigurando a sua vida a partir de onde se sentia em “liberdade”, as árvores tornaram-se sua casa. Ilustramos, mais adiante, na relação de Cosme com Viola e com o Bandido João do Mato, algumas situações referentes à operação alienação-separação concernentes à passagem da adolescência e o deslocamento das identificações de Cosme, depois que saiu de casa e estabeleceu contato com a comunidade e além dela.

Lembramos que as identificações imaginárias se estabelecem através das transmissões intersubjetivas e transobjetivas sendo que, no momento adolescente passado os aspectos intrínsecos ao desenvolvimento, há reatualização dos conflitos inerentes à fase do espelho, assim a oportunidade de novos arranjos imaginários para serem simbolizados, através da linguagem endereçada ao outro. Essas novas possibilidades engendram as reconfigurações do imaginário a partir de elementos simbólicos ou não, que se estabelecem articulados aos encaminhamentos dos jovens para grupos e instituições, relações afetivas, onde possam reposicionar-se e estabelecer representações dando novos direcionamentos às suas vidas.

À medida que o personagem vai organizando sua vida em meio às árvores ‘apaixona-se’ por Viola, uma jovem, filha dos Rodamargem que apresentavam certa inimizade com barão Armínio Chuvasco de Rondó. No primeiro momento de seu encontro ele discutia com Viola sobre o limite das terras, as suas, ou seja, em cima das árvores, as dos Rodamargem e as de seu pai. Assim, quando vai se apresentar a Viola equivoca-se dizendo:

Onde estou não é terra e nem é de vocês! – Proclamou Cosme e ficava acrescentar: “E, além disso, sou o duque de Penúmbria e, portanto senhor de todo o território!”, mas se conteve, pois não lhe agradava repetir as coisas que dizia sempre seu pai, depois de sair da mesa brigando com ele; não lhe agradava e não lhe parecia justo, mesmo porque aquelas pretensões sobre o ducado sempre lhe pareceram apenas fixações, tinha cabimento até ele, Cosme, começar a posar de duque? Mas não queria desmentir e continuou o discurso conforme fluía. – Aqui não é de vocês – repetiu, porque lhes pertence o solo e se eu pusesse um pé então seria um invasor. Mas aqui em cima não, e eu ando por onde me der na veneta (CALVINO, 1991, p.24).

Notamos que Cosme inicia a questionar os limites estabelecidos na família. Aqui ele se sente tentado a responder conforme as identificações tecidas na relação com o pai. Se o pai

só pensava em títulos e genealogias, o que restaria às pretensões do filho nesse lugar em Penúmbria? O que o pai transmitiu ao filho a partir de sua posição e lugar?

A herança que se transmite entre as gerações inclui as identificações, os discursos e a fantasmática particular e específica de um grupo (SEVERO, 2006). O jovem necessita se apropriar dessa herança a partir das suas relações com outros nos laços sociais que a cultura oferece. Assim, na passagem da adolescência o jovem, no sentido de se apropriar de uma nova configuração do *eu*, ou do imaginário, se engaja num movimento de constituir laços além dos familiares.

Compreendemos que de uma geração a outra, se transmitem afetos, representações, fantasias, sistemas de relações de objeto, sistema de idéias e valores, mecanismos de defesa, culpas, dívidas, mitos; enfim, o que pode assegurar a manutenção de laços sociais. De fato, alguns elementos se transmitem, “nesse ponto nos deparamos com uma dimensão obscura e enigmática da transmissão, que se refere à transmissão de um material que não chegou a adquirir status de representação coisa ou palavra” (PIVA, 2006, p.24).

Desse modo, podemos pensar que o sujeito, na passagem da adolescência, tentará lidar com sua transmissão que, é percebida por um determinado tempo como estranhamento e fragilidade. Mesmo o jovem vivendo um momento de apropriação dos significantes parentais, pode haver aspectos da personalidade que não foram simbolizados, ou seja, podem ocorrer situações em que, o imaginário foi pouco tramado pela linguagem, ocasionando dificuldades ao sujeito, no sentido de sustentar uma posição de alteridade simbólica diante do Outro para reconfigurar sua adolescência.

Relativo à questão do ser na adolescência, a questão do ‘ser’ e do ‘ter’ entram em jogo produzindo impasses levando a modificações no destino do sujeito. Compreendemos durante o estudo sobre a constituição do sujeito que, no primeiro tempo do complexo de Édipo, a criança precisa ser tomada como falo da mãe, posteriormente, com a entrada do pai, há deslocamentos, onde a criança começa a elaborar a falta, e assim no terceiro tempo do Édipo a criança é capaz de se apropriar dos significantes que lhe constituíram (VIEIRA, 1999).

É no terreno das referências freudianas que Lacan sistematizou a problemática fálica como fundamento da teoria analítica. Com Lacan, precisamente o falo seria instituído como significante primordial do desejo na triangulação edípica. O processo do complexo de Édipo se dará, então, em torno da localização respectiva do lugar do falo no desejo da mãe, da criança e do pai, no curso de uma dialética que se desenvolverá sob a forma do “ser” e do “ter”.

Conforme indica Rassial, a gramática esclarece que os verbos ‘ser’ e ‘ter’ são verbos auxiliares da subjetividade, sendo que em francês, o verbo *entre* significa ‘ser’ como ‘estar’. “Ao longo de uma série de provas, o sujeito vai se situando em relação aos objetos pulsionais que lhe são propostos. Isso pode não ocorrer se ele ocupar o lugar de sintoma para o Outro, precisamente a mãe” (1999, p.43).

Pareceu curioso o fato da mãe de Cosme, recebendo dos filhos o adjetivo de “generalá” não se contrapôs a decisão de Cosme, pois tivemos a impressão que Cosme “vivendo nas árvores” permaneceu “onipresente” na terra (lar paterno e materno). Veremos mais adiante que, o personagem, não se autorizou a ter uma vida civil.

Ao longo da obra, percebemos que a preocupação de Cosme pautava-se no ser. Ele sentia-se bem em ajudar a comunidade, prestar serviços ao outro, defender os fracos e oprimidos. Lembramos que, nesse momento de passagem da adolescência, precisa haver uma solução de compromisso entre as pulsões e o *eu*. Pode haver riscos de uma regressão severa das pulsões ou do *eu*, que por ventura, pode levar o sujeito a crises que interfiram na sua inserção social. A solução de compromisso enfatiza a moderação, o idealismo, ou o repúdio pulsional. Caso as pulsões dominam, então o adolescente entrará em conflito aberto com a sociedade (BLOS, 1998).

É muito interessante, o fato de que ao longo da leitura da obra referida, em algumas situações da vida de Cosme preponderavam à moderação, a razão e o pensamento crítico. Entretanto, em outros momentos, ele viveu muitas dificuldades em relação as suas identificações, pois ele construiu algumas defesas que, não lhe permitiram mover-se de forma mais equilibrada entre a terra (lar paterno e materno) e suas necessidades reais de estabelecer laços sociais. Podemos perceber ao longo da leitura que ele se antecipava em oferecer soluções aos problemas dos outros, contudo, não admitia suas dificuldades em escutar os efeitos da fala do Outro em si mesmo.

O personagem ao se apaixonar por Viola aproxima-se também dos ladrões de maçãs, um tipo de gente que lhe ensinaram a desprezar, todavia Cosme começou a pensar que aquela vida poderia ser invejável. Viver com os marginais, com os excluídos, de alguma forma lhe conferia um lugar diferenciado, um lugar de margem, o que demonstrava certo movimento transgressivo do personagem no sentido de desafiar a lei e os limites daquela época.

Lembramos dos ‘castigos’ efetivados pelos pais de Cosme, sem acolhimento e reflexões, quando seus filhos, Cosme e Biágio, cometiam algumas traquinagens. Eles eram levados para um quarto e deixados a sós, sendo que lhes era oferecido sopa e água. Permaneciam lá para refletirem sobre seus atos. Cosme sempre se sentira um injustiçado e

abandonado em relação a essas atitudes dos pais, assim como seus amigos, os ladrões de maçãs.

O personagem mesmo vivendo em cima das árvores, onde prevaleciam aspectos do campo imaginário, das relações duais, relações pautadas na ambivalência dos sentimentos de amor e ódio, prevalência do júbilo da imagem, estabeleceu identificações com várias associações ou confrarias de profissionais como a maçonaria, com a associação de São Crispim ou dos Sapateiros, com a confraria dos Virtuosos Tanoeiros, com a associação dos Justos Armeiros ou dos Chapeleiros conscienciosos. Ele fazia todas as coisas que utilizava e conhecia técnicas variadas. Seu modo de vida se conciliava com sua perpétua fuga da convivência civil, sendo uma das singularidades de seu caráter.

Esses elementos da narrativa indicam que, as fragilidades de articulação entre o imaginário e o simbólico, dificultaram a aterrissagem do personagem em territórios civis. O ideal fálico da família se realizou, não pela via do ducado ou da conquista de terras, mas através da sua ficção e fama de homem sobre as árvores de Penúmbria e nas nações estrangeiras. O personagem tornara-se uma figura comentada, idealizada e questionada.

Nas identificações de Cosme com o bandido João do Mato, permitiram a ele estabelecer importantes diálogos sobre enciclopedistas, historiadores, literatos. João do Mato se sensibilizara com as obras literárias e fora tomado por uma predisposição e desejo de jornadas rotineiras, de parentes, de sentimentos familiares, de virtude, de aversão ao mau e pelos viciados. De alguma forma, essa relação conduziu João do Mato a modificar sua vida e se valorizar como sujeito.

Supomos que Cosme, ao se identificar em parte com os excluídos estava vislumbrando formas de resistências às violências sociais de toda ordem que ocorriam naquela época, através da busca pelo pensamento intelectual, justo e racional dos iluministas. De alguma forma, ele contribuiu com a “mutação” simbólica de seu amigo João do Mato, pois o mesmo abandonou suas atuações no roubo, na delinquência e na marginalidade.

Dessa forma, o personagem tentava, ao seu modo, reconfigurar seu imaginário na adolescência em suas relações, entretanto, em diversas situações se excluía do laço social, quando vacilava sua inscrição no Outro, ou seja, quando faltavam elementos de conexão para representar suas pulsões e enlaçar seu desejo, no sentido de tomar posições relativas ao social. Depois que passavam seus momentos de angústia e ‘crises’, Cosme refletia sobre sua vida, sendo que resgatava elementos de linguagem que lhe tranquilizavam, então percebia seus momentos de arrogância e orgulho narcísico.

Esse modo de viver de Cosme nos remete aos ensinamentos de Costa (1998), sobre a lógica do tempo lacaniano. Sendo que enfatiza o instante de ver, ou seja, o tempo do imaginário, do fascínio, e também de seus efeitos de enfermidade.

Conforme vimos, na teoria lacaniana, os tempos que fundam o sujeito na relação com o Outro são fundamentais para tomada de posições subjetivas diante das escolhas e caminhos que o jovem se direciona. Estudamos esses aspectos em Lacan (1998) quando apresenta o tempo lógico, vinculado com a “asserção do *eu*”, sendo que Costa (1998) apresenta esclarecimento sobre o instante de ver, momento de compreender e tempo de concluir.

O tempo passou e Cosme reencontrou Viola, sendo que viveram as experiências de convívio e sexualidade, sublinhamos que era Viola que o encontrava nas árvores. . Eles foram testemunhas um da vida do outro, até o ponto onde os limites de cada um os direcionou para escolhas diferenciadas. O personagem cultivava um pensamento com ele: “Não pode haver amor se não somos nós mesmos com as nossas próprias forças” (CALVINO, 2008, p.206).

A importância desse pensamento expresso por Cosme nos leva a pensar que, somente sendo ele mesmo, com suas próprias forças podia amar, no entanto sabemos, como os psicanalistas demonstram, que o eu é um Outro, e o sujeito de desejo somente pode ser encontrado entre os significantes, ele é fruto de um intervalo. Nessa situação Cosme privou-se de explorar outros lugares em si mesmo ao ceder ao seu *eu ideal*.

Percebemos a partir da relação de Cosme e Viola que ele, em algumas circunstâncias, não se inseriu no laço social a partir de posições de alteridade simbólica. Prevaleceu o laço de alteridade imaginária, ele apresentou dificuldades de se apropriar dos significantes parentais no sentido de contornar a relação com Viola.

Ao longo da narrativa, percebemos outra fragilidade relativa às identificações do personagem. Referimos um momento, quando Viola se opõe aos seus caprichos e rompe com ele. Ao não se autorizar descer das árvores, ele perde suas referências e se despersonaliza, ou seja:

Em meio a estes juízos contrastantes, Cosme se tornara um louco de verdade. Se antes andava vestido com peles da cabeça aos pés, agora começara a enfeitar a cabeça com penas, como os aborígenes da América, apenas de poupa ou de verdilhão com cores vivas, e além de usá-las na cabeça espalhava algumas pelas roupas. Acabou por fazer casacas totalmente recoberta de penas, e a imitar os hábitos dos diferentes pássaros, como o pica-pau, extraindo dos troncos lombrigas e larvas e considerando-as como grande riqueza (CALVINO, 2008, p.209).

Essas expressões da vida de Cosme podem refletir, em alguma medida, as desordens subjetivas ou sintomas que podem acometer a vida dos jovens na cultura. Vemos todos os dias

na mídia e em nossa sociedade o exemplo de jovens que se drogam, tornam-se delinquentes, jovens com problemas de anorexia e bulimia, adolescentes suicidas, depressivos, etc.

Lembramos do texto de Caillos (1996), quando abordamos na teoria lacaniana o mimetismo da forma, contudo o toma como obsessão do espaço em seu efeito desrealizante. Acrescenta-se no texto referido a experiência mimética, desta ilusão de se estender ao meio, de eliminar a diferença *eu/meio* circulante, da ilusão da eliminação das diferenças, da vontade de indiferenciação. A vontade de indiferenciação demonstrada pelo mimetismo, entretanto, traz o risco da despersonalização.

Esse fragmento e as indicações de Caillos sobre o mimetismo demonstram de alguma maneira, o conflito adolescente. Na passagem para o *status* de adulto há necessidade de reconfiguração do imaginário, ou seja, conforme já abordamos em algum momento, o *eu ideal* que se constituiu através das elaborações narcísicas e identificações primárias, necessita ser rearticulado a partir da metáfora paterna e passagem edípica.

Durante as elaborações psíquicas concernentes a passagem edípica e reedição na adolescência, há prevalência do processo secundário de identificações, ou seja, direcionamento para a reconfiguração do *ideal do eu*, através de identificações tecidas no social. Sendo que, de outra maneira, a teoria lacaniana destaca, o processo de constituição do *eu ideal* ou *moi* através da *Gestalt* especular e concomitantemente a formação do *je*, sujeito social.

Diante disso, as reflexões sobre a complexidade da reconfiguração do imaginário na passagem da adolescência fazem-se necessárias, porque mutações simbólicas são importantes, entretanto as mutações imaginárias podem conduzir os adolescentes a mimetismos e processos psíquicos destrutivos e alienantes.

Conforme nossos estudos sobre as identificações, compreendemos que o lugar que o sujeito ocupa após a adolescência é por ele libidinizado, a partir da forma pela qual ele é visto pelos outros, então ele se percebe, convive com seus limites e realiza ações no mundo. De outro modo, podemos dizer que Cosme procurou reconfigurar seu imaginário afastando-se dos laços originários, entretanto sugerimos que, quando ele diz para Viola que, “Não pode haver amor se não somos nós mesmos com as nossas próprias forças” (CALVINO, 2008, p.206), ele demonstra as suas dificuldades de se deixar “mudar” através do Outro. A busca pelo sentimento de ser e existir que, retornava com prioridade nas relações de Cosme, o conduziu, em muitas situações, a uma frágil sustentação de si mesmo no laço social.

3.1.2 Personagem narrador - Biágio Chuvasco de Rondó

Na relação entre os irmãos Cosme e Biágio, percebemos que Biágio idealizava Cosme, também apresentava sentimentos ambíguos em relação a ele, em outro momento ficou feliz por ter um quarto só para si, desde que Cosme fora viver nas árvores. Ele se considerava alguém normal e adaptado ao sistema da época, continuou seus estudos, viajou, casou com uma donzela da nobreza dos arredores e teve filhos.

Notamos que Biágio idealizava a mente indomável de Cosme e seu comportamento rebelde, o qual se contrapunha as demandas dos pais, que seguiam as normas da sociedade burguesa. No momento em que Cosme decidiu viver nas árvores e recusou *scargots*, Biágio percebeu que estava traindo o mesmo, pois não seguiu o combinado com o irmão, ou seja, não recusou os *scargots*, apenas cedeu aos apelos e gritos familiares, na verdade, resistira de outro modo à demanda dos pais, através das sublimações na escrita literária e compreensão aprofundada a respeito de situações antagônicas vividas. Há um momento na narrativa em que Biágio comenta, não sem certo alívio, que vivia a vida e não pensava sobre ela, ele dizia para si mesmo: “já existe ele que pensa” (CALVINO, 2008, p.250).

Percebemos certa nostalgia de Biágio nesse fragmento. Assim, nos perguntamos, se uma imagem simbólica se instaurou na subjetividade do personagem no sentido dele se apropriar da metáfora paterna, para na passagem da adolescência se engajar na reconfiguração de seu *ideal de eu*. Questionamos, se a sua condição de sujeito, permitiu a organização do *eu* e se configurou uma posição de separação e oposição a demanda do Outro, no sentido de afirmar sua posição subjetiva.

No fragmento narrativo, a seguir, percebemos uma posição de Biágio, que em função de suas vivências e sensibilidade ao detalhe se abrem ao infinito das possibilidades humanas. Vemos o desafio de Biágio, ao longo do texto, testemunhando as razões e paixões de seus irmãos e familiares.

Sobre aquela época não posso dizer muito, pois remonta ao mesmo período de minha primeira viagem para Europa. Completara vinte e um anos e podia desfrutar do patrimônio familiar como melhor me apossasse, porque a meu irmão bastava pouco, e não mais necessitava nossa mãe, que, coitada, andava envelhecendo muito nos últimos tempos. Meu irmão queria assinar um documento que me tornava usufrutuário de todos os bens, desde que lhe entregasse uma mesada, pagasse os impostos e mantivesse os negócios em ordem. Não me restava alternativa além de assumir a direção das propriedades, escolher uma esposa e já me via naquela vida regulada e pacífica que, não obstante os grandes transtornos da passagem do século acabei por viver de fato (CALVINO, 2008, p.167).

Supomos assim, que Biágio vivera “de fato”, pois se engajou na disputa pelos significantes paternos ao apropria-se da herança familiar. O personagem apresentou uma subjetividade pragmática, um tanto nostálgica, contudo, com recursos suficientes para sustentar a vida que escolheu.

Ficamos com a impressão de que, o personagem, estabeleceu representações salutares que permitiram a ele tomar posições em sua vida pautadas na dialética do tempo, ou seja, um deslizamento salutar pelo instante de ver, o momento de compreender e o tempo de concluir Lacan *apud* Costa (1998), sendo que conferiu um espaço de linguagem ao Outro. Dessa forma, ele questionou a fuga de Cosme em vários momentos da narrativa e ficou indignado com a “loucura” do irmão. Sendo que, diante das posições tomadas pela irmã Batista, ele a via como alguém frustrada no campo amoroso e que ficara alienada a uma cultura dividida entre a razão e a paixão, ou seja, uma cultura onde a força do *superego* se manifestava contrária as demandas do *isso*, ou do princípio do prazer.

O personagem estabeleceu uma vida que foi permeada por anseios, alegrias, tristezas, perdas e com toque de convivência. De alguma forma, Biágio parece que contornou o laço social de forma mais amena que seus irmãos. Durante a leitura percebemos que o personagem estudo, viajou, construiu posições críticas afirmativas com relação a sua época e envolveu-se de forma singular com a sociedade, tecendo sentidos para suas dores e cultivando relações “na terra”, ou seja, apropriando-se da herança familiar.

3.1.3 Personagens femininas: Batista Chuvasco de Rondó e Viola Rodamargem

Consideramos Viola e Batista, como representantes das personagens femininas da obra, as mesmas apresentaram sintomas distintos ao longo da narrativa. De acordo com o narrador, Batista apresentava comportamentos estranhos, em algumas situações demonstrou atitudes de uma freira. Na solução de compromisso entre o *eu* e as pulsões parece que em algumas situações preponderavam às pulsões pré-edípicas porque fora rejeitada pelo seu primeiro amor. Já Viola era uma jovem que apresentava uma personalidade forte e independente, pois desafia o sistema vigente de várias formas, inclusive manifestando sintomas histéricos.

Sugerimos que Batista representa uma mulher reprimida que seguia os desígnios da família, ou seja, casou-se com um nobre e repetia alguns sintomas sado-masoquistas da cultura quando, com uma guilhotina em miniatura, estrangulava lagartixas, encenando a decapitação de parentes e amigos.

A personagem demonstra certa fragilidade em suas identificações, pois se aliena as tragédias do sistema vigente. Seu destino seguiu a tradição familiar. Lembramos que, muitas mulheres daquela época, não se questionavam sobre seu destino feminino, nem sobre as vicissitudes de sua condição de mulher.

Por outro lado, Viola reflete aspectos do feminino, onde seu desejo retorna na forma de uma histeria, como necessidade de ser cortejada, desejada e amada, por alguém, que pudesse vê-la aquém/além da imaginação. A personagem vive muitos amores, e também ela endereça a Cosme suas identificações e necessidade de acolhimento, sendo que esse não a acompanha. Em relação ao acesso a genitalidade na juventude e a imagem do corpo, Rassial aponta que:

O adolescente pode em algumas circunstâncias, se torna ativo, oferecendo seu corpo como significante do falo, numa vertente histérica, na coqueteria feminina ou na esportividade masculina, seja qual for o sexo ao qual pertence. Nessa tendência, o corpo próprio é oferecido ao mesmo tempo como objeto do desejo e como significante que, suportaria a relação com uma nova encarnação, do Outro. O adolescente se esforça para sustentar isto (...) (1999, p.24).

A inaptidão do significante fálico, e, portanto da pulsão genital, para fundar a relação sexual ocorre devido a conflitos pré-edípicos, provavelmente associados à relação com o genitor do outro sexo (RASSIAL, 1999). Através disso, lembramos que Viola procurava atrair a atenção de muitos rapazes, também provocou Cosme em algumas situações convidando dois jovens que a admiravam para visitá-la em Penúmbria. Isso demonstra as dificuldades de Viola no posicionamento subjetivo em relação ao seu desejo no laço com Cosme.

O significante fálico que, deveria organizar o gênero feminino ou masculino, conforme aponta Granã (1996), inscreve-se na mente da criança em épocas primitivas da relação mãe-bebê, sendo que os elementos de masculinidade e feminilidade serão mediados ambos, pelo Outro primordial, na interação precoce que estabelece com seu filho ou filha.

De outro modo, Mc Dougall (1997) sublinha que, no momento do complexo de Édipo ocorre à descoberta da diferença sexual que contribui para representação, lentamente adquirida, de um gênero nuclear. Sobre essa base a criança virá a identificar-se como “masculina” ou “feminina”, por meio de representações mentais que, mais do que provenientes de dados biológicos são predominantemente criadas pelas injunções do inconsciente biparental e pelos conceitos transmitidos pelo ambiente social e cultural aos quais os pais pertencem.

Na adolescência, como vimos, retornam os conflitos edípicos, sendo que, o falo, precisa ser destacado do corpo, configurando a passagem do desejo de ser o falo para tê-lo, o que marcaria a inscrição do sujeito na lógica fálica e no campo do desejo.

No princípio a personagem Viola ajudava os ladrões de maçãs a fugirem dos perseguidores, dos empregados responsáveis pelas terras dos nobres, logo depois, ela foi interna em um colégio pelos pais e somente retornou depois da morte dos mesmos. Antes de retornar à Penúmbria, Viola casara com um nobre bastante velho que, em seguida morre e deixa as terras para ela.

A personagem desafia o sistema vigente indo a festas e estabelecendo diversas experiências amorosas, dessa maneira, ela tenta reconfigurar seu imaginário, através das suas experiências afetivas, e encontrar um lugar para se inserir na cultura. Viola adquire suas terras através de um casamento sem afeto, parece que a herança do pai, da família Rodamargem, não foi suficiente para conceder-lhe um lugar. Depois que Viola deixa Cosme, ela leva seu cachorro, chamado por ela de *Turcaret*. Desta forma, é ela que estabelece a separação com Cosme. Nesse momento nos perguntamos: Acaso, nesse ponto, não poderia estar configurado uma posição de sujeito no tempo de compreender do lado de Viola?

A leitura da obra permite referir que não existem modelos a seguir na vida, e sim enlaçamentos subjetivos a realizar, através de referências que, podem ser tramadas nos laços sociais, através da linguagem endereçada numa relação de alteridade. Sublinhamos que é comum a subjetividade de adolescentes se expressam através de sintomas diversos. Em relação às transformações da adolescência Blos (1998), com base nas leituras freudianas argumenta que o homem não deveria lutar para eliminar seus complexos, mas para colocar-se de acordo com eles. Os complexos são aquilo que dirige sua conduta no mundo.

As adolescentes trazidas por Calvino (2008) demonstram formas de subjetividade, onde os ideais sociais foram colocados, sendo que Viola questiona sua vida e se pergunta sobre seu desejo em relação à Cosme. Num determinado ponto, ela rompe sua relação com ele e segue sua vida. Por outro lado, Batista demonstra uma fixação da pulsão em etapas pré-edípicas, ou nas identificações imaginárias pautadas no instante de ver, na recusa da castração e apego aos ideais familiares.

3.1.4 Apontamentos finais sobre a obra

Tendo em vista as indicações sobre a reconfiguração da adolescência, através dos personagens, da obra de Calvino (2008) compreendemos que, a cultura exerce uma influencia determinante no comportamento dos indivíduos. O lugar simbólico que primeiramente os pais

e depois a cultura oferece ou não aos indivíduos, são determinantes para o deslocamento das narrativas do sujeito na passagem da adolescência, porque a vida de cada um de nós, de alguma forma carece de sentido, pois o sentido vem do Outro.

O recente documentário *Janela da Alma*²⁰ o cineasta Wim Wenders esclarece, que a maioria das coisas que enxergamos são fora de contexto, sendo que a maioria das imagens que vemos, seja nas revistas, televisão, etc. não tentam nos dizer algo, mas nos vender alguma coisa. Sabemos que o fundamental do ser humano é que as coisas comuniquem um significado; como uma criança ao se deitar, ela quer ouvir alguma história. Assim, não é tanto a história que se conta, mas o ato de contar que cria segurança e conforto. A estrutura da história cria um sentido, sendo que nossa vida em geral carece de sentido por isso temos uma intensa sede de imagens.

Na cultura moderna pode prevalecer o apelo as imagens espetaculares que tentam nos vender alguma coisa ou substituir o verdadeiro sentido das relações humanas. O trabalho que desenvolvemos sobre a reconfiguração do imaginário na passagem da adolescência oferece indicações de que, a alienação a imagem do outro, mesmo sendo constitutiva, não confere um lugar ao sujeito na cultura, não garante o laço social, o qual é tão almejado pelos adolescentes

Conforme vimos nos exemplo dos personagens da obra referida, de algum modo, o sujeito busca maneiras de acessar seus motivos, contudo a demanda do Outro pode capturá-lo, leva-o a aumentar seu isolamento e alienação, não lhe conferindo uma singularidade ou um lugar de reconhecimento. Nessa senda, a busca pela inserção social é uma necessidade do adolescente num o tempo propício para testar a consistência dos laços familiares, através de suas experiências. Quando o jovem se torna capaz de utilizar suas referencias no plano da fantasia, de acordo com as necessidades e limites determinadas pelo Outro, ele consegue dialetizar a relação especular, ou seja, a operação alienação-separação e ir além do imaginário.

Na fantasia de adolescentes retornam às questões imaginárias que se referem às perdas que necessita elaborar através das castrações, da reelaboração das questões edípicas que retornam e sobre a operação referente ao estádio do espelho. Assim, novas reinscrições precisam ser estabelecidas através de laços reais participativos, no sentido de elaborar suas representações, nomear seus anseios e delimitar seus investimentos.

²⁰ Trecho falado que se extraiu do premiado documentário de João Jardim e Walter Carvalho: *Janela da Alma*, - 2001, onde Wim Wenders analisa a cultura atual. Analisa também a forma de produção de filmes e necessidade humana de sonhar e ter espaço para ver, explorar o mundo através da capacidade de ver com os ouvidos, de ouvir e ver com o cérebro, com o estomago e com a alma.

Compreendemos que o universo de imagens especulares fornecidas pela mídia ou ideais narcísicos podem vir ao encontro dos aspectos frágeis relativos às identificações do sujeito, o que dificulta a passagem da adolescência. Assim, num mundo em que as imagens especulares ou os ideais capitalistas valem mais do que o sujeito ou o ser, o que permanecerá para os adolescentes como exemplo e transmissão daqueles que lhes antecederam?

Não responderemos essa questão, pois nos faltam elementos e bases teóricas para isso, mas sublinhamos um desafio que é a possibilidade de análise, reflexão e escolha de condutas, em uma mutação cultural que, se apresenta imperativa em relação aos comportamentos.

A obra literária descrita por Calvino (2008) apresenta, em vários momentos, o quanto as pessoas ‘fora do comum’, através de suas atitudes, demonstram os sintomas da cultura. Ou seja, a vida do sujeito de forma geral carece de sentido, como sublinhou o cineasta Wim Wenders, e necessita de endereçamentos específicos para ordenar os sentidos.

Algumas vezes, corremos o risco de ficarmos atrelados a imagens externas, às identificações imaginárias sem avançarmos na reconfiguração do *ideal do eu* através da linguagem, devido aos aspectos implicados na constituição do sujeito. Verificamos que, a realização de nossos sonhos não ocorre somente na relação *eu-objeto* ou *eu-imagem* e que a cultura pode se fortalecer quando vai buscar no próximo ‘bem’ a dimensão que jamais será saciada por nada.

Os espelhismos imaginários fazem parte das relações humanas, entretanto, quando prepondera no sujeito o instante de ver, de fato mascaram a grandeza humana, aprisionando o homem num ciclo infantil em torno de ilusões e promovem exclusões sociais, como vimos, em algumas circunstâncias da vida dos personagens estudados.

Compreendemos através de Calvino (2008) que, há valor nas paixões, na busca pela liberdade, nas ilusões, nos encontros coletivos, tais aspectos, podem nos favorecer no sentido de voar na direção a imaginação. Na adolescência há remanejamento de todas as pulsões, sendo que as mudanças e transformações estão ligadas aos laços que o jovem vai estabelecendo e dependem de sua posição no campo da linguagem, com efeito, dependem de sua posição de sujeito.

Assim, na passagem da adolescência do familiar ao social, a “muda” do adolescente está articulada a sua condição de sujeito e a qualidade dos laços que estabelece, pois como Wim Wenders indicou precisamos criar sentidos em nossas vidas através do ato de contar ao Outro os aspectos significantes das nossas experiências.

Seguiremos com um enfoque sobre a adolescência, no intuito de refletirmos sobre as formas pelas quais o jovem reconfigura sua subjetividade na atualidade.

3.2 ADOLESCÊNCIA NA ATUALIDADE

Esta parte do estudo foi enfocada com o objetivo de refletirmos sobre algumas formas, através das quais, os adolescentes reconfiguram seu imaginário, na passagem da adolescência. Sabemos que, as lentes pelas quais o sujeito percebe o mundo são subjetivas, sendo assim, numa cultura tão diversificada como a nossa, onde os elementos que se transmitem entre as gerações incluem os discursos, as identificações e a fantasmática particular e específica de um grupo, os arranjos dos jovens na dialética alienação-separação no social vão também ser fortemente diversificados.

Desse modo, o primeiro item do estudo consta das expressões dos adolescentes na cultura, onde trazemos dois casos de jovens que demonstram a operação alienação-separação concernente a reconfiguração do imaginário. Pretendemos fornecer elementos para pensar a reconfiguração do imaginário na adolescência quando o Outro não oferece elementos de mediação ao sujeito no social.

Na sequência do estudo, enfocamos um recorte da experiência que vivemos no projeto de pesquisa “Criando laços via recursos informatizados”, no sentido de demonstrar que, na reconfiguração do imaginário dos jovens, se atravessam elementos como as tecnologias digitais, que também podem ser elementos mediadores para além da relação sujeito-objeto.

Por fim, discutimos o problema do estudo, que aborda o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência. O lugar do imaginário na passagem da adolescência participa da reestruturação do *eu* e também dos efeitos de sujeito ao longo do tempo, pois as identificações imaginárias, simbólicas e reais vão se estabelecendo, concomitantemente ao longo da vida.

3.2.1 Expressões da subjetividade dos adolescentes na cultura

Compreendemos que para o sujeito se inserir na cultura ele necessita ter constituído seu imaginário nos primórdios da infância, sendo que implica a vivência através do estágio do espelho, a constituição de limites subjetivos através das castrações e a passagem pelo complexo edípiano. Na adolescência ocorre a reedição desses elementos, no sentido do jovem reconfigurar seu imaginário.

Uma questão se coloca: Caso o sofrimento de muitos adolescentes na modernidade não se mostrem pelo desamparo, que é constitutivo, mas pelo abandono, como encaminhamos esse sofrimento? Haveria possibilidades de inserção social ao sujeito, se o Outro primordial,

não ofereceu uma rede de linguagem Dolto (1992), ou ambiente facilitador Winnicott (1996) de forma suficiente nos momentos iniciais da infância?

No sentido de pensarmos deslocamentos para essa questão, traremos exemplos de indivíduos na cultura. Há indivíduos que em determinados momentos da vida não encontram uma ordem subjetiva, sentem-se “perdidos”, ou seja, a vida perde o sentido, assim de alguma forma eles buscam ou não no Outro indicações ou elementos para se inserirem no social.

Pensamos que se coloca o desafio a cada sujeito de transpor aspectos relativos ao *eu* ideal, configurado nos primórdios e se engajar na busca de ideais simbólicos. Assim, os jovens se deparam com o desafio de compor novas formas de relações sociais pautadas nos valores transmitidos pelas gerações anteriores que, são fragmentos ou ‘restos’ advindos da cultura anterior. A promoção de novas formas de inserção social requer que, os indivíduos contêm com elementos da língua construídos, através de laços igualitários, mas também, que comportam diferenças entre as gerações como a própria língua, a postura de cada um e suas potencialidades.

Com base na pesquisa que efetuamos, vemos em relação aos adolescentes que, alguns pais no âmbito familiar, incentivam o comportamento narcísico dos filhos omitindo-se da responsabilidade de confrontá-los com escolhas e limites específicos da sua faixa etária e concernente a sua geração. Tais questões podem indicar as dificuldades dos próprios pais de conviverem com sua castração e construírem narrativas simbólicas que, permitam formas diferenciadas de aproximação com os jovens, no sentido de favorecer seu deslocamento ao social.

A partir dos escritos de Dolto (1990), sobre *A causa dos adolescentes*, compreendemos que, às vezes, a própria família pode deixar o sujeito em abandono, quando a confiança nos laços familiares é abalada por questões diversas. Assim, sem a confiança na família em momentos difíceis, os jovens se engajam na tentativa de compor laços sociais que, muitas vezes, fracassam. É oportuno lembramos que, a sociedade não oferece mais, rituais de passagem para vida adulta.

A assimilação de valores globalizados, bem como, de um imaginário sem reconhecimento dos limites da castração e perspectivas de herança singular, ou na falta de possibilidades de conversas acolhedoras nas horas difíceis pode ressoar na forma que alguns pais exerceram sua autoridade geracional sobre os filhos. Calligaris (2000) indica que os adultos reprimem seus desejos, enquanto que os adolescentes transgridem. Aliado a isso, alguns adultos tentam exercer sua autoridade parental com os filhos produzindo medo. O medo é o equivalente físico real, do que o respeito seria simbolicamente.

Desse modo, entendemos que, a autoridade pode não se direcionar de forma convincente na atualidade, pois vem muitas vezes, de acordo com um racionalismo arcaico e totalitário. Sendo que, a autoridade pode vir de forma negativa ou dissociada, o que remete aos filhos à sensação de abandono. Observa-se que pais extremamente afetivos, podem deixar seus filhos em abandono, diante de seus próprios impulsos, fragilidades e onipotência infantil.

Vemos na cultura, exemplos de adolescentes, que perderam completamente a capacidade de crer nos auxílios, de um espaço social, que o sistema vigente pode oferecer. Um primeiro exemplo que podemos demonstrar é da cantora Amy Winehouse que perdeu a vida pelo excesso de drogas em setembro de 2011. Conforme ela refere: “A maior parte das pessoas da minha idade gasta tempo pensando no que vai fazer nos próximos cinco ou 10 anos. O tempo que eles gastam pensando sobre a vida, eu gasto bebendo”²¹.

Tal fragmento nos alerta para repensarmos a transmissão da cultura moderna para a terceira geração de crianças e adolescentes, no sentido, de tomarem responsabilidade com os efeitos de sua palavra e atos. Quais seriam os valores e esperanças que transmitimos aos jovens de terceira geração a partir de nossas crenças e valores?

O sujeito se insere na cultura moderna pela palavra, através da linguagem endereçada a outro. Através de laços emocionais, monólogos articulados, comunicações estabelecidas nas redes sociais e de seus próprios sintomas, o adolescente manifesta o que é próprio de seu tempo. Os laços humanos necessitam reconfigurações e representações. Quando o adolescente encontra alguém que pode reconhecer tais representações e conferir status de representação a elas, ele consegue avançar em sua passagem adolescente e se inserir no social (OLIVEIRA, 2002b).

O autor demonstra, que o reconhecimento do outro, advém de laços específicos estabelecidos no social que de alguma forma engendram as identificações do sujeito. De outro modo, Oliveira aponta que “o processo de representação estabelece ligações entre representações, com isso entre círculos de pensamento” (2009, p.77). O sujeito sentindo-se capaz de compartilhar aspectos próprios com o outro, poderá se sentir parte de um grupo, de uma cultura.

O segundo exemplo que, podemos recolher da cultura é um fragmento do texto de Ribeiro que, mostra um momento da vida de um indivíduo que apresenta dificuldades de inserção social. Seguimos com o segundo exemplo:

²¹ Amy Winehouse, frase citada no Jornal Zero Hora, ano 48, nº 16.729, Porto Alegre, julho 2011.

(...) exemplar disso parece ser a fala de um menino de 12 anos a um jornalista. Quando questionado por que servia de “aviãozinho para o tráfico”, ele responde: “porque assim posso comprar tênis Nike e ser igual a todo mundo”. “Ser igual a todo mundo” pode ser lido como sinônimo de ‘existir’. Isso que aparece como sintoma individual denuncia também nosso sintoma social, nossa forma de organização (2005, p.29).

Sabemos que usar tênis *Nike* não acalantar a angústia no coração desse jovem que servia ao tráfico como aviãozinho. Com base nos estudos efetuados de Dolto (1992) e Lacan (1998) compreendemos que há adolescentes que não se apropriam dessa capacidade simbólica devido à falta de alteridade nos momentos iniciais de sua vida e vivem repetições desses modelos em momentos posteriores de sua vida.

Para o garoto enunciado, usar um tênis Nike era se sentir reconhecido, desse modo ele poderia pensar que, a aquisição do objeto de consumo, lhe daria algum reconhecimento. Sabemos que isso é uma ilusão, relativa somente há um tempo em que, a imagem-percepção do objeto satisfaz o desejo, para em seguida deslocá-lo. Sabemos que o reconhecimento é da ordem da linguagem.

Compreendemos que a confiança em si mesmo, advém de um ambiente acolhedor, quando isso não ocorre nos primórdios da vida ou ocorre de forma fragilizada, as consequências podem remeter o indivíduo ao abandono e/ou às enfermidades relativas à imagem. O sujeito pode ficar atrelado à imagem do outro, sendo que não encontra elementos de apoio para organizar o imaginário e suas representações, assim a passagem pelo Édipo pode ficar comprometida.

Sabemos, por outro lado, que há adolescentes comprometidos com seu desejo, com sua causa e por respeitar o semelhante conseguem galgar voos e sustentar invenções no laço social. São adolescentes comuns, os quais trabalham, estudam, se esforçam e no dia a dia sobrevivem nos espaços burocratizados. Tais adolescentes conseguem sustentar a tensão concernente a relação com o Outro do outro, que é pautada numa assimetria de lugares. Eles afirmam seu *eu* no momento da operação alienação-separação, sendo que conseguem questionar a demanda do outro.

A pergunta que nos ocorre é: Por que alguns adolescentes conseguem galgar experiências e se inserir socialmente e outros permanecem à margem?

Como vimos em Lacan (1998), Dolto (1992) e Winnicott (1975) na formação do *eu ideal ou do imaginário* ocorre o estabelecimento das bases para que, na passagem pelo Édipo e na reedição das pulsões pré-genitais na adolescência, a formação de compromisso entre as pulsões e o *eu* sejam direcionadas, no sentido de um narcisismo não mais regressivo e

primário, mas de um narcisismo secundário, onde a gratificação narcísica advinda pelo amor paterno deixa de fluir, e o ideal do *eu* é investido de libido narcísica retirada do Outro internalizado.

Assim, as funções dos pais são fundamentais para constituição da subjetividade humana. Em alguns casos, os pais podem remeter seus filhos ao sentimento de abandono, não por falta de amor, mas por falta de responsabilidade. O efeito é de abandono, porque crianças e adolescentes não pode arcar com o critério para as decisões dos adultos, como no caso de pais que só fazem o que os filhos consentem. Sendo assim, pais omissos, filhos abandonados e uma sociedade pautada no social pode ocasionar: desorientação, instabilidades e caos, tanto na forma de administrar, quanto na forma de transmitir valores, mitos, ideais e sonhos (KEHL, 2003).

Os adolescentes querem ser reconhecidos no mundo dos adultos, entretanto, como já referimos ninguém sabe lhes dizer, quais são as provas, qual o ritual iniciatório necessário. Assim, o adolescente pode se sentir rejeitado pela sociedade dos adultos. Quando um pedido não encontra uma palavra que, no menino ou menina reconheça sua relevância, o autor, geralmente levanta a voz, pode quebrar alguma coisa, grita, coloca fogo na casa e pode até se matar para ser levado a sério. Ele tenta impor pela força ou violência, o que aparentemente não é ouvido.

A rebeldia parece ser um dos caminhos que o adulto indica para o adolescente, assim é lugar-comum que haveria uma importância quantitativa da criminalidade adolescente. A tribo mais gregária parece mais criminosa. O número de crimes cometidos por adolescentes evoluiu segundo uma curva parecida com a curva dos crimes dos adultos. “O adolescente por essa via, só tem dois caminhos possíveis e compatíveis para obter reconhecimento: fazer grupo e fazer estardalhaço, ou besteiras, enfim se associar para transgredir”. Ao transgredir, o adolescente, pensa estar sendo reconhecido, sendo que a transgressão demonstra o afastamento dos adultos e a fidelidade ao grupo (CALLINGARIS, 2000, p.16).

No primeiro capítulo, quando abordamos a adolescência, referimos as formas que Calligaris (2000) aponta para nos aproximarmos das dificuldades dos adolescentes, ou seja, através das formas como manifesta seu comportamento. O autor então referiu que, alguns adolescentes para serem reconhecidos se enfeitam, outros se tornam delinquentes, alguns toxicômanos e indica ainda, o adolescente barulhento.

Verificamos que a passagem para a vida adulta implica num trabalho subjetivo bastante complexo para o adolescente. É importante que o indivíduo consiga resgatar aspectos de sua vida íntima, pois então poderá separar aspectos imaginários dos aspectos reais da vida,

o sonho da realidade, daí a importância do trabalho dos profissionais na área da psicologia e das ciências humanas, pois estão teoricamente aptos a escutar a demanda daqueles que sofrem e não encontram ressonância em alguns espaços sociais mutantes.

Tendo em vista as considerações levantadas, a inserção do adolescente no social implica reconhecer, as formas como esses jovens poderão se inserir no laço social sem ser pela da exclusão do Outro. Blos indica que no mundo ocidental de hoje, há dois perigos na adolescência, ou seja: “a corrida para heterossexualidade a custo da diferenciação da personalidade e a repressão maciça dos impulsos sexuais, como consequência a deformação do caráter e o desenvolvimento emocional irregular” (1998, p.167).

A afirmativa de Blos parece significativa, pois demonstramos através dos exemplos da cultura, as dificuldades de alguns indivíduos de se engajarem de forma satisfatória com a realidade a partir de uma personalidade singular. Em relação à repressão maciça dos impulsos sexuais e a deformação do caráter, podemos pensar também, numa “mutação” do imaginário.

As imagens e demandas sociais não são neutras e manifestam, em princípio, seu poder de exclusão ou inclusão do sujeito no social, que estará de acordo com os recursos subjetivos do sujeito. Sublinhamos que, “nosso *eu* é uma ficção construída, no lugar de um dejetivo corporal qualquer, que necessita reconhecer do Outro para que se torne possível compartilhar” (COSTA, 1998, p.74).

Há consequências ao indivíduo quando não tem a mediação do Outro, quando não possui parâmetros, ou ordem, para encaminhar seu desejo ou necessidades. Assim, os espelhos que recebemos dos outros podem ou não ser dispositivos organizadores da pulsão, ou seja, estão na dependência da experiência emocional e representativa daqueles que são autoridades e espelham as necessidades dos jovens.

Lembramos que o indivíduo pode ficar fascinado pelas imagens que vem dos espaços sociais e da cultura, pois como vimos nos estudos da teoria lacaniana, constitui um dos tempos do sujeito, ou seja, o instante de ver. Daí a importância da sustentação de posições éticas, daqueles que representam os ideais dos jovens.

Assim, não são as imagens por si mesmas que desorganizam ou organizam a pulsão, mas sim as ideias, sons e linguagens, que as pessoas veiculam e como contam estas imagens. Ao falar sobre as imagens, as pessoas descontextualizam as situações e imprimem um caráter representativo imaginário e simbólico às suas argumentações, sendo o que pode propiciar encaminhamentos na cultura.

Portanto, o adolescente é sensível e denuncia a forma como organizamos nosso laço social. O exemplo de Amy Winehouse demonstrou o sofrimento de uma jovem que teve sucesso, talento, entretanto parece que sua inscrição no Outro em muitos momentos pode ter sido abalada. Da mesma forma, o ato do garoto do tênis *Nike* que trabalhava para o tráfico de drogas, demonstra em alguma medida, o caos relativo às nossas referências. Como fazer, o que fazer para se sentir reconhecido num lugar de valor quando se está excluído de qualquer possibilidade de troca social?

Podemos indicar, com base em nossos estudos, que se o indivíduo não conseguir enlaçar o imaginário ao simbólico, através de sua condição de sujeito, terá muitas dificuldades para se inserir socialmente. Os limites do corpo que, se estabelecem através da linguagem, permitem que o sujeito perceba as diferenças entre as imagens que recebe e as imagens que constrói. Relativo ao mundo dos objetos-imagens há um código imposto ao sujeito que é quanto ao objeto a. O acesso ao desejo ocorre pela falta, isto é, a falta do objeto perdido (objeto a- cauda do desejo).

O ‘objeto a’ (a primeira letra da palavra “autre”- outro) não é um objeto do mundo, não é representável como tal, e só pode ser identificado sob a forma de “fragmentos” parciais do corpo (materno), redutíveis a quatro: o objeto da sucção (seio), o objeto da excreção (fezes), a voz e o olhar. Assim, em Lacan (1988), o ‘objeto a’ falta ao homem, então se busca uma representação que possa substituí-lo pela metonímia do desejo, que se denomina de ‘objeto a’. Com o acesso ao campo da linguagem, somente é possível recorrer a objetos substitutos que carregam a promessa de satisfação plena. No entanto, isso cai no campo do impossível, pois para Lacan, não existe gozo pleno (gozo entendido como uma descarga total de tensão inconsciente).

A fundação do sujeito do inconsciente dá-se mediante uma operação significativa. Lacan (1988) irá indicar que, a partir dessa operação há um resto que chamou de “objeto a”, o qual é para sempre perdido e, para sempre, presentificado enquanto perda e ausência. Na relação da criança com o Outro ocorre marcas, ou traços, justamente colocam-se o apagamento do objeto. Parker (2007) ao estudar e analisar o Seminário “A identificação” de Lacan, indica que este define a gênese do traço, no que há de mais apagado em um objeto. Desse modo, o traço surge de algo do objeto e retém justamente sua unicidade e apagamento. Assim, há relação de objeto com nascimento do signo, que se divide entre significado (registro imaginário) e significante (registro simbólico).

O conceito de “objeto a” nos ajuda a entender a estratégia da cultura do espetáculo que pode se aproveitar do vazio de desejo, do narcisismo individual, do apelo ao mundo de

imagens especulares para iludir no homem a esperança impossível de encontrar satisfação nas coisas vendidas. Através, desse estudo, verificamos que esse encontro está fadado ao insucesso. Sabemos que é justamente quando essa satisfação não ocorre com o objeto que a cultura se fortalece, pois se vai buscar no próximo bem anunciado a dimensão que jamais será saciada por nada.

Entendemos que as referências e efeitos subjetivos de uma cultura, que organiza o laço social pautado no ter ao invés do ser, pode facilitar que o jovem adote uma posição de exclusão social, entretanto isso não é determinante, se a família ou o Outro oferecerem um lugar de escuta e acolhimento ao sujeito. Da mesma forma, é importante lembramos que a operação alienação-separação é constituinte do sujeito e não se resolve de forma absoluta, mas está constantemente sendo colocada em causa na vida do sujeito.

Num mundo em que os objetos-imagens vêm tamponar a falta constitutiva, através de objetos ou alienação as imagens, é necessário compreendermos os aspectos considerados nesse estudo. As narrativas que estabelecemos nos laços com os outros são elementos determinantes para as possibilidades de inserção do adolescente na cultura.

As representações que temos sobre a família e a cultura podem ser repensadas, no sentido de promoverem as possibilidades de novos laços sociais. Na cultura moderna, conforme indica Lipovetsky (2005), além dos laços efêmeros e individuais, preponderam também, os impulsos afetivos, fraternos e sentimentais que, mesmo sendo provisórios, deixam marcas na subjetividade dos adolescentes e estabelecem novas direções e possibilidades de encontro.

Segundo esclarece Oliveira (2002a), as narrativas são imprescindíveis para a constituição da subjetividade. As maneiras de contar, de procurar encontrar significações aos atos, são formas de construirmos um lugar num espaço e tempo. Isso não é algo natural, é uma construção que se coloca desde que os humanos se movimentam no mundo da linguagem. Em cada tempo, as narrativas são formas organizadas da experiência humana que, apresentam especificidades próprias.

Assim, sublinhamos que quando o adolescente busca no próximo, no outro, uma forma de acolhimento e entendimento torna-se capaz de representar a pulsão. Ele compartilha suas idéias com o outro, transforma suas experiências de forma participativa, então se abrem possibilidades ao mesmo para encontrar um lugar no social.

As reflexões efetuadas sobre as expressões dos adolescentes na cultura demonstram as formas que alguns adolescentes inserem-se no social, ou seja, pela via da inclusão ou exclusão. Assim, nosso objetivo não foi escrever sobre uma forma ideal, mas sim verificar as

formas e as dificuldades dos jovens processarem a dialética inclusão-exclusão nos contextos sociais, e também refletir sobre alguns conceitos psicanalíticos. Nessa direção, seguimos com uma abordagem sobre as comunidades em redes virtuais, que apontam algumas tentativas de reconfigurações do imaginário na passagem da adolescência.

3.2.2 Contextos atuais: a fragmentação das narrativas e as comunidades em redes virtuais

Atualmente a subjetividade do adolescente é atravessada pelos movimentos sociais das redes de comunicação, assim, muitas vezes, os adolescentes demonstram nas narrativas a influência destes contextos. A televisão, a mídia, o ciberespaço fazem parte da vida de todos nós e constroem subjetividades. Por esse motivo, abordamos as manifestações do campo imaginário articulado ao fascínio pela imagem e por outro lado, procuramos refletir sobre os espaços das redes sociais como instrumentos de construção de subjetividade do sujeito moderno.

Para isso vamos percorrer alguns textos de Lipovetsky (2004), Lévy (1999), Lima (2006), Francisco (2000), Costa (1998), Kehl (2008) e Oliveira (2002a) associados às bases teóricas da metapsicologia psicanalítica, interligados às singularidades dos adolescentes e a nossa prática profissional. Tais bases teóricas indicam aspectos importantes da constituição da subjetividade humana e demonstram direcionamentos específicos, em relação à saúde e a enfermidade, no *contínuum* da existência humana.

Situamos inicialmente, o escrito de Oliveira (2002a), o qual aponta que a condição do indivíduo moderno se modificou a partir do século XVIII. Este momento consagrou o romantismo, onde um conjunto de movimentos intelectuais e artísticos preponderaram e fizeram prevalecer o sentimento sobre a razão, a imaginação sobre a análise crítica, e exaltam os valores, e sentimentos do indivíduo, sendo que representou um movimento de longa duração. Da mesma forma, Figueiredo (1996) sublinha que o romantismo representa uma das formas de experiência da subjetividade privatizada.

Da antiguidade até nossos dias ocorreram transformações nos estilos de narrativas. A posição do narrador é um elemento determinante nesses deslocamentos. Pode-se dizer que, na Antiguidade havia o predomínio da oralidade e do coletivo (poesia épica). Posteriormente, com o surgimento do romance, as narrativas modernas passam a ser individuais e prevalecer à escrita.

A fragmentação da narrativa é constitutiva do sujeito moderno. A utilização das tecnologias digitais demonstra assim, formas diferenciadas de laços sociais. Os adolescentes, na modernidade, apresentam uma narrativa que leva a questionar e se pergunta sobre sua existência e o sentido das suas relações, eles expandem seus laços via recursos informatizados.

Lembramos que, nesse estudo, situamos a adolescência como uma criação sócio-cultural e a referimos, articulada há um tempo, em que o jovem *adolece*. Compreendemos que não somente os adolescentes sofrem desse padecimento, mas também os indivíduos que, num momento ou outro, possam apresentar uma posição discursiva adolescente, muito comuns nos dias de hoje, diante das transformações da sociedade globalizada.

Na passagem da adolescência o jovem, no sentido de se apropriar de uma nova configuração ao *eu*, ou do imaginário, se engaja num movimento de constituir laços para além dos referenciais familiares. O mundo nos oferece imagens e também, produzimos imagens, a partir da nossa subjetividade. As imagens organizadas pelo sujeito são testemunhos da própria vida psíquica e, ao mesmo tempo, do processo de atravessamento entre as gerações em cada cultura. Lembramos que a história edipiana da mãe, do pai e seu reprimido propiciam por antecipação o reprimido da criança.

Estudamos através dos escritos de Dolto (1992), que a imagem psíquica é constituída na combinatória que enlaça o singular e o intersubjetivo. Entretanto, na relação entre pais e filhos não funciona de modo direto. Cada geração tem suas próprias representações, que em situações especiais, permitem mobilizar a atividade imaginativa do bebê, ou seja, pode não oferecer bordas ao desejo da criança. Assim, a criança devido a sua fragilidade e sujeição ficará marcada através dessas representações geracionais. Isto é, os aspectos da subjetividade, contidos e não contidos dos pais se transmitem aos filhos e requerem na passagem da adolescência novos endereçamentos para serem representados.

O excesso de imaginação pode ocorrer, quando as experiências da criança com o Outro não foram simbolizadas através das castrações, ou seja, quando as experiências de linguagem foram prejudicadas por fatores diversos, que promovem abertura a patologias relativas à imagem, ou seja, relativas ao *eu ideal* (DOLTO, 1992). Ambos os aspectos podem dificultar o transito do sujeito no social, o indivíduo poderá ficar atrelado em diversas situações ao gozo²² imaginário, onde as possibilidades de elaboração subjetiva podem ser prejudicadas.

²² Gozo imaginário no sentido de ausência de representação.

Lembramos que os aspectos narcísicos podem retornar de duas formas, pela via regressiva do *eu* ou da pulsão. O sujeito precisa estabelecer uma relação de compromisso entre esses elementos. A via regressiva narcísica do *eu* pode ser pensada, como indica Blos (1998), devido ao desinvestimento pulsional dos objetos infantis, ou seja, há um aumento do narcisismo, mas não implica regressão a fase narcísica, ou indiferenciada. Pode ser entendida, como consequência de uma transformação pulsional dentro do *eu* a serviço da constituição subjetiva. Quando os aspectos narcísicos retornam e dominam pela prevalência das exigências pulsionais devido à fragilidade do *eu*, ou do imaginário, o adolescente poderá entrar em conflito aberto com a sociedade.

Na análise da obra de Calvino (2008) investigamos os direcionamentos narcísicos através da narrativa dos personagens. Sabemos que na passagem da adolescência, a retirada da pulsão objetual leva a supervalorização do imaginário, aumento da auto-percepção à custa da prova da realidade, extrema sensibilidade e centralização do jovem em si mesmo. Desta forma, “o desinvestimento do mundo objetual pode levar o adolescente à retirada narcísica e a perda da prova da realidade, semelhante ao estado de uma psicose” (BLOS, 1998, p.122).

A vida do indivíduo irá transcorrer de qualquer forma e vai se organizar de acordo com a sua estrutura subjetiva, de acordo com a constituição de seus sintomas e pela forma como transita pela linguagem. Desse modo, voltamos a pensar na modernidade, onde a subjetividade dos adolescentes é atravessada pelos instrumentos fornecidos pelos espaços virtuais das redes sociais. O adolescente se insere na cultura utilizando também, esses meios e instrumentos, sendo que apresenta uma subjetividade marcada pela virtualidade.

O poder social em todas as épocas se traduz em imagens, entretanto na nossa época, como indica Kehl (2008) o eixo central do poder já não é a política, mas o capital que concentra-se sobretudo nos pólos de produção e difusão de imagens. Este elemento é capaz de proporcionar aos humanos desamparados no reino arbitrário da linguagem, pelo menos duas modalidades de gozo tais como: o gozo do sentido e o gozo proporcionado pela imagem, pela identificação.

Sendo assim, lembramos que no imaginário, podem preponderar às imagens especulares. Tais signos podem dificultar, mas não impedir a vida dos adolescentes, no sentido de estabelecerem limites simbólicos para viver socialmente. Assim a pergunta que nos convoca é: De que forma as imagens produzidas pelas redes sociais interferem na inserção do adolescente na cultura moderna?

O gozo imaginário se manifesta como constitutivo na infância através do faz de conta. Na adolescência, ele pode apresentar-se através de algumas formas de enfermidade, nos

sintomas vigentes na sociedade como: bulimia, anorexia, obesidade, delinquência, drogadição, fobias, etc. Tais enfermidades refletem a dificuldade do jovem reconfigurar seu imaginário. Como vimos, o sujeito se constitui primeiramente através de uma imagem, sendo pela separação que compõe novas formas de estar com o outro.

Desta forma, em relação à questão do ver, do olhar e da virtualidade podemos efetuar algumas considerações. O olhar simbólico, que vem do Outro, marca com um traço a subjetividade e vai estabelecendo a série de ‘objetos a’, os quais não são especulares, sendo o que permite a socialização, identificações e introjeções que são de ordem simbólica. Ao falar sobre suas percepções e angústias a Outro numa relação de alteridade o jovem consegue estabelecer formas de se inserir no social.

As imagens produzidas pelas tecnologias podem tamponar a falta, quando o ambiente facilitador ou primordial, não forneceu elementos simbólicos suficientes, no sentido da criança sentir confiança no ambiente para representar suas pulsões, agir e viver no mundo. A falta é que produz o pensamento e leva a ação no mundo dos objetos.

Assim, o virtual e a imagem quando advém das coletividades, mesmo sendo constitutivo podem, em algumas circunstâncias, encobrir a falta, e produzir ‘cegueira’ caso não estejamos prevenidos de nossa inconsistência simbólica. Saramago (2000), em seu ensaio sobre a cegueira, equivale à dificuldade de ver à especularidade que impede de compreender o olhar do outro. A paixão é efetivamente cega, pois ela implica uma idealização do outro e uma entrega, ‘entregar os olhos’, ‘ver com a luz de teus olhos’, como em um fascínio hipnótico.

No ciberespaço preponderam aspectos imaginários, há os amigos virtuais nas redes sociais, sendo que as fantasias são vividas virtualmente. Hoje, muitos adolescentes, na clínica trazem questões referentes às relações com amigos virtuais, sendo que entre os jovens, muitas vezes, os namoros iniciam através de encontros virtuais no ciberespaço.

Para pensarmos as questões virtuais no jogo pulsão, objeto e demanda nos reportamos aos ensinamentos de Costa (1998), quando aborda as relações que se estabelecem entre os sujeitos. No jogo pulsão, objeto e demanda, no aspecto relacional da busca pela satisfação, o parcial, ou o individual tende a se totalizar, porque desde o princípio há um sentido totalizador do lugar do Outro, na demanda do Outro (COSTA, 1998).

O cuidado que precisamos ter é que existe o que é da ordem do especular, contudo, há o que é da ordem do não especular, ou seja, da ordem da realidade que temos acesso através

da fantasia. Há também, o que vai de encontro ao transito pela ordem do fantasma²³ particular de cada um, que comporta um percurso de análise e que implica na relação do sujeito com o objeto a, ou objeto que cai, a proporção em que é representado, quando há uma relação de dissimetria de lugares entre o ser e o Outro (COSTA, 1998).

Na relação especular podemos pensar nos elementos alienação e fascínio, numa perspectiva psicanalítica articulada ao ciberespaço, sendo que encontramos no texto de Lima (2006), o elemento do fascínio pela imagem. A autora propõe, a partir de seu estudo sobre a função da imagem na constituição subjetiva que, o fascínio está relacionado principalmente ao poder estruturante da identificação e identificação à imagem.

Nesse sentido, Lima (2006) aponta que a multiplicidade de imagens crescente, como a virtualidade tecnológica tem promovido a expansão do imaginário da subjetividade, com todos seus efeitos como perda da dimensão simbólica, ou seja, a busca pelo prazer imediato, desinteresse pelas atividades que exigem esforço ou adiamento da satisfação. Somando-se ao apelo de imagens, ela indica que o extremo disso seria que a utilização do espaço virtual pode levar o sujeito a uma posição de alienação à imagem fascinante, conseqüentemente à perda reflexiva e da capacidade crítica do pensamento.

Estamos em acordo com a hipótese de Lima (2006), quando indica que a imagem eletrônica, em especial, o ciberespaço pode exercer fascínio sobre o sujeito e ter como consequência o convite a uma posição de alienação ao objeto fascinante. Entretanto, nossa pesquisa indica que as metamorfoses subjetivas na modernidade são intrínsecas as evoluções geracionais e mudanças sócio-políticas e econômicas da cultura vigente (LIPOVETSKY, 2005).

Acreditamos que o fascínio pela imagem especular pode associar-se a mais-valia das pulsões escópicas sobre as outras pulsões e remeter a transmissões contingentes formadas no âmbito familiar. Já vimos, em Dolto (1992), o perigo das imagens escópicas preponderarem antes que, a imagem simbólica do *eu* tenha se constituído.

Destacamos que durante a constituição do sujeito, na fase do espelho, os operadores conceituais alienação-separação estão presentes (COSTA, 1998). Tal operação trata da relação do sujeito com seu corpo em termos de identificação a uma imagem. A alienação significa ser objeto de desejo do outro, sendo que na separação, há uma dispersão dessa

²³ Fantasma ou Fantasia (alem: Phantasie;fr:fantasme;ing:fantasy ou phantasy). Para S. Freud, representação, argumento imaginário, consciente (devaneio), pré-consciente ou inconsciente, implicando um ou vários personagens, que coloca em cena um desejo. J. Lacan destacou a natureza essencialmente de linguagem do fantasma. Irá propor a seguinte matema: \$ pulsão a, que se lê, " S barrado punção de a". Esse matema designa a relação do sujeito do inconsciente, barrado e dividido por sua entrada no universo dos significantes, com o objeto pequeno a, que constitui a causa inconsciente de seu desejo (CHEMAMA, 1995, p.70-71).

imagem, onde o sujeito se recusa a esse desejo e manifesta oposição. Esta experiência nunca se conclui, vivemos nessa dialética de ser o que a sociedade quer e nos diferenciamos numa singularidade de acordo com os desejos e anseios particulares. É a linguagem ou a fala que organiza a subjetividade a partir da relação com o Outro.

O entendimento referido pode se articular as novas narrativas no ciberespaço por quê? Porque os indivíduos que operam nas redes sociais do ciberespaço podem também, utilizar seus instrumentos como mediação, na relação com o outro.

Segundo Lévy (1999) a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem como: interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligências coletivas e suas aspirações coerentes. Assim, a criação da comunicação baseada na informática foi iniciada por um movimento de jovens metropolitanos cultos, que veio à tona, no final dos anos 80. Este movimento social incentivou novas formas de comunicação que, vão de encontro ao que refere Figueiredo (1996), sobre a subjetividade moderna privatizada.

Tais jovens construíram a *internet*, sendo esta um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva. É o grande espaço do novo planeta informacional. Muitos territórios alimentam esse espaço, como redes independentes de empresas, de bibliotecas, museus, jornais, televisão, etc. A *internet* é um dos mais importantes exemplos de cooperativa internacional, expressão técnica de um movimento que começou por baixo, alimentado por iniciativas locais.

Nesse meio, a correspondência entre os indivíduos ocorre de forma fluída e veloz, sendo o verdadeiro uso do correio que havia iniciado no século XVII através da técnica postal (LÉVY, 1999). O movimento social *internet* é o verdadeiro uso da rede telefônica e do computador pessoal, sendo o ciberespaço um lugar de prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária. O ciberespaço pode ser pensado como horizonte do mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir.

Assim, por um lado há o argumento de Costa (1998), quando sublinha que no jogo pulsão-demanda, no aspecto relacional da busca pela satisfação, o parcial, ou o individual tende a se totalizar, porque desde o princípio há um sentido totalizador do lugar do Outro. De outro modo, verificamos a indicação de Lévy (1999), quando aborda os movimentos social *internet* como não totalizável. Nossa posição é a de que esses movimentos apresentam o caráter de alienação imaginária preponderante, caso não haja uma tomada de posição do sujeito em relação ao seu desejo no laço estabelecido.

Segundo Francisco (2000) o ser na contemporaneidade habita tempos híbridos entre diversas composições, uma junção entre organismo e máquina, humano e animal (exemplo de pesquisas genéticas), fora da separação entre sujeito e objeto do conhecimento. Tais mudanças subjetivas compõem interfaces. Sendo que, “Interface é uma superfície de contato, de tradução, de articulação entre dois espaços, duas ordens de realidade diferentes, de um código para o outro, do analógico para o digital, do mecânico para o humano...” (LÉVY *apud* FRANCISCO, 2000, p.48). Tudo aquilo que é tradução, transformação é da ordem da interface.

Desta forma, podemos pensar que a reconfiguração do imaginário na adolescência implica na passagem de um código para outro, ou seja, no laço com o outro, as indicações se produzem a partir do Outro. Verificamos, que Dolto (1992), num determinado momento de seus escritos argumenta que, as mutações humanas são processos promovidos pela experiência através das castrações na relação com o outro. Assim, no mundo mutante que vivemos não podemos ficar atrelados ao código do outro?

Isso nos remete para o tempo de separação que o adolescente necessitaria efetuar relativo à demanda do Outro. As demandas sociais, culturais, políticas e econômicas nas quais os indivíduos estão submersos, podem representar dispositivos moleculares, os quais de algum modo constituem, também, as subjetividades humanas.

Costa (1998) aponta que, a proposta de uma lógica resultante do coletivo é sustentada na máxima freudiana de que o sujeito do coletivo é o mesmo do individual. Desta forma, para nos reposicionar diante das imagens que, produzem fascínio e prometem reconhecimento e *status* humano uma das vias pode ser construir laços simbólicos com o outro.

Através das leituras de Costa (1998) verificamos que o sujeito do coletivo está alienado a demanda do Outro, mas quando o sujeito afirma seu desejo vai constituir a separação. Assim, para o sujeito viver o que possa ser seu desejo ele precisa ter passado pela experiência de desejo do Outro. Podemos dizer que ele precisa ter sido incluído no desejo do Outro para que possa sacar-se numa relação de desejo. Esse é o fundamento necessário da alienação.

Conforme a teoria lacaniana, o inconsciente se estrutura como linguagem, produz efeitos na fala e como símbolo reflete discursos sociais. Tais aspectos se relacionam com o imaginário e a adolescência, porque o sujeito precisa arriscar a tomada da palavra de modo singular, se as redes sociais são espaços intotalizáveis é porque se supõem que nos laços estabelecidos haja posições de alteridade.

Nesse escrito não temos a pretensão de penetrar exaustivamente no tema das redes sociais, mas sim compartilhar uma experiência e interligar aspectos sobre o imaginário e a reconfiguração da passagem da adolescência. Compreendemos através deste estudo, o valor do campo imaginário e da operação alienação-separação, para efetivação de uma posição de sujeito nas narrativas atuais. Na clínica e na literatura encontramos com adolescentes atravessados por essas interfaces, mutações que promovem deslocamentos da linguagem quando, há Outro que, confere a essas narrativas o *status* de representação.

Pensamos que uma pesquisa mais profunda sobre a articulação entre o imaginário e o ciberespaço pode se constituir num tempo à *posteriori* de nossas investigações. O corpo que se mostra na escrita, que é um traço dado ao olhar, funcionando como espelho, também articula as imagens que circulam através das narrativas no ciberespaço e nos convocam a associações e representações.

Contudo, podemos afirmar que as ferramentas da *internet* são instrumentos, que podem favorecer a construção da subjetividade humana, um exemplo disso, foi à experiência que tivemos com um grupo de pesquisa numa Universidade do interior no Rio Grande do Sul. Podemos recordar tal experiência do grupo de pesquisa intitulado *Criando laços via recursos informatizados*. Esta experiência se procedeu durante um projeto de pesquisa, estabelecido na Universidade, sob coordenação da professora Deise Juliana Francisco.

Esse grupo, com usuários do CAPS II²⁴, era acompanhado por três estagiárias de psicologia e um estagiário do curso de informática. O número de participantes eram em torno de seis a oito pessoas, o que variava a cada encontro, devido a particularidades subjetivas de cada participante. O projeto durou cerca de dois anos, sendo que alguns participantes desistiram e outros se inseriram no projeto.

Nesse ambiente, tivemos a oportunidade de conviver com os usuários do CAPS II utilizando as ferramentas do ciberespaço como instrumento de mediação entre os participantes e como elemento simbólico da relação subjetiva entre o sujeito e o Outro. Foi uma experiência rica para nós, e conseqüentemente para eles, pelo clima que se produziu, bem como, pela superação diante do estranho em nós e no próprio grupo. Através da máquina informacional nos comunicávamos com a professora responsável pelo projeto, que residia naquela época, durante alguns meses, em Portugal.

Os usuários que participaram do grupo eram de diversas idades cronológicas. Em relação à imagem virtual e ao imaginário que se produzia a partir da *internet*, bem como, na

²⁴ CAPS II é um Centro de Atenção Psicossocial, um serviço aberto para atendimento diário de adultos com transtornos mentais de personalidade severos e persistentes.

subjetividade de cada pessoa, a experiência com os participantes era pensada a partir das características individuais no grupo e aos encaminhamentos de linguagem que produzíamos. Esses recursos e produções eram recortados pelos pesquisadores e devolvidos na forma de palavras verbais e produções escritas com e entre os participantes.

Notávamos em alguns participantes, certa hesitação diante da imagem produzida via *skipe*, durante a comunicação com a professora responsável pelo projeto. Alguns preferiam conversar com a professora, sem a imagem da câmera. Já outros, achavam interessantes esses movimentos, no contexto da imagem de si e do outro, onde na sequência das relações produziam-se outros deslocamentos. Podemos referir que, uma página do CAPS II foi produzida pelo grupo e inserida na *internet*, além de outras produções como escritas de poesias, o uso da máquina fotográfica para produzir narrativas através das fotografias. Afirmamos que a vontade de comunicação e de saber entre todos os participantes do grupo se intensificou de forma salutar.

Com base nessa experiência e os estudos desenvolvidos nossa posição é que as imagens produzidas através das redes sociais na *internet* são instrumentos, que podem favorecer a construção da subjetividade humana à medida que inclui a linguagem. A proporção em que existe um laço com o outro mediado por questões simbólicas e afetivas, há produção de uma dialógica subjetiva que, promove o convívio humano e a ampliação de limites criando novas territorialidades. Podemos referir, quando não há uma mediação através da linguagem isso pode não ocorrer, assim o sujeito pode ficar alienado ao código do outro no instante de ver.

O imaginário é o campo sobre o qual se ergue a fortaleza protetora do narcisismo. Kehl (2009) indica que, o imaginário é o campo das identidades e sustentam a miragem do ser. É o campo em que se configuram, por efeito de espelhamento, todas as identificações humanas. Por óbvio, não é possível dispensar o imaginário, sendo que não dá para viver no mundo sem acreditar, na maior parte do tempo, que as coisas “são como são”, isto é, são como se apresentam imaginariamente a nós. Não podemos viver sem sentido, no arbítrio do significante, na pura dimensão simbólica que, é a dimensão fundamental do pensamento.

Em relação à imagem especular que é a imagem marcada pelo imaginário, a autora referida sublinha que, o poder reconfortante da imagem é diretamente proporcional à sua violência. Kehl (2009) reportando-se a Hanna Arendt escreve que, no terreno em que o pensamento é dispensado, os homens tornam-se dispensáveis, e onde os homens são dispensáveis, a violência domina com facilidade o laço social.

Constatamos que tais considerações são importantes, porque na modernidade líquida²⁵, muito se fala no individualismo, há críticas exaustivas em relação à *internet*, às novas tecnologias digitais, bem como, às formas de alienação produzidas pela televisão e pelos movimentos em rede, que podem nos dispensar da capacidade de pensar. Entretanto, há aspectos imanentes que devem ser considerados para além da crítica exaustiva e superficial. A partir da cultura das massas, da comunicação e do consumo impôs-se uma nova norma majoritária de viver aqui e agora, conforme as vontades próprias, sendo que “A mídia acionou junto com os ‘objetos’, uma dinâmica de emancipação dos indivíduos em relação às autoridades institucionalizadas e às coesões identitárias” (LIPOVETSKY, 2004, p.70).

Entendemos, a partir da leitura de Lipovetsky (2004), que a mídia sendo uma das forças na dinâmica da individuação dos modos de vida e dos comportamentos da época, dissemina no corpo social as normas de felicidade e do consumo privado, da liberdade individual, do lazer, das viagens, do prazer erótico. No entanto, a mídia também sacraliza o direito às ações individuais promovendo a cultura relacional, celebrando o amor pelo corpo, os prazeres e o bem-estar privado, sendo agente de dissolução das forças das tradições e das barreiras de classes, das morais rigorosas e grandes ideologias políticas totalitárias.

Tais aspectos podem ser pensados a partir das mudanças subjetivas do sujeito em contextos globalizados. As mutações são produzidas através de representações e laços sociais que, nos dizem dos limites do sujeito de uma cultura e de determinado momento histórico-social.

Há aspectos que preocupam como os novos sintomas sociais manifestados pelos próprios adolescentes. Entretanto, há indícios de movimentos positivos, os quais promovem novas formas de relações sociais com comprometimento e responsabilidade com o próximo, com a verdade em si mesmo. Lipovetsky (2005), fala sobre a benevolência, pois milhões de pessoas dedicam seu tempo à caridade e também à luta contra a corrupção, que é gerada sob a reação da democracia.

Dessa forma, compreendemos, com bases nos autores indicados que, o vilão da dificuldade do adolescente se inserir no social não se concentra somente nos movimentos e imagens produzidas pelas tecnologias digitais, que são instrumentos da subjetividade, mas sim nas fragilidades relativas às transmissões, às patologias associadas à imagem, na falta de

²⁵ Termo utilizado por Bauman (2001), no seu escrito, sobre Modernidade Líquida para se referir as formas de subjetividade na sociedade moderna, onde a velocidade, a fluidez, a leveza e os movimentos de emancipação social são características presentes e desejadas pelo humano.

sensibilidade do sujeito diante dos limites da vida que, dificultam a reconfiguração do imaginário na adolescência.

A psicanalista Kehl (2009) aponta que, a clínica lacaniana produz um mal-entendido que consiste na condenação das formações imaginárias. Entendemos ao longo da pesquisa que os três registros, RSI (real, simbólico e imaginário), são indissociáveis, sendo que a técnica recomenda que o analista se atenha à cadeia significante de modo a não se envolver com as seduções da ‘novela familiar’ de que o neurótico se serve para assegurar-se do sentido de seus sintomas e de suas identificações.

Entendemos, assim, que o trabalho contra os espelhismos imaginários, com ênfase na cadeia significante e nas estruturas simbólicas que ela determina, não é um trabalho contra o imaginário. O imaginário conforme já abordamos é uma das três dimensões fundamentais na sustentação do sujeito.

Quando estudamos a inserção do sujeito na cultura, verificamos que, a posição de sujeito para psicanálise se difere das questões do indivíduo ou do ser. Ser ou não ser, não necessariamente precisa ser respondido, cabe ao sujeito efetuar reposicionamentos contingentes através da linguagem ao longo da vida. O estatuto de sujeito está sempre em questão, não se conquista uma posição de alteridade absoluta, mas sim, tal posição é colocada em causa em relação à posição do outro a cada tempo e lugar. Podemos lembrar aqui, como vimos em Lacan, que o advento da alteridade, inicia nos primórdios durante a fase do espelho.

Pensar o registro do imaginário e adolescência articulado com as novas narrativas nos contextos sociais das redes virtuais, nos remete as novas formas de habitar a modernidade. Somos seres híbridos como refere Francisco (2000), ou mutantes como aponta Dolto (1992), nos reconfiguramos para além da relação eu-objeto, assim as máquinas digitais e os textos literários podem se constituir em elementos de articulação subjetiva.

Com isso, seja como *cyborg*, como andróides ou mutantes o sujeito pode narrar sua vida de outras formas que, permite a descoberta de outros caminhos e territórios. O adolescente quando ‘disperso’ nas coletividades pode perceber uma existência, sem nome em si mesmo, no tempo da dúvida. A dúvida se sustenta pela afirmação do ser que permite o viver e o habitar. Nesse sentido, as novas narrativas na modernidade proporcionam um meio, pelo qual, a parcialidade pode contar.

3.2.3 O lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência

Inicialmente, retomamos alguns pontos da pesquisa tratados no tema sobre a “Adolescência” e o estudo sobre a “Constituição do sujeito e inserção na cultura”, pois situa o

enfoque que estamos desenvolvendo sobre o lugar do imaginário na reconfiguração da passagem adolescente. Este lugar precisa ser pensado em articulação com a constituição do sujeito porque o jovem necessita se apropriar dos significantes paternos realizados na passagem pelo Édipo.

Consideramos que com o advento da sociedade privatizada, o jovem precisou efetuar uma série de elaborações psíquicas, no sentido de constituir-se como sujeito e reconfigurar seu imaginário, pois na cultura moderna, desapareceram os rituais de iniciação da adolescência, os quais visavam submeter o jovem as leis da cultura e lhe garantiam um lugar no social. A cultura produziu mudanças na subjetividade humana, que refletem uma nova ordem pautada em relações horizontalizadas que, orientam a forma dos novos laços sociais, assim ao tomar decisões na modernidade o indivíduo recorre ao seu foro íntimo e se responsabiliza por elas.

Da mesma forma, vimos que no século XIX, surge o sujeito da psicanálise, que é o sujeito do inconsciente, o qual subverte o modelo da clínica pautada sob as premissas do ver e do tocar, paradigmas médicos, em que a descrição e os sintomas eram meios de tratar os pacientes. Forbes (2005) destacou na modernidade, o homem desbussolado e esclarece que relativo ao humano, não se tem um objeto psíquico determinado para satisfação das pulsões, sendo que a pulsão requer representações²⁶, no sentido de termos notícias sobre ela. Ou seja, é preciso falar sobre o que pensamos, somos e almejamos para que o outro acolha nossas ideias e efetivemos ações no mundo.

O sujeito moderno se expressa através da fragmentação da narrativa, a qual demonstra um sintoma de seu tempo, produto de um determinado regime de vida social advindo com a modernidade. Sendo que, a configuração, forma e estilo das narrativas modernas são produzidos, enquanto, ao mesmo tempo, reproduzem especificidades de um momento histórico e social (OLIVEIRA, 2002a).

Tais indicações expressam, de alguma forma, porque é tão difícil aos jovens configurar um modo singular de viver, onde esses possam sentir-se parcialmente reconhecidos, pois necessitam se apropriar de sua condição de sujeito, bem como, de

²⁶ O termo representação é utilizado no sentido de representação da pulsão, ou seja, “(...) o seu caráter fundamental reside no fato da sua consideração implicar também a da noção de pulsão, que se constitui como motor maior do funcionamento psíquico. A pulsão, por sua vez, somente é definível a partir da forma das séries de representações que permitem ao sujeito dar a ela um destino determinado”. Os principais processos, indicados na teoria freudiana, implicados nas representações, que são: simbolização da pulsão, socialização da pulsão, a constituição do objeto da pulsão e a proposição de um posicionamento sexuado por parte do sujeito (OLIVEIRA, 2002b, p. 17-19).

elementos da cultura, construir narrativas próprias e compartilhá-las no social para serem reconhecidos. Sendo que a língua de cada geração é peculiar ao seu tempo, e também demonstra que os jovens para se inserirem no social necessitam interpretar a língua da geração anterior, deslocar aos pares suas representações e se fazer compreender a partir de uma fala própria.

As mudanças nos contextos sociais da cultura podem refletir na forma como os adolescentes se inserem na cultura. Eles podem ficar alienados a demanda do outro, pois também vivenciam o retorno das pulsões pré-edípicas que, necessitam endereçamentos exogâmicos, para novas representações. Somando-se a isso, eles são mais vulneráveis aos apelos dos veículos de comunicação de massa, onde preponderam os apelos de imagens manipuladas pelos sistemas tecnológicos de interesses dominantes.

Em relação ao retorno das pulsões pré-edípicas podemos sublinhar que, na passagem da adolescência, o sujeito precisará reelaborar uma série de operações fundadoras, ou seja, há o retorno de questões implicadas no estágio do espelho, no complexo edípico e na forma como o jovem transita pelas castrações. A seguir abordaremos brevemente, os elementos que participam da construção do campo do imaginário, pois já foram detalhados, no intuito de compreendermos qual o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência.

Numa perspectiva psicanalítica tem-se dito que o acesso do sujeito a ordem da cultura está relacionado com a situação prévia, estruturante, que é o acesso do sujeito a ordem simbólica. Conforme vimos na teoria lacaniana, o campo do imaginário é pensado em articulação ao simbólico e ao real, sendo que se conectam através da *matema* que enlaça esses três registros. Nesse sentido, compreendemos que para o imaginário se constituir é necessário que a linguagem, lhe reconheça um lugar, um ponto de enunciação. Para que isso aconteça, é necessário o testemunho do Outro. Na passagem da adolescência esse lugar conferido pelo Outro vem a ser questionado, sendo endereçado a elementos da cultura.

Ao estudarmos a abordagem da teoria lacaniana a respeito das identificações, enfocamos que a identificação imaginária do *eu* com a imagem do Outro determina a estrutura do *eu*, com efeito, a formação da instância do campo imaginário. O momento inaugural deste processo formador foi designado por Lacan (1998) como estágio do espelho.

O estágio do espelho é compreendido na teoria lacaniana como um momento lógico da redistribuição pulsional e participa na constituição do sujeito, sendo assim, da reconstituição do imaginário na adolescência. Para Rassial (1999) o estágio do espelho é um paradigma, ou seja, uma espécie de estrutura permanente para as outras crises, que podem acometer o sujeito

ao longo da vida, nesse momento o sujeito é capturado por sua própria imagem na relação com o Outro.

A ideia de Rassial (1999) sobre a compreensão do estágio do espelho como paradigma nos remete aos impasses que, o sujeito enfrenta ao longo da vida, pois também demonstra o quanto à estrutura do *eu* e as identificações sofrem a influência da cultura e da linguagem. Viver implica estarmos constantemente em interface com elementos do mundo, onde se atravessa o desejo inconsciente que, antecede o surgimento do *eu* em seus aspectos simbólicos.

Hoje o sujeito pode viver determinadas relações, valorizar determinados aspectos da vida, amar ou não determinadas pessoas, efetuar investimentos em determinados lugares, entretanto, ao longo do tempo o enfoque de suas representações e interesses podem mudar. No âmbito humano não há uma permanência ou domínio do objeto, não sabemos se amanhã teremos esses mesmos sentimentos e expectativas em relação aos determinantes que nos circundam ou que nós mesmos produzimos, sendo que isso explica a ideia de paradigma anunciado pelo autor.

Na relação do sujeito com o mundo, Backes (2004) indica, que toda ideia de estágio do espelho é colocar em relevo uma das funções da imagem, a qual estabelece a ligação entre o organismo e sua realidade, compor a relação do mundo interior (*Innenwelt*) com o meio circulante (*Umwelt*). Assim, se a adolescência é uma realização, seja de sonhos próprios ou dos adultos, o é de uma desmontagem tal que o objeto, como por exemplo, a voz e o olhar só se mantêm na relação com o Outro ao se duplicar, mesmo que provisoriamente, exigindo nova invenção de seu lugar, uma reafirmação de sua perda, ou seja, uma outra simbolização de seus traços.

Na adolescência o imaginário necessita se reorganizar devido ao desinvestimento dos objetos parentais. Conforme as indicações de Rassial (1999) há a “pane do imaginário”. Assim, enquanto a maturidade genital, no plano fisiológico pode ser considerada como cumprimento de um caminho linear enfim completado, a imagem do corpo, a organização do eu, a função de sujeito estão confusas, pois no plano psíquico há descontinuidade, ou seja, uma ruptura no desenvolvimento.

Desse modo, o *eu ideal* precisam ser desinvestido e dar lugar aos novos investimentos pulsionais dirigidos ao social. No momento de passagem da adolescência podem retornar algumas dificuldades e a criança que, ainda o habita, pode manifestar sofrimentos relativos a desilusão consigo mesma, provocada pela sua realização concreta e limitada da realidade.

Para reconfigurar seu imaginário, o sujeito necessita se apropriar da identificação especular que sustentava seu ser no olhar e na voz do Outro parental, posteriormente essa identificação irá lhe oferecer outra consistência. Assim, à medida que o Outro parental é afetado em seu valor devido à desidealização do jovem, o sujeito está ameaçado em sua identidade e os objetos não são ilesos, porque eles precisam ser novamente representados através dos laços exogâmicos.

Incidir o essencial da divisão do lado do sujeito demonstra que “o *eu ideal* é considerado primeiramente como objeto e imagem para o Outro” (RASSIAL, 1999, p.50). Sendo assim, na passagem da adolescência para reconfigurar seu imaginário, o sujeito necessita compartilhar seus ideais com outros externos ao ambiente familiar, para que estes, ao serem reconhecidos, sejam rearticulados pela linguagem.

De fato, ser primeiramente objeto e imagem para o Outro, e num segundo tempo, representar essas imagens através das conexões de linguagem implica na desmontagem de figuras ideais, destituição do caráter unitário da imagem e deslocamentos subjetivos para novos investimentos, ou uma série de investimentos pulsionais.

No postulado de Lacan (1998), como o sujeito se constitui a partir do Outro, ele está assujeitado, submetido ao Outro, disso advém o conflito alienação-separação, que o adolescente em sua posição de sujeito necessitará compor para se inserir socialmente. Entrementes, o que estrutura toda vida de fantasia humana é a aventura original na qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo.

O jovem necessitará processar a operação psíquica de alienação-separação diante dos determinantes reais, imaginários e simbólicos, que marcam sua posição diante de si e dos outros, no sentido de uma inserção social. Desta forma, por um lado temos o imaginário constituído na infância e por outro lado, o adolescente necessita processar a dialética da diferença, através de elementos simbólicos, recolhidos numa relação de linguagem com vínculos reais (POLI, 2004).

A operação alienação-separação está presente no estágio do espelho e se reedita, na passagem da adolescência, associada com a afecção imaginária do *eu*, que advém do desmoronamento da consistência parental imaginária do Outro, ou seja, relativo à mãe e ao Outro do Édipo. Nessa senda, consideramos que é importante compreender a ideia de alienação, no sentido de sabermos, de que forma o adolescente se engaja no social, e também, reconfigura seu imaginário.

O conceito alienação em Lacan (1985) parte de seu ‘O Seminário 11’. A alienação se fundamenta na suposição de toda afirmação do lado do sujeito, parte de algo compartilhado, do que tem em comum com Outro. O que há em comum? Não é apreensível nem quanto ser nem enquanto sentido. O que há em comum é a falta de ser, falta de sentido, que mantém articuladas os dois campos, ou seja, o ser e o sentido. Assim, o sujeito só pode firmar-se como resultado dessa conjugação, na medida, que o ser está do lado de sentido, o sentido fica do lado do Outro (COSTA, 1998).

O estudo de Costa (1998), a respeito do conceito de alienação demonstra aspectos referentes aos laços humanos, no tempo da alteridade imaginária, em que o sentido está do lado do Outro. Entretanto, num segundo tempo, concerne ao sujeito se responsabilizar pelo seu desejo e estar atento aos efeitos de sua fala endereçada ao social, porque o sentido daquilo que se fala, advém *a posteriori*, ou do retorno das reflexões do pensamento.

As indicações que o outro oferece, quando são simbólicas, podem propiciar oportunidades para que o sujeito reconfigure seu imaginário e transforme sua visão de mundo, permitindo que seus ideais se expressem de outra forma.

Desse modo, as identificações que o jovem vai estabelecendo no meio social permitem que ele enlace, a cada tempo e lugar seu corpo e seu imaginário, através de elementos da linguagem. Efetivamente, a forma como o adolescente reconfigura as imagens, tanto aquelas do mundo intersubjetivo, como aquelas dos espaços transubjetivos são fundamentais para reconfiguração do seu imaginário, pois demonstram a forma como ele transita pelo social.

Quando abordamos o complexo de Édipo, na parte que enfocamos a constituição do sujeito, sublinhamos que ele constitui o eixo de acesso do sujeito à ordem da cultura e à ordem simbólica graças à existência de um terceiro termo: a função paterna. Compreendemos que esta função respeitada pela mãe é de fundamental importância para que o sujeito se engaje no seu devir a partir de laços exogâmicos.

Na adolescência os elementos implicados nesse contexto retornam para serem reconfigurados, monitorizados pelas experiências através do complexo de castração, que se renova no inconsciente ao longo de toda existência e particularmente é recolocada em jogo no momento da passagem da adolescência.

A imagem do corpo está sujeita às influências de diversas “castrações”, portanto, não se trata apenas de um reajuste da imagem na adolescência, mas de uma modificação do valor mesmo do corpo, como funcionava para a criança, pois o portador do olhar, privilegiado, não é mais um dos pais, mas o semelhante, cujo desejo, o jovem necessitará reconhecer e posicionar-se conforme seus limites e enlaçamentos subjetivos (DOLTO, 1992).

A autora referida aponta que nos primórdios da infância, os elementos simbólicos recebidos do Outro para a constituição do sujeito, permitem a configuração do *eu ideal*²⁷, através das elaborações narcísicas e identificações primárias que são imaginárias. Posteriormente, a partir da metáfora paterna e da passagem edípica, através das castrações há prevalência do processo secundário de identificações e direcionamento para constituição do *ideal do eu*.

Assim, o *eu ideal* compõe a matriz do *eu*, ou seja, a sua estrutura, sendo o registro da ilusão, das relações duais, do engodo, da alienação, do momento fotográfico, ou seja, do imaginário. Num outro tempo, o sujeito resitua-se diante de suas determinações reais, imaginárias e simbólicas e estabelece a afirmação de seu *eu* e se engaja na reconfiguração dos ideais do *eu*, através das identificações secundárias que compõe com os outros no social.

Retorna a pergunta que efetuamos quando abordamos a teoria lacaniana. Que elementos do imaginário se reconfiguram na adolescência?

Se reconfiguram as imagos primordiais que, pelo desinvestimento pulsional necessitam novos endereços no social, na passagem da adolescência. O estatuto do corpo muda através do enlace das representações imaginárias e simbólicas, com efeito, podemos dizer que, o *eu ideal* se modifica através do narcisismo secundário agora a serviço do *ideal do eu*. Portanto, o que se reconfigura não é somente o imaginário, mas o imaginário articulado ao simbólico.

Ao mesmo tempo em que o *ideal de eu* é um ponto de alteridade, a partir do qual o sujeito se constitui na singularidade (sujeito do significante), o *eu ideal* é a imagem da qual o sujeito vai se servir para que se construa tanto sua imagem corporal quanto a realidade. Desta forma, haverá *ideal de eu* e o *eu ideal* como alteridades no jogo da constituição subjetiva: respectivamente, a alteridade simbólica e imaginária (FLORES, 2011).

As formações das imagens são tão indispensáveis quanto à alteridade para construção das representações. Sobretudo, para que as proposições de representações adquiram seu caráter unitário, sob a forma de imagem, através de traços que terão sido de percepção (OLIVEIRA, 2009). O caráter unitário das representações é percebido quando endereçado ao outro numa relação de alteridade que se abre numa série de representações e conjunto de pensamentos.

²⁷ De outro modo, Blos (1998) também esclarece que, na adolescência há um fenômeno de intensificação do *eu*, que é um fenômeno de restituição, o qual pode ser visto em relação ao eu corporal, eu sensível e eu auto-observador.

A passagem da adolescência exige que o sujeito se responsabilize com relação à expansão de sua subjetividade através das conexões de elementos da língua, ou seja, através da linguagem endereçada ao social, no sentido de que possa ser representada. As ‘formações psíquicas’ causais podem dar lugar à ‘composições discursivas’ em que cada elemento se torna parte de uma série determinada.

Dessa forma, a “muda”²⁸ do jovem implicada nesse trabalho subjetivo de reconfiguração do imaginário na passagem adolescente é semelhante às mudas de plantas, as quais quando transportadas para terrenos férteis promovem crescimento e força para as mesmas. Consideramos que, o terreno para o qual são transportadas estas mudas, é de fundamental importância, nessa mesma via podemos pensar que, a criatividade do jovem, para se expressar de forma construtiva precisa estar em sintonia, com o acolhimento oferecido pelo Outro.

Quando o sujeito consegue se apropriar de sua história aceitando suas fragilidades e ao mesmo tempo suas capacidades, consegue enlaçar seu imaginário através de elementos simbólicos. Ele efetua mudanças pessoais e toma posições subjetivas, organiza seu *eu* e apropria-se de uma imagem de corpo adequada aos seus ideais.

Estudamos na análise do personagem Cosme, que num determinado momento, ele se retira para “copa das árvores” no sentido de elaborar seu conflito adolescente. Algumas vezes, o sentimento de ser invadido pelo outro, leva o indivíduo como defesa, a reter muitas de suas conquistas infantis, ainda que coexista o prazer e a ânsia de alcançar o seu novo *status* de adulto.

Esse tempo de afastamento do jovem da família pode ser de grande importância, pois oferece um espaço para que o sujeito ligue-se novamente ao seu passado e enfrente o futuro. Após um tempo de introspecção o jovem poderá se voltar para o social, a partir de outras demandas, efetuando escolhas, operações complexas de reinscrições, transformações e reposicionamentos subjetivos (KNOBEL, 1981).

Através da pesquisa compreendemos que, é difícil para os jovens reconfigurar um modo próprio de viver, às vezes eles se retiram do convívio familiar, por determinados momentos, pois não encontram palavras para definir o que sentem. Depois de um determinado tempo e período, esses jovens podem endereçar suas pulsões a outros, fora do circuito familiar, assim efetivam suas representações, constroem narrativas próprias e efetuam ações para serem compartilhadas no social.

²⁸ A “muda” adolescente é pensada a partir da metáfora de Calvino, quando Cosme afirma: “Aquele que deseja observar bem a terra deve manter a devida distância” (2008, p.168).

Dessa forma, através do estudo verificamos que o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência, participa da reestruturação do *eu* e também dos efeitos de sujeito ao longo do tempo, pois as identificações imaginárias, simbólicas e reais vão se estabelecendo concomitantemente ao longo da vida. Assim, ser aquilo que os pais sonharam e a *posteriori*, na adolescência, articular tais elementos com seu próprio desejo, leva o adolescente ao trabalho psíquico de se haver com sua falta constitutiva, com suas fragilidades e com a experiência de alienação-separação relativa à demanda do Outro através da linguagem.

Constatamos pela literatura, através da análise dos personagens que, o lugar do imaginário é singular ao sujeito, ou seja, é um lugar que lhe é oferecido a partir de uma alteridade imaginária, sendo constituinte do *eu* ideal. Também pode ser entendido como um lugar de borda. Os personagens expressaram suas vidas de modos distintos, ou seja, expressaram seus sintomas, viveram suas fantasias e seus desejos. Sendo que, alguns pareceram ficar no instante de ver, ou seja, no fascínio da imagem. Já outros se engajaram no momento de compreender, ora numa relação de alteridade, ora vacilando a sua inscrição no Outro.

O imaginário na adolescência encontra-se mais suscetível aos apelos da cultura, devido aos conflitos estruturais e aos efeitos de linguagem indicados anteriormente. Entretanto, o trânsito através de suas experiências ao longo da vida permite que o sujeito encontre formas de enlaçar suas representações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa intitulada *A RECONFIGURAÇÃO DO IMAGINÁRIO NA ADOLESCÊNCIA: um recorte teórico em o barão nas árvores, de Ítalo Calvino, à luz da psicanálise* apontou como problema para o estudo: Qual o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência? Para efetuar essa pesquisa recorreremos à metapsicologia psicanalítica, onde retomamos aspectos teóricos e conceituais que nos possibilitou interpretar os fragmentos narrativos de alguns personagens da obra “O barão nas árvores” de Calvino (2008), e também fundamentar deslocamentos subjetivos sobre a inserção do adolescente nos novos contextos da cultura.

Através da pesquisa compreendemos que, há indivíduos na cultura que, num momento ou outro são sujeitos, por questões contingentes da vida porque desde o princípio da existência de cada um, há referencia ao Outro. A análise e interpretação do estudo contribuíram para pensarmos a reconfiguração do imaginário na passagem adolescente, e assim, a operação alienação-separação que concerne à passagem do jovem do familiar ao social.

Esta operação também indica uma dimensão ética, que implica no trabalho de escutar o inconsciente, que é aquele que reconhece ao sujeito um lugar de linguagem, um lugar de expressão singular no conjunto das pulsões, um sujeito com corpo e inserido na linguagem. Desse modo, as experiências dos jovens, tanto aquelas vividas de forma singular, quanto às experiências compartilhadas em grupos ou instituições os convocam a determinados posicionamentos subjetivos e podem promover os ultrapassamentos do imaginário.

Refletimos sobre as vicissitudes da passagem da adolescência no contexto moderno e sobre as possibilidades do indivíduo se apropriar da linguagem a partir de uma posição singular, onde retomamos alguns conceitos da psicanálise, no sentido de avançarmos na compreensão do texto literário, e também no estudo sobre os modos de inserção dos jovens na cultura.

Desse modo, a análise e interpretação do texto literário, a reflexão sobre os efeitos subjetivos advindos da experiência no projeto, “Criando laços via recursos informatizados”, bem como, os fragmentos narrativos recolhidos da cultura, contribuíram como elementos de reflexão para pensarmos a reconfiguração do imaginário.

O estudo sobre o imaginário permitiu a compreensão de elementos para certas discussões, pois não é possível refletir sobre o simbólico, sem os estudos sobre a constituição das imagens, ou seja, sem o estudo sobre o campo do imaginário. A pesquisa sobre a adolescência, a partir da psicanálise freudo-lacanianana, contribuiu para situarmos as formas pelas quais os adolescentes expressam o seu sofrimento e realizam suas elaborações psíquicas para efetuarem sua inserção no social. Ela é tomada a partir da “moratória” imposta aos adolescentes, sendo que demanda aos jovens realizem aquilo que os adultos não conseguiram realizar.

Percebemos que, na cultura moderna os rituais de iniciação da adolescência foram substituídos por outros, que talvez não cumpram a função, que visava submeter o jovem as leis da cultura e lhe garantissem um lugar no social. Assim, o indivíduo necessitou recorrer ao seu foro íntimo no sentido de efetuar seus posicionamentos e escolhas. Nesse fito, com o advento da sociedade privatizada, o jovem precisou efetuar uma série de elaborações psíquicas, no sentido de constituir-se como sujeito e para reconfigurar o seu imaginário na passagem da adolescência.

A fragmentação da narrativa, do sujeito moderno, demonstra de algum modo, as formas, como o sujeito tem organizado as suas referencias para se inserir no social. A narrativa é um sintoma do seu tempo, produto de um determinado regime de vida social advindo com a modernidade. A configuração, forma e estilo das narrativas modernas são produzidos, enquanto, ao mesmo tempo reproduzem especificidades de um momento histórico e social. Nesse sentido, consideramos importante, a construção da noção psicanalítica de sujeito, pois fornece elementos para pensar a inserção-exclusão do jovem na cultura.

Notamos que, o acesso do sujeito à ordem da cultura está relacionado à situação prévia, estruturante que, é o acesso do sujeito a ordem simbólica. Compreendemos que a dinâmica triangular opera na criança, desde as vicissitudes da problemática edipiana de ambos os genitores, assim as particularidades desta problemática marcam o surgimento da criança como sujeito em relação ao desejo do Outro.

O campo do imaginário comporta elementos distintos ao campo do simbólico. O campo imaginário pode ser considerado como o campo da subjetividade, dos ideais, da

imaginação, das fantasias, dos mitos, das relações duais, dos significados e em algumas situações, articula-se a enfermidade. O *eu ideal* é entendido, na teoria como instância de desconhecimento, ideia de alienação, sede do narcisismo primário e se diferencia daquilo que concerne ao sujeito.

Para chegar a uma compreensão sobre o problema, primeiramente procuramos verificar quais elementos subjetivos participam da constituição do imaginário, bem como, conhecer quais elementos se reconfiguram na adolescência. Aliado a isso, procuramos estudar como o adolescente se reconhece naquilo que não se conforma a uma imagem, ou seja, como ele se reconhece diante das mudanças que acometem a sua subjetividade ao longo de suas experiências. Através do estudo dessas questões, aprofundamos alguns conceitos do campo psicanalítico, então conseguimos construir referências teóricas suficientes, que nos auxiliaram para pensar o lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência.

Conforme a psicanálise lacaniana os elementos que constituem o imaginário na infância abrangem o campo da linguagem, ou seja, implicam em operações concernentes as questões edípicas e a experiência do estágio do espelho. A função materna fornece para criança uma rede de proteção através da linguagem, sendo que na fase do estágio do espelho, há formação da matriz do *eu*, ou seja, a constituição de um esboço, anterior ao pensamento, chamado *eu-imaginário*.

A teoria do estágio do espelho representa o momento inaugural do processo da identificação imaginária como determinante da estrutura do *eu*, ou seja, como formador da função do *eu*. A teoria lacaniana demonstra que, a criança reconhece sua imagem antes de ter um domínio geral de seu corpo, imagem que é virtual, e somente possível graças ao amparo do Outro.

Dessa forma, interpretamos que o estágio do espelho, na teoria lacaniana corresponde a um fenômeno não linear, ou concernente a uma fase de desenvolvimento, mas recorrente ao longo da vida, participa, demonstra a problemática do sujeito relativo ao advento da alteridade, na reconfiguração da sua imagem. Portanto a alienação imaginária é constituinte do *eu*, sendo a imagem que vem do outro, um dos elementos constituintes da subjetividade, ela é formadora do *eu*, é uma representação. A forma como a criança compõe esses elementos, no seio da família, auxilia para que na adolescência reconfigure seu imaginário.

De fato, a subjetividade do sujeito existe, na dependência da linguagem. A imagem pode ser compreendida ao instante de ver, do fascínio, em estreita vinculação com a 'asserção do *eu*' do tempo lógico lacaniano. Assim, no tempo lógico há produção de sujeitos distintos e diversos, no instante de ver, no momento de compreender e no tempo de concluir. No tempo

de compreender se produz a dúvida, que será endereçada ao outro do social, onde se abrem possibilidades para que o sujeito advenha e tome posições pautadas a partir da responsabilidade com o seu desejo.

Através da leitura de Dolto compreendemos que imagem inconsciente do corpo se forma na relação com o Outro, sendo constitutiva do psiquismo, ou seja, do *isso, eu e supereu*. Apreciamos a ideia de imagem, que nos aspectos referentes à identidade participa da constituição do *eu ideal*, assim há alteridade imaginária na relação entre a criança e o Outro. A alteridade simbólica vai se constituindo, desde que o Outro primordial fale com a criança e lhe ofereça uma rede de linguagem, no sentido de mediar sua relação com o outro fornecendo as bases para a constituição do imaginário.

Somando-se ao exposto, a ideia de gesto espontâneo da teoria winnicottiana demonstrou aspectos fundamentais, além da satisfação em Freud e também a problemática narcísica do sujeito. Dessa forma, se não houver alguém que exerça a “função materna suficientemente boa” para construir com a criança experiências simbólicas, o desenvolvimento do seu *eu* poderá ser afrontado. O sujeito ficará sem chance se houver falhas no ambiente facilitador, que apóia a criança, no sentido de suas primeiras experiências. Para a criança compor o vínculo a percepção-percepção depende de que seja visto pelo outro, sendo também o que permite a constituição do imaginário, ou a sustentação do “gesto espontâneo” da criança.

Assim, para que o adolescente se reconheça naquilo que não concerne a uma imagem, precisará processar a dialética da relação com o outro e superar o trauma do espelho compondo ideais simbólicos. A identificação imaginária que origina o *eu* é mais que sequência de imagens sucessivas, é a alienação do *eu* com a imagem invertida do outro, sendo que cabe ao sujeito ir além deste tempo e ser um representante da linguagem. Ele pode assim, compreender que sua imagem inconsciente advém da transmissão simbólica, necessita ir além das fraturas do imaginário. Há necessidade de a imagem ser descontextualizada através da narrativa.

Analisamos que o tema da identidade em psicanálise associa-se a noção de identificação, sendo que o espaço das identificações está fora do campo da percepção dos sentidos. As identificações, as quais se estabelecem inicialmente entre o bebê e o Outro primordial oferecem “traços que teriam sido de percepção”, que formam uma rede de proteção psíquica ao sujeito, ou ao *eu ideal*. Nesse sentido, a identificação opera como marca simbólica, que produz o apagamento do objeto e que gera em cada sujeito, não sua unidade, mas sim sua singularidade. O traço surge de algo do objeto e retém justamente sua unicidade e

apagamento. Desse modo, há relação de objeto com nascimento do signo, que se divide entre significado (registro imaginário) e significante (registro simbólico).

A passagem da adolescência implica numa experiência humana, que só pode ser resolvida por uma identificação com um significante, o qual produz um sujeito (barrado) que é efeito da divisão entre ser (significado) e significante. Nossas identificações são parciais. O simbólico diz respeito ao sujeito, é o registro do significante, no qual as significações não se estabilizam, pois se deslocam na metonímia do ser aberto a novos investimentos pulsionais.

A obra literária de Calvino (2008) contribuiu, no sentido de refletirmos sobre as formas singulares de inserção dos adolescentes na cultura. Pensar sobre a narrativa colaborou para discutirmos sobre alguns conceitos do campo da psicanálise. Conseguimos construir bases teóricas mais claras, sobre a complexidade do tema, que efetivamente proporcionou um entendimento mais sutil sobre o imaginário e sobre os elementos subjetivos implicados na reconfiguração da passagem da adolescência.

A abordagem dos personagens Cosme, Biágio, Batista e Viola demonstraram o imaginário como um lugar psíquico, onde se encontra a nossa pré-história. Cada personagem tentou reconfigurar seu imaginário de acordo com seus sintomas e estabeleceram relações de inclusão-exclusão social. Lembramos que os sintomas já indicam, de alguma forma, a operação adolescente de saída da alienação a demanda do Outro.

O personagem Cosme efetuou deslocamentos subjetivos estabelecendo laços sociais com várias instituições. Através da intelectualização procurou organizar seu *eu* no sentido de ser útil a comunidade, entretanto, conforme sublinhamos na análise da obra, ele não estabeleceu uma vida civil, pois em muitos momentos foi capturado pelo seu imaginário, pelo instante de ver, ou pela imagem do Outro, não enlaçada pelas identificações simbólicas.

Há um momento que o personagem refere para namorada Viola: “Não pode haver amor se não somos nós mesmos com nossas próprias forças”. Sublinhamos “ser ele mesmo” e “com suas próprias forças”, com efeito, há um paradoxo, pois conforme vimos na teoria, o sentido de nossas vidas vem do outro, no entanto, a “força de nossa história” necessita do narcisismo secundário para articular as representações simbólicas.

Por conseguinte, para o adolescente “mudar”, ou reconfigurar seu imaginário, necessita compor uma operação de passagem, verificamos que esse processo implica que o sujeito se responsabilize pelo seu desejo e estabeleça laços além dos familiares. A reconfiguração do imaginário requer em um trabalho psíquico de enlace de representações das pulsões, que é continuamente renovado na psique através da experiência com as castrações.

A “muda” adolescente também pode ser pensada relativa à língua falada que cada um expressa de forma singular. Assim, falar ou não falar implica na confiança de que o sujeito possa ser escutado, a partir de um laço de alteridade, sendo que os efeitos da fala do sujeito dirigida ao Outro podem indicar formas possíveis de reconfiguração do imaginário.

Verificamos nas expressões da subjetividade dos adolescentes na cultura, o caso do garoto que servia de aviõzinho ao tráfico de drogas para comprar tênis *Nike*, e o destino da cantora Amy Winehouse, a qual morreu devido ao excesso de drogas, formas de inclusão social na modernidade. Notamos que os adolescentes, muitas vezes, se inserem na cultura através da exclusão do Outro, que indica um dos tempos do sujeito na reconfiguração do imaginário. Eles apresentam um imaginário pouco tramado pela linguagem, ou seja, sua matriz de compreensão anterior ao pensamento apresenta fragilidades no sentido do jovem se apropriar da transmissão familiar. Os indivíduos com a sua condição de sujeito fragilizada poderão apresentar dificuldades de contornar algumas situações no momento da passagem da adolescência.

Talvez seja precipitado dizer, mas através das bases teóricas que construímos, pensamos que nos casos em que há fragilidades no campo das identificações, primeiro o sujeito necessitará efetuar um trabalho psíquico de constituição do imaginário, a partir de elementos simbólicos da cultura, ou seja, começar sua vida a partir de fora para num segundo tempo processar os sentidos seguintes da reconfiguração da adolescência.

A reflexão sobre a experiência que vivemos no projeto de pesquisa “Criando laços via recursos informatizados” contribuiu, no sentido de pensarmos que o adolescente pode se inserir na cultura também, através de movimentos sociais promovidos pelas redes da *internet*, onde preponderam aspectos virtuais e elementos imaginários. Nossa experiência possibilita indicarmos que as dificuldades dos jovens se inserirem no social, não ocorrem somente devido a influencia dos sistemas tecnológicos, mas sim devido às fragilidades relativas às condições de transmissão da linguagem que constituem, com efeito, o imaginário. Os movimentos sociais no ciberespaço podem servir como instrumentos de articulação entre as relações humanas, isto é, como mediação na relação entre o outro e o Outro, quando a linguagem for capaz de operar e convocar o sujeito a uma posição subjetiva diante de seu desejo.

Portanto, o enfoque através da literatura, bem como, sobre os movimentos sociais dos jovens nas redes virtuais permitiu compreendermos que, o imaginário pode se reconfigurar, através de instrumentos mediadores, ou seja, as histórias narradas podem fornecer elementos tranquilizadores e produzir sentidos para vida de alguém. O Outro ao abrir espaços, para a

articulação do imaginário, fornece um lugar para enlace de elementos subjetivos e deslocamentos de representações.

O lugar do imaginário na reconfiguração da adolescência participa da reestruturação do *eu* e também dos efeitos de sujeito ao longo do tempo, pois as identificações imaginárias, simbólicas e reais vão se estabelecendo, concomitantemente, ao longo da vida do sujeito. Com efeito, o que se reconfigura na adolescência é a função de sujeito, a organização do *eu*, e a imagem corporal.

Constatamos pela literatura, através da análise dos personagens, que o lugar do imaginário é singular ao sujeito, ou seja, é um lugar que lhe é oferecido nos primórdios a partir de uma alteridade imaginária, sendo constituinte do *eu ideal*. Na adolescência, o lugar do imaginário, pode fornecer recursos para suavizar a relação do sujeito com o mundo real, ou seja, fornece as bordas ou crivos que formam um campo protetor ao narcisismo dos jovens.

A partir do problema de pesquisa, assinalemos a guisa de conclusão que, o indivíduo apresentará fragilidades de se inserir no social se o Outro não lhe ofereceu um lugar, um *ethos* simbólico nos momentos iniciais ou períodos específicos da infância em que seu imaginário esta se constituindo. Essas fragilidades do “ser” vão se expressar, nas narrativas dos jovens, na passagem da adolescência e podem interferir em suas possibilidades de conquistar um lugar no social.

Assim, relançamos uma questão, já delineada ao longo do estudo: Como se configuram os espaços simbólicos ou redes de reconhecimento na cultura, quando os adolescentes, por questões contingentes se encontram excluídos de possibilidades de troca social? Tal questão demonstra que a pesquisa produziu aberturas para outros questionamentos em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. A adolescência e psicopatia – Luto pelo corpo, pela identidade e pelos pais infantis. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (Org.). **A adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BACKES, C. A reconstituição do espelho. In: COSTA, Ana et al. (Org.). **Adolescência e experiência de borda**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2004.

_____. O que consome o adolescente. In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n.38, jan/jun.2010

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLOS, P. **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CAILLOS, R. Mimetismo e psicastenia legendária. Che vuoi?. **Psicanálise e cultura**, ano 1, nº 0, outubro 1986, São Paulo.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CALVINO, I. **O barão nas árvores**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAON, J. L. O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 7(2), 1994.

CAON, J. L. Psicanálise <> metapsicologia. In: SLAVUTZKY, A., BRITO, C.L.S & SOUZA, E.L.A. (Orgs.). **História, clínica e perspectiva nos cem anos da psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

COSTA, A. **A ficção de si mesmo: interpretação e ato em psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

_____. **Clinicando: escritas da clínica psicanalítica**. Porto Alegre: APPOA, 2008.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **A Imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva S.A.,1992.

_____. **A criança do espelho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

FÉDIDA, P. **Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 1992.

FLORES, F.R. **Do problema das identidades na pós-modernidade**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFSM. Santa Maria, RS, Brasil, 2011.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IV**. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro. Imago, 1980.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII**. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro. Imago, 1980.

_____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII**. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. O ego e o id. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX**. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. A negativa (1925). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX**. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX**. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1924). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX**. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Introdução ao Narcisismo (1914). In: **Introdução ao narcisismo: ensaio de metapsicologia e outros textos (1924-1916)**. Sigmund Freud: tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Os instintos e seus destinos (1915). In: **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Sigmund Freud: tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FORBES, J. A Bula de Ilhabela. Por um Novo Olhar para um Novo Tempo. In: FORBES, J.; REALE JÚNIOR, M.; JÚNIOR FERRAZ, T. S. (Orgs). **A invenção do futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade**. Barueri, SP: Manole, 2005.

FIGUEIREDO, L.C. **A invenção do psicólogo: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)**. São Paulo: Educ-Escuta,1996.

_____. **Revisitando as psicologias:** da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRANCISCO, D.J. ... Num Salto Mortal de Iniciante. In: FRANCISCO, D.J.; FONSECA, T.M.G. **Formas de Habitar a Contemporaneidade.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

GAMA, Kury, Mario Gama. **Dicionário da mitologia grega e romana.** Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2008. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org>>. Acesso em mar. 2012.

GRAÑA, R.B. **Além do desvio sexual.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

HELMAN, C.G. **Cultura, saúde e doença.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

IRIBARRY, I.N. O que é pesquisa psicanalítica? In: **Ágora**, v.VI, n.1, jan/jun, 2003.

JURANVILLE, A. **Lacan e filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

KEHL, M.R. **Em defesa da família tentacular.** 2003. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br>>. Acesso em jul. 2011.

KEHL, M.R. Imagens da violência e violência das imagens. In: KEHL, M.R. **A fratria órfão.** São Paulo: Olho d'Água, 2008.

_____. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões.** São Paulo: Boitempo, 2009.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (Org.). **A adolescência Normal.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

LACAN, J. A tópica do imaginário. In: **O Seminário, livro I:** os escritos técnicos de Freud, 1953-1953. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. A relação de objeto. In: **O Seminário, livro 4.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

_____. A Ética da Psicanálise. **O Seminário, livro 7.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. **O Seminário livro 11.** Rio de Janeiro: J. Zahar. RJ, 1985.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LIMA, N.L. O fascínio e a alienação no ciberespaço: uma perspectiva psicanalítica. **Arq. bras. psicol.** v.58, n.2. Rio de Janeiro dez 2006. Disponível em: <<http://www.pepsic.bvsalud.org>>. Acesso em set. 2011.

LIPOVETSKY, G. **Metamorfoses da cultura: ética, mídia e empresa.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. O futuro do passado: uma conversa sobre hipermodernidade. In: FORBES, J.; REALE JÚNIOR, M.; JÚNIOR FERRAZ, T. S. (Orgs). **A invenção do futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade.** Barueri, SP: Manole, 2005.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Ed.34, 1999.

MAC DOUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MENEZES, Luís Carlos. **O barão nas árvores de Ítalo Calvino – Resenha.** 2008. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com>>. Acessado em mar. 2011.

NASIO, J. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

OLIVEIRA, I.M. **A fragmentação da narrativa em a hora da estrela, de Clarice Lispector.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras - UFSM, RS. Santa Maria, RS, 2002a.

OLIVEIRA, L.F.L. de. **Injúria: a pulsão na ponta da língua.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2002b.

_____. A repressão e a afirmação subjetiva: a passagem da pulsão pela língua na adolescência. In: COSTA, Ana et al. (Org.). **Adolescência e experiência de borda.** Porto Alegre: Editora da UFRS, 2004.

_____. Língua e a vida pulsional: o processo de representação da pulsão. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, edição especial 73-81, 2009.

OUTEIRAL, J.O. **Adolescer.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PARKER, I. Identificação: significantes, negação e o traço unário no Seminário IX. **Encontro Revista de Psicologia**, vol. XI, n.16, ano 2007.

PHILIPPE, J. **Abandonarás teu pai e tua mãe.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

PIVA. A. Sobre a transmissão. In: PIVA. A e Colaboradores. **Transmissão geracional e clínica vincular.** Porto Alegre: Casa do Psicólogo, 2006.

POLI, M.C.; ÂNGELA, L.B. Adolescência: uma abordagem na psicanálise lacaniana. In: MÔNICA, M.K.M.(Org.). **Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

POLI, M.C. Pesquisa em Psicanálise. In: **Revista Da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n° 29, 2005. Porto Alegre: APPOA, 1995.

RAPPAPORT, C.R. **Adolescência**: Abordagem psicanalítica. São Paulo: EPU, 1993.

RASSIAL, J. J. **A passagem adolescente**: da família ao laço social. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1997.

_____. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

RIBEIRO, Márcia Helena de Menezes. Recomendações aos orientadores de medidas sócio-educativas de liberdade assistida. In: **Seminário de Capacitação – Atendimento jurídico ao adolescente em conflito com a lei**. Santo Ângelo, RS. Out. 2005.

RIVERA, T. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ROUDINESCO, E. & POLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. RJ: Zahar, 1998.

SALES, S. S. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 17 - n° 1, p. 113-127, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acessado em 31 ago. 2011.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEVERO, A.F. Sobre o sujeito na herança transgeracional. Identificação: A via régia da transmissão psíquica. In: PIVA, A. e Colaboradores. **A transmissão transgeracional e a clínica vincular**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SIBENBEG, N. Desenvolvimento infantil e seus transtornos. In: **Seminário: Psicopatologia na infância e adolescência**. Santo Ângelo, 2010.

SOUZA, O. **Fantasia de Brasil**. As identificações em busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, 1994.

SPIZZIRRI, R.C.P. Teoria psicanalítica na clínica de adultos, infância e adolescência. In: **Seminário: Teoria psicanalítica do desenvolvimento humano I**. Instituto Contemporâneo, Porto Alegre, 2007.

VIEIRA, C.G. **A constituição subjetiva na modernidade**. Monografia - Pós-Graduação em Psicanálise na Cultura: Saber e Ética. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

WINNICOTT, D.W. O conceito de indivíduo saudável. In: WINNICOTT, D.W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. In: WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Cap. IX, Rio de Janeiro, 1975.